

@verdade

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR



Jornal Gratuito

www.verdade.co.mz

Sexta-Feira 11 de Julho de 2014 • Venda Proibida • Edição Nº 295 • Ano 6 • Fundador: Erik Charas



Cidade das acáias passa a cidade da imundice

Destaque PÁGINA 15/18

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441
averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



Mahamudo Amurane “escraviza” gente que limpa a cidade



António
Muchanga
detido na BO



Voleibol:
Moçambique exclui-se do Campeonato do Mundo

Sociedade PÁGINA 08

Democracia PÁGINA 11

Plateia PÁGINA 23

Para estar sempre actualizado sobre o que acontece no país e no globo siga-nos no



@TheRealWizzy Mas adoro-a de igual modo. RT @verdademz: Maxixe continua a ser uma cidade selvagem #Inhambane bit.ly/1k5Ryae bit.ly/1k5RvLJ

@CharlesMonizArt Uma mulher deu luz a um bebe com #entradas fora do organismo no hospital central Nampula (HCN) na manha desta quarta-feira(09) @verdademz

@chuabo1961 @verdademz Correctamente, corruptos ignoram às vezes leis que são obedecidas para todos cidadãos de qualquer graus.

@charles_becape @verdademz o senhor guebuza (presidente) nao quer saber de mais nada ditador.

@nunouamusse “@verdademz: MT @AlMero05: Detenção de António Muchanga vai complicar a situação actual #guerra em #Moçambique diz a #Renamo” Pois é

@cristovaobolach Os reis da Estrada voltam a prestar serviços de transporte de passageiros nas rotas inter provinciais. @verdademz pic. twitter.com/h5sbUEnVhS



@ReginaldoMangue @verdademz# José Júnior, 35 anos, guarda na Isoflooring, foi espacado e insultado pelo patronato e será despedido. pic. twitter.com/AtTFTJHtUh



@gil_vicente4 Muito triste! RT @verdademz: Cidadã queima adolescente por lhe ter roubado 100 meticais verdade.co.mz/newsflash/47361 pic. twitter.com/wL86HsU6sz



@jackdcarvalho @verdademz Olá, acabei de baixar a edição de 4/jul. Parabéns. Um abraço do Brasil.

@reinaldoluis19 @verdademz Gabriela é a convidada de honra do músico Cabo Verdiano Gilyto Semedo, que este ano completa 15 anos de carreira.

@_Mwaa_ De quarta a Domingo... RT @muiake “@verdademz: Poluição sonora perturba o descanso dos municípios em #Maputo verdade.co.mz/nacional/47279”

Radar

Editorial

averdademz@gmail.com

Soluções perigosas

O Conselho de Estado supostamente convocado para avaliar a situação político-militar em que o país está mergulhado, desde o ano passado, foi um fiasco. O Chefe de Estado encheu o povo de expectativas para nada. Frustrou-se a convicção de que desse encontro podiam ser encontradas soluções conducentes à paz, uma vez que em sede do famigerado diálogo político entre o Governo e a Renamo ainda não se alcançou nenhum consenso importante para os interesses da nação e as sessões não têm um fim à vista.

A partir da altura em que o António Muchanga foi detido, por alegada incitação à violência, ficámos cativos daqueles que só sabem resolver os seus problemas a tiro. Estamos entregues à nossa própria sorte por egoísmo, prepotência e orgulho de quem não teve a discernimento suficiente para perceber que privar aquele cidadão do gozo da sua liberdade não é, neste momento, uma solução viável para o país. Já não precisamos de nenhuma provas para estarmos certos de que vêm mais balas por aí e a instabilidade vai prevalecer. Os políticos querem mais guerra no país? É para isso que o povo os elegeu?

Quando a notícia sobre a detenção do membro do Conselho de Estado e porta-voz do líder da Renamo correu o mundo como rastilho de pólvora, supostamente a pedido da Procuradoria-Geral da República (PGR), cujo timoneiro era Augusto Paulino, não foi necessário nenhum esforço para que até os leigos entendessem que num clima político de cortar à faca, semelhante àquele em que estamos submersos, não é aconselhável a tomada de medidas extremadas. Contudo, para quem vive em palacetes e controla até o poder judicial pouco importa o que o povo passa.

Na sequência da detenção de Muchanga, o juiz que se tornou famoso julgando um caso de assassinato de Carlos Cardoso colocou o cargo à disposição por alegados problemas de saúde e o seu Chefe não se fez rogado, atendendo o seu pedido de afastamento. Todavia, decisões como estas, tomadas depois de o leite derramar, só fazem sentido se se pensar que o magistrado está a retratar-se de um problema que lhe pesa na consciência: ser visto como o mentor da prisão de Muchanga como uma forma de prestar vasalagem ao seu líder, até porque este já ansiava por esse momento. E não há dúvidas de que, apesar de ser o guardião da legalidade, Paulino não tinha vigor para engendar e concretizar um plano igual sem o aval do alto magistrado da nação.

O que aconteceu no pretenso Conselho de Estado é sinal de que ter um Governo com ligações umbilicais com o partido de que provém é uma ameaça para o povo, sobretudo quando algumas pessoas que compõem aquele órgão não têm virilidade suficiente para travar medidas inconsistentes porque defendem as suas marnadeiras. Mas o culpado por tudo isto somos todos nós que não sabemos dar um basta a este ambiente e ao hábito de viver com o coração apertado devido à gente que quando o poder lhe soube à cabeça toma medidas que nos colocam em risco e nos fazem lembrar o que já tínhamos esquecido pelos piores motivos.

Afinal de contas, quem está a incitar à violência? Ou Guebuza está a vingar-se de alguém? É desta forma que se pretende provar a Afonso Dhlakama que ele pode vir a Maputo à vontade para o encontro com o Presidente da República? E onde queremos chegar com isto, ao estágio de Angola ou da Guiné-Bissau?



Boqueirão da Verdade

"Tudo leva a acreditar que o partido Frelimo, apesar de tudo o que apregoa, está com uma enorme falta de energia. E, por essa razão, em vez de ir buscar a sua energia ao povo, como fazia antes, agora tem que a importar para poder desenvolver as suas actividades. (...) só no passado mês de Junho aquele partido importou 20 contentores de pilhas da marca 777. (...) Milhões e milhões de pilhas para dar energia a um partido debilitado. E, é claro, como se trata de pilhas, pura e simplesmente para uso nas actividades partidárias, não pagou impostos na sua importação", Machado da Graça

"Isto é, o partido Frelimo ficou cheio de energia mas, em compensação, o Estado moçambicano perdeu uma enorme quantidade de energia aduaneira. Com um bocadinho de sorte algumas das pilhas chegam à Procuradoria-Geral da República dando ao Dr. Paulino energia para acabar com toda esta bandalheira e punir, severamente, os culpados. Sejam eles quem forem", idem

"No ano passado, os dirigentes do país lançaram-se em peso contra a greve dos médicos. (...) Num país ainda a emergir da pobreza, a exigência dos médicos era, segundo estes comentadores de serviço (da Rádio e Televisão), uma falta de patriotismo. E era, além disso, uma falta de profissionalismo. E invocou-se o Juramento de Hipócrates. Juramento que grande parte dos comentadores certamente desconhecia. Não passou um ano e os mesmos que antes pediram contenção e patriotismo esqueceram-se do que haviam defendido e reclamaram para si mesmos aquilo que consideravam intolerável para os outros. E a Assembleia da República aprovou para si e para o Presidente da República um pacote de regalias. Hipócrates deve ter-se revoltado no túmulo perante tanta hipocrisia", Mia Couto

"Os mesmos comentadores que atacaram as pretensões dos médicos já não voltaram à Televisão para reclamar patriotismo. Quem saiu à rua foram representantes da sociedade civil que disseram aquilo que estava preso na garganta de muitos outros. Não fossem estas vozes de protesto e o pacote de regalias estava hoje aprovado. E teríamos sobre os ombros de toda a nação um encargo que dá vantagem a uma pequeníssima minoria. Agora que o Presidente da República reenviou a lei para a Assembleia, todos acham que faz todo o sentido reavaliar a dita cuja resolução. Os partidos da oposição ainda foram capazes de se retratar antes do pronunciamento do Presidente. Votaram mas arrependeram-se", idem

"O partido no poder, porém, só falou quando o melhor era não dizer nada. Hipócrates dá a segunda volta no túmulo. Perderam os políticos de todos os partidos com assento na Assembleia a oportunidade de se fazerem respeitar perante os cidadãos que dizem representar. Perderam mais ainda os que são tão ágeis em culpar os outros pela falta de sentido de sacrifício. Houveresse uma separação clara entre fazer política e fazer negócios e o assunto seria outro. (...) A promiscuidade entre

tre o público e o privado não ajuda à reabilitação moral de uma classe que precisa de prestar ainda provas de que existe para servir os outros", ibidem

"O que eu quero é que no (Centro) Joaquim Chissano se chegue a um entendimento e se faça uma declaração de princípio de que o conflito armado termina, onde se anuncie o fim dos combates, que a partir de hoje as forças armadas deixam de ser partidárias, que ambas as partes vão trabalhar em conjunto num exército único, aliás, como foi combinado em Roma (em 1992). O tempo está a acabar e eu quero mesmo apelar ao Presidente Guebuza para que se assine no Joaquim Chissano um protocolo de princípios", Afonso Dhlakama

"Arrependido de ter feito o quê? Como é que vou estar arrependido se o post foi feito com a intenção de provocar debate sobre coisas que eu considero serem sérias no país? Tenho direito de fazer estas considerações e continuo a considerar estas questões sérias. Agora, o aproveitamento que cada um quer fazer; as interpretações que cada um tem desse post é problema seu. Mas eu não estou e nunca vou estar impedido de lutar", Carlos Nuno Castel-Branco

"(...) o Governo colonial procurou melhorar as condições salariais e alimentares dos trabalhadores rurais. Tratou-se de uma resposta política. Nas rações alimentares, por exemplo, foram introduzidas quotas diárias de proteínas, vitaminas e sais minerais, quotas que figuravam em determinações administrativas, determinações que eram acompanhadas de inspecções mensais aos locais de trabalho e à qualidade dos alimentos, como, por exemplo, aconteceu na Zambézia", Carlos Serra

"A partir dessa altura, os relatórios coloniais começaram a mostrar que a preguiça dos colonizados era, finalmente, devida à má alimentação e às doenças. Face àqueles que afirmam que os moçambicanos são preguiçosos, seria oportuno fazer, hoje, um estudo sobre as condições de trabalho dos operários moçambicanos, por exemplo, sobre o que comem em casa e nos locais de trabalho, sobre as doenças que eventualmente os afectam, etc.", idem

"O momento é de mercantilismo político apurado e rápido, permanente e concertado. Assim, e com vista a contrariar formas de fazer política comprovadamente lesivas aos cidadãos, importa que estes se informem e se cultivem de tal sorte se impermeabilizem contra as manobras de políticos de pacotilha. Responder aos que abusam dos poderes de que foram investidos é uma primeira obrigação dos cidadãos", Noé Ntantumbo

"Responder com o voto e defender tal voto é obrigação inalienável de todos. Até ao dia das eleições veremos muita "água correr debaixo da ponte" e muitos políticos ajoelhando-se face aos cidadãos e contando historietas e promessas. Muitos políticos recorrerão a métodos impróprios, unir-se-ão mesmo ao diabo para deixarem passar a sua mensagem", idem

OBITUÁRIO:

Alfredo di Stéfano
1926 – 2014
88 anos



Alfredo di Stéfano, considerado um dos melhores futebolistas de sempre e antigo avançado do Real Madrid, morreu, na última segunda-feira, 07 de Julho, em Madrid, aos 88 anos de idade, vítima de problemas cardiorrespiratórios. O seu último mês de vida foi marcado por várias idas ao hospital devido à crise do coração e a falhas de outros órgãos vitais.

Nascido em Barracas, um bairro de Buenos Aires, a 04 de Julho de 1926, a vítima completaria 88 anos de idade na passada sexta-feira e sentia-se em condições de ir almoçar fora de casa com a família no dia seguinte, mas começou a sentir-se mal durante a refeição, o que fez com que fosse internado de urgência no Hospital Gregório Marañón, em Madrid, onde sofreu uma paragem cardiorrespiratória durante 18 minutos, caindo num coma do qual já não saiu.

Di Stéfano foi internacional por três países diferentes, nomeadamente pela Argentina, onde nasceu; pela Colômbia, onde se exiliou; e por Espanha, onde viveu quase toda a sua vida. Ao serviço do Real Madrid, esteve presente em cinco Taças dos Campeões Europeus consecutivas (1956-1960) – um domínio que seria rompido pelo Benfica – e esteve 11 anos no Real (1953-1963) tendo conquistado oito títulos de campeão espanhol.

O avançado começou a jogar futebol em equipas de bairro sem pensar que alguma vez pudesse enveredar pelo profissionalismo. Em 1946, Di Stéfano foi emprestado ao Huracán, mas regressou ao River Plate, tendo, em 1947, começado a deixar a sua marca. Ele conquistou o título argentino e a Copa América com a seleção. Passou mais um ano e meio no seu país até que, em meados de 1949, uma greve de futebolistas fez com que o atleta fosse para a Colômbia representar o Milonarios de Bogotá.

Até 1952, Di Stéfano conquistou três títulos de campeão e tornou-se internacional pelo país, um estatuto que a FIFA não lhe reconheceu. Contudo, o seu nome já começava a ser conhecido na Europa e, durante uma digressão pelo velho continente, atraiu o interesse de vários clubes. Foi assim que em Espanha, Santiago Bernabéu, presidente do Real Madrid, contratou o avançado mas depois de um diferendo com o Barcelona, que terá sido resolvido a favor dos "merengues", com influência política.

O lendário ex-jogador e técnico argentino teve uma curta e turbulenta passagem pelo Sporting em virtude de um acordo verbal com João Rocha, presidente daquele clube português. O avançado foi eleito melhor jogador do mundo por duas vezes (1957-1959) e terminou a sua carreira como jogador com 40 anos de idade.

Como treinador, Di Stéfano conquistou também vários títulos mas não com a dimensão que o caracterizou como atleta. Em 1991, ele encerrou o seu percurso futebolístico como técnico no Santiago Bernabéu, iniciada em 1997, no Elche. Também treinou, entre outros clubes, o Boca Júnior, o River Plate e o Valencia. Conhecido como "Flecha Loira", à data da sua morte o avançado ocupava a presidência de honra do Real Madrid.

Ficha Técnica

MAPUTO - Av. Mártires da Machava 905
NAMPULA - Av. 25 de Setembro 57 A
Telemóvel +258 86 75 81 784
Telemóvel +258 84 39 98 624
Telemóvel +258 82 30 56 466
Fax +258 21 490 329
E-mail: averdademz@gmail.com

Jornal registrado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas.
Diretor: Adérrito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; Chefe de Redacção: Emílio Sambo; Redacção: David Nhassengo, Inocêncio Albino, Alfredo Manjate, Coutinho Macanazde, Duarte Sítioe, Reinaldo Nhalivilo, Reginaldo Mangue, Intasse Sítioe; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Chefe de Redacção: Júlio Paulino, Sérgio Fernando, Sebastião Paulino; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul), Alexandre Cháukue (Inhambane), John Chékwa (Catandica), Fernando Domingos (Búzi); Director Gráfico: Nuno Teixeira; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Avelino Pedro; Revisor: Mussagy Mussagy; Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe); Administração: Sania Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.

Xiconhoca

**Os nossos leitores nomearam os Xiconhocos da semana.
@Verdade traça em breves linhas as motivações.**



da Semana

Xiconhoquices

da Semana

Decisão de acabar com a lavagem de carros nas vias de Maputo

Há dias, o Município de Maputo anunciou publicamente que a lavagem de viaturas na via pública passa a ser punida nos termos da Postura Camarária em vigor com vista a minimizar a danificação do asfalto e de passeios devido à acumulação de águas e detergentes usados na limpeza de carros.

Entretanto, os nossos leitores não gostaram da notícia e votaram na sua máxima força repudiando a decisão ora tomada pela edilidade. Eles consideram que o que pelouro de David Simango pretende fazer é uma xiconhoquice do tamanho do mundo porque os jovens que lavam veículos em diferentes artérias da urbe sobrevivem com recurso a essas actividades. Os leitores gostariam de saber se o município tem ou não vagas para os jovens que serão arrastados para o desemprego.

O conselho deixado pelos nossos leitores para a edilidade é o de que ela direccione as suas campanhas de sensibilização sobre essa matéria para garantir que a cidade esteja sempre limpa.

Aliás, eles defendem que as penalizações devido à lavagem de carros constituem uma grande xiconhoquice porque as multas cobradas são aplicadas em acções que não visam melhorar a vida dos municípios.

Deputados da Frelimo no Parlamento

Depois de o Presidente da República, Armando Guebuza, ter reconduzido Machatine Munguambe ao cargo de presidente do Tribunal Administrativo (TA), coube, desta vez, aos xicos acomodados na Assembleia da República a missão de dar mais um voto de confiança a um outro xico. Os deputados da Frelimo que aprovaram a recondução de Machatine Munguambe à presidência do TA. Foi um erro grande aceitar que alguém já acusado de delapidar o erário continue na mesma cadeira em que durante anos se sentou sobre os princípios de gestão da coisa pública. É difícil crer que uma pessoa que fez uma gestão danosa ainda mereça a confiança de lidar com dossieres importantes em relação às contas da nação. Os deputados da AR julgam que os indivíduos que auditaram as contas da instituição liderada pelo xico em alusão se enganaram quando disseram ter havido gastos desmedidos.

Armando Guebuza

Quando as pessoas protagonizam realizações que lhes conferem o título de xicos por excelência, os leitores não hesitam em atribuir esta categoria. Com todo o respeito, os nossos leitores consideram que o Presidente da República, Armando Guebuza, abusou da boa vontade do porta-voz de Afonso Dhlakama para criar uma armadilha com vista a prendê-lo. E há quem julgue que o Chefe de Estado gastou o tempo dos seus concelheiros e dinheiro do Estado, grande parte dele proveniente dos impostos do povo, para mandar deter António Muchanga. Esta decisão pode custar caro ao país, principalmente àquelas pessoas que todos os dias atravessam o troço Muxúnguè/Save. O senhor "Que-abuza" parece estar apenas preocupado em cumprir prazos políticos pondo mais lenha na fogueira para incendiar a nação.

Mahamudo Amurane

Afinal a escravatura ainda não acabou? Pelo menos três mil pessoas, maioritariamente do sexo feminino, foram recrutadas ao longo do primeiro semestre do ano em curso para compor o quadro de pessoal do Conselho Municipal da Cidade de Nampula, presentemente, sob gestão do Movimento Democrático de Moçambique (MDM). Os trabalhadores, alguns dos quais em idade avançada, foram obrigados a envolver-se no projecto de limpeza da urbe, sem qualquer garantia de compensação, facto que está a criar um clima de desconforto no seio daquela camada social. O protagonista disto é o xico Mahamudo Amurane, que tentou esconder-se no seu gabinete, mas os imperativos de trabalho forçaram-no a visitar alguns postos administrativos municipais de Nampula onde foi confrontado com a sua falta de seriedade.

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Encontro de jovens com candidato da Frelimo

O candidato do partido Frelimo às eleições presidenciais de 15 de Outubro, Filipe Nyusi, foi recebido no pavilhão do Maxaquene por milhares de jovens, supostamente para discutir os problemas que afligem a juventude moçambicana. Os nossos leitores querem que se identifiquem esses milhares de pessoas de cidadãos que abarrotaram aquelas instalações para ouvirem as mesmas promessas do passado.

O debate ora havido, segundo os citadinos que nos leem, não terá nenhum efeito porque basta Nyusi ascender ao poder para esquecer tudo o que prometeu. "E por que motivo só se lembram de nós os jovens quando é tempo de eleições?", eis a pergunta de um dos compatriotas, segundo o qual o evento só serviu para o candidato vender o seu peixe de forma fácil.

Aliás, os jovens que apresentaram como principais preocupações o acesso à habitação, ao emprego digno e à formação profissional, que rezem para que sejam abençoados e vejam tudo isso concretizado. Àqueles que se deixaram enganar com as palavras do camarada Nyusi, segundo as quais a juventude está no seu coração, o tempo irá encarregar-se de lhes provar o contrário, sobretudo se, porventura, for eleito para o cargo de mais alto dirigente da nação. De que todos juntos vamos trabalhar para construir o país não há dúvidas, porém, há gente que está interessada em comer à medida grande e a enriquecer ilicitamente. Que Nyusi não caia nesta xiconhoquice.

Detenção de António Muchanga

Há indivíduos agastados com a detenção de António Muchanga, membro do Conselho do Estado e porte-parole do líder da Reanamo Afonso Dhlakama, à saída da Presidência da República, local onde decorreu o encontro. A prisão é uma grande xiconhoquice, na óptica dos nossos leitores, porque não faz sentido por causa da instabilidade que caracteriza o país.

Não se percebe por que motivo o Presidente da República, Armando Guebuza, e o exonerado Procurador-Geral da República (PGR), Augusto Paulino, montaram uma armadilha para deter o homem. "Será já proibido falar livremente neste país? Estamos com medo de um dia não termos direito a emitir as nossas opiniões por causa da repressão", lamentaram os leitores que votaram nesta xiconhoquice e afirmaram que, em vez de analisar a situação político-militar do país como estava programado, alguém tenha decidido mudar a agenda para retirar a imunidade de Muchanga a fim de ser detido.

Não restam dúvidas de que a Frelimo influenciou essa situação até porque o Presidente da República é, também, presidente do partido. Eles tinham que transformar o Conselho de Estado num fórum para debater a cessação da imunidade de Muchanga quando o país está a arder no centro? E como fica o povo que está a morrer todos os dias em Muxúnguè já que nesse tal Conselho não houve nada de especial?

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt), uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2ACBB9D9) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Pai rejeita filho deficiente físico

Na sociedade moçambicana são poucos os casos de pais que se compadecem com os seus filhos depois de notarem que são deficientes físicos. A situação por que passa o pequeno Edú Manuel é exemplo disso. Aos sete meses de idade, o petiz foi abandonado pelo seu progenitor depois de este ter tido informações médicas segundo as quais o menor sofria de dores na coluna vertebral, nas costelas e de problemas do coração, além de malnutrição crónica. Devido às referidas patologias, a criança iria, a partir daquela altura, enfrentar dificuldades para se sentar e se locomover.

Texto: Redacção Nampula • Foto: Leonardo Gasolina

Ao contrário de outras crianças, Edú Manuel nunca teve, desde a sua nascença, o carinho do seu pai. Isso acontece numa altura em que o petiz precisava do amparo do progenitor em virtude de ter contraído doenças que lhe afectaram as costelas, a coluna vertebral e o coração, não obstante ter nascido de um parto normal, tendo pesado, na altura, 2,7 quilogramas e se encontrar em boas condições de saúde.

A dado momento, uma equipa de profissionais do Hospital Central de Nampula descobriu várias anomalias no corpo do petiz. Na sequência dos diagnósticos médicos, o pai do menor, Sualé Manuel, abandonou a sua família alegadamente porque a criança não era sua, embora tenha sido registada por ele. De seguida, a mãe, de nome de Maria João, decidiu encaminhar o caso às estruturas sociais do bairro de Nampula, onde se chegou ao “veredicto” de que o pai deve prestar assistência alimentar e responsabilizar-se pelas necessidades básicas da criança.

Na altura, Sualé Manuel assumiu o compromisso de garantir apoio ao petiz, promessa que não foi cumprida, uma vez que, depois daquele momento, a família de Edú passou a viver dias terríveis, visto que a mãe do petiz não dispõe de nenhuma fonte de renda, recorrendo a negócios informais para garantir o pão na



mesa. “Tudo começou quando o meu filho atingiu sete meses de vida e não conseguia sentar-se ou fazer quaisquer movimentos físicos”, lamenta.

Segundo diagnósticos médicos, Edú sofre de marasmo, cardiopatia congénita, malnutrição crónica, broncopneumonia, além de atraso no processo de desenvolvimento psicomotor.

Na tentativa de aliviar o sofrimento do menor, os profissionais da Saúde aconselharam-na a administrar adequadamente os medicamentos prescritos e a realizar fisioterapia regularmente, o que, segundo a interlocutora, permitiu que algumas partes do corpo se tornassem activas, embora tenha dificuldades na fala.

Contudo, os resultados das recomendações médicas não satisfizeram aquela mãe inconformada com o estado de saúde do filho. Maria João deseja ver o seu descendente a sentar-se. “Os meus primeiros três filhos começaram a sentar-se entre os quatro e seis meses de idade, mas Edú tem quatro anos, não se senta e isso preocupa-me. Já o levei a diferentes hospitais mas não

registou avanços significativos, uma vez que não tenho dinheiro para pagar o tratamento numa clínica privada” diz.

Birigimana Zepherin, pediatra afecta ao Hospital Central de Nampula, explicou ao @Verdade que o atraso que se regista no desenvolvimento psicomotor do menor deve-se a três doenças consideradas graves e que afligem o pequeno.

Aquela profissional da Saúde afirmou que Edú pode ultrapassar o sofrimento a que está votado, mas é necessário fazer-se uma operação na coluna vertebral, seguindo-se o tratamento dos problemas do coração e das costelas. Para o efeito, há necessidade de se levar a criança para a cidade de Maputo, porém, a mãe não tem condições financeiras para custear o tratamento, transporte e a estadia na capital do país.

Pai insensível

A progenitora do menor explicou que a sua tristeza não assenta apenas no facto de o seu filho ter nascido deficiente, mas porque o seu progenitor, Sualé Manuel (jornalista de profissão), decidiu abandonar a família depois de constatar que a criança padece de uma doença incomum. O mais agravante é que não presta assistência ao menor. “Desde que a criança começou a ter problemas de saúde, o pai desapareceu sem deixar rasto” lamenta Maria João.

Em contacto com o nosso semanário, Sualé Manuel negou ser o pai da criança, tendo afirmado que nunca seria capaz de negar a paternidade, ou seja, abandonar o seu próprio filho. Porém, ele disse que tem apenas uma filha com a cidadã Maria João.

“Se Edú fosse meu filho, eu não recusaria assumir a criança. Não tenho motivos para aceitar a paternidade da menina e deixar aquele menino a sofrer” afirmou, explicando que a criança em causa nasceu depois de o casal se ter separado.

Cidadã queima adolescente por lhe roubar 100 meticais

Uma cidadã que responde pelo nome de Cláudia Muchanga, de 35 anos de idade, queimou os dedos do seu empregado de 14 anos de idade, identificado pelo nome de Luís Valter, com água, alegadamente por lhe ter roubado 100 meticais. O acto aconteceu na sexta-feira, passada, 04 de Julho, no bairro Unidade 07, na capital moçambicana.

A vítima admitiu que retirou o valor em causa sem a permissão da sua patroa porque pretendia comprar uma camisola. O miúdo disse que há dois meses que não aufera o seu salário. Na reconstituição do crime, Luís Valter narrou o seguinte: “A tia amarrou-me e sem piedade mergulhou as minhas mãos numa panela com água fervida. Ela disse que se a minha família não me educou com ela eu aprenderia a ser educado...”.

Segundo o rapaz, não é pela primeira vez que é submetido a sevícias. Numa das anteriores vezes, Cláudia Muchanga arremessou uma bacia de água quente contra o rosto do petiz. Há dois anos que Luís Valter trabalha como empregado doméstico na casa da senhora em alusão.

O adolescente contou que de há tempos para cá tem sido vítima de maus-tratos. Luís, natural da província de Gaza, veio a Maputo à procura de emprego com vista a ajudar a sua mãe que não dispõe de meios para sobreviver.

Em contacto com o @Verdade, Cláudia Muchanga, negou que ter sido ela a protagonista dos maus-tratos que culminaram com o ferimento do petiz. De acordo com a nossa entrevistada, Luís queimou-se accidentalmente. Ela disse que, apesar de ser a quinta vez a ser roubada pelo miúdo, não seria capaz de maltratá-lo.

Por sua vez, Elias Mausse, agente da Polícia da República de Moçambique (PRM) afecto à 10ª esquadra, em Maputo, disse que há diligências em curso, em coordenação com o Gabinete de Atendimento à Mulher e à Criança Vítimas de Violência Doméstica, para se apurar o que aconteceu. A corporação alegou que Cláudia está em parte incerta e o petiz foi acolhido por uma família.



O “salvador” de Mutauanha

Carlos Rafael é, diga-se de passagem, um agente exemplar da Polícia Comunitária da cidade de Nampula. Movido apenas pela necessidade de garantir a segurança dos moradores do bairro de Mutauanha, arredores da urbe, o jovem de 34 anos de idade tem vindo a desmantelar quadrilhas de assaltantes considerados perigosos. Apesar de não auferir remuneração pelo trabalho prestado, “Nadjamo”, como é carinhosamente tratado, diz que o seu objectivo é levar a tão almejada tranquilidade aos residentes daquela zona residencial.

Texto & Foto: Cristóvão Bolacha



As recentes apreensões

O caso mais recente deu-se na noite do dia 02 do corrente mês, em que dois indivíduos considerados perigosos, que se dedicavam ao assalto às residências e a cidadãos indefesos na via pública, foram capturados. “O meu bairro era considerado o mais perigoso da cidade de Nampula. Ninguém podia circular nas imediações da sua residência quando escurecesse. Por conta disso, tive de me oferecer para trabalhar em prol do bem-estar do povo. Mesmo sem salário, aceitei perder noites e, na companhia dos meus colegas, estamos a desmantelar quadrilhas de assaltantes”, refere Rafael.

Carlos Rafael é um dos poucos agentes do policiamento comunitário que ainda se interessa na segurança pública, apesar de não auferir qualquer remuneração. Antes de abraçar a actividade, ele era um dos poucos jovens do bairro de Mutauanha que ganhavam a vida graças ao seu próprio esforço, numa altura em que os moradores daquela zona residencial eram obrigados a recolher às 18h00 para o interior das suas habitações.

Nessa época, circular pelas ruelas de Mutauanha durante o período nocturno era praticamente impossível, devido à acção tenebrosa dos malfeitos que rondavam o bairro. Todavia, o grito de socorro que as vítimas emitiam quando fossem surpreendidas pelos meliantes despertou a atenção de Carlos Rafael.

Numa urbe onde a criminalidade tende a ganhar contornos alarmantes, o jovem desempregado optou por garantir a segurança dos moradores. Ele e outros jovens do mesmo bairro uniram-se com o único propósito: tornar aquela circunscrição geográfica a mais tranquila e ordeira da cidade de Nampula. Para o efeito, o grupo apresentou-se às estruturas do bairro e às autoridades policiais, mostrando interesse em vigiar aquela zona residencial. A iniciativa foi deveras aplaudida.

Em 2004, o conjunto constituído por 10 indivíduos liderado por Carlos Rafael iniciou os trabalhos de patrulhamento na calada da noite. Com o incentivo da população que já estava saturada de tanto vandalismo e criminalidade, o primeiro dia de trabalho foi bem-sucedido: pelo menos 10 malfeitos ficaram fora de acção.

A missão de desmantelar as quadrilhas prosseguia sem sobressaltos e cada vez que os integrantes do patrulhamento comunitário entravam em acção, dezenas de malfeitos eram recolhidos às celas das esquadras e postos policiais. Por se terem mostrado eficientes, apesar de não receberem ordenado, os jovens tornaram-se parceiros dos agentes da Polícia da República de Moçambique (PRM).

Moçambique vai aumentar a produção de amendoim e feijão

Em 2013, Moçambique produziu 199 toneladas de amendoim e 245 de feijões, devendo aumentar as quantidades para cerca de 210 e 396 toneladas, respectivamente, em 2014, segundo o Instituto para a Promoção de Exportações (IPEX).

Os produtos acima referidos, cujo incremento se deve à maior procura no mercado europeu e asiático, são exportados para a Europa, mormente para o Reino Unido, à luz de um programa para o efeito, que abrange também a castanha de caju, o ananás, a manga e o piripíri.

Neste contexto, a empresa Indiana Primus Agri Projects Private Limited está a produzir em moldes empresariais, na província de Nampula, feijão-da-china (*Vigna Radiata*) e sementes de sésamo destinados ao mercado asiático onde há maior demanda.

No âmbito do projecto em causa, as províncias de Nampula, de Cabo Delgado, de Manica, de Inhambane, de Maputo e de Sofala estão a produzir com vista a satisfazer a procura daqueles mercados.

Relativamente à mandioca fresca, o país espera produzir este ano perto de 14,7 milhões de toneladas, o que, ao concretizar-se, irá representar um aumento de cinco milhões de toneladas comparativamente às campanhas agrícolas dos últimos cinco anos, cuja média anual foi de 9,7 milhões de toneladas.

Segundo o Ministério da Agricultura (MINAG), Moçambique ainda não atingiu níveis satisfatórios no que diz respeito à qualidade do tubérculo e à maior disponibilidade de excedentes de farinha do mesmo.

A mandioca é considerada a segunda cultura mais importante do país e constitui uma das principais fontes de alimentação da população moçambicana, sobretudo nas zonas rurais, onde vive aproximadamente 80 por cento dos mais de 23 milhões de habitantes.

Basicamente, a produção daquele tubérculo é garantida pelas províncias de Cabo Delgado, de Nampula, da Zambézia e de Inhambane, e praticada na sua maioria pelo sector familiar, realça o MINAG, segundo o Correio da Manhã.

quilidade no bairro de Mutauanha, o segundo mais populoso do município de Nampula.

O trabalho de patrulhamento comunitário na calada da noite faz com que Rafael passe as noites em claro. Diga-se, em abono da verdade, que a sua relação com os seus descendentes tem sido das melhores, apesar de a maior parte do tempo se dedicar ao policiamento e à procura de recursos financeiros para sustentar a família.

População não sabe agradecer

Um facto avançado pelo nosso entrevistado é a ingratidão dos populares que, ao invés de louvarem o trabalho daqueles profissionais, se limitam a dizer que os jovens são desempregados. “Ficamos indignados ao ouvir a população a chamar-nos marginais, mas não damos ouvidos a isso porque é do nosso conhecimento que aquele que faz o bem, sempre recebe o mal em troca”, lamenta.

Rafael defende ainda que é a própria população que protege os malfeitos. Segundo ele, um pai deve preocupar-se com os passos dados pelos filhos, de modo a certificar-se do seu comportamento.

Policimento comunitário: um trabalho sem remuneração

Na calada da noite, a segurança de vários municípios da cidade de Nampula tem sido garantida pelos agentes do policiamento comunitário. O @Verdade soube dos seus membros que a detenção de malfeitos considerados perigosos e o desmantelamento de quadrilhas, na sua maioria, tem sido possível graças àquele grupo que dispensa as suas actividades para manter a tranquilidade dos cidadãos.

Portanto, a falta de remuneração, ou simplesmente um subsídio de motivação para garantir o sustento das famílias, leva a maior parte dos agentes da Polícia Comunitária a abandonar a actividade.



Incêndios desgraçam famílias em Inhambane

No espaço de um mês, entre Junho último e Julho em curso, a cidade de Inhambane registou dois incêndios que resultaram em prejuízos assinaláveis para três famílias que viram as suas habitações devoradas pelo fogo. Num dos casos, o motivo é atribuído a crianças que não tiveram, supostamente, o devido cuidado com um fogareiro. Noutro, desconhecem-se as causas.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

O @Verdade esteve no bairro Muelé, onde se registaram os incidentes em causa, e constatou que numa das habitações não aconteceu o pior porque a vizinhança deu imediatamente o seu apoio na debelação do fogo.

Aliás, um dos donos das casas atingidas, que falou à nossa Reportagem na condição de anonimato por ser inquilino, não escondeu a sua angústia mas disse que o mais importante, agora, é trabalhar para recomeçar a vida.

“Na verdade eu não sou o proprietário desta casa, sou um locatário, e tudo aconteceu na minha ausência. Não estava ninguém em casa...”.

As casas ora reduzidas a cinzas eram construídas de material precário, nomeadamente caniço e cobertas de palha, o que poderá ter facilitado a propagação do fogo.

“O que nos informaram (as pessoas que debelaram o incêndio) é que nesta casa vizinha estavam umas crianças provavelmente a cozinham. Elas devem



ter-se descuidado, encostaram o fogareiro na parede, que pegou fogo, e se alastrou rapidamente para a casa contígua, e esta, por sua vez, atingiu a nossa... Queimou-se tudo o que estava no seu interior e, por serem crianças que protagonizaram este desastre, não se pode pedir contas a ninguém”.

No local onde o @Verdade esteve, três casas foram queimadas e uma cozinha, numa situação em que o perigo é sempre latente pela forma como as construções estão dispostas, e pelo material usado na sua construção.

“É verdade, corremos sempre este perigo e nunca sabemos quando que virá a próxima vez, mas existe sempre essa possibilidade”, disse o nosso entrevistado.

O pavor, entretanto, aumenta por se saber que essas casas são alimentadas por energia eléctrica, e se houver um curto-circuito as consequências podem ser ainda mais graves.

“Veja só que a instalação eléctrica ficou danificada, um dos postes que transporta essa energia ficou parcialmente queimado... só Deus sabe como é que os resultados deste incêndio não foram piores. Mas agora já não há nada a fazer, o que nos resta é reerguermo-nos desta tristeza. Para a frente é que é o caminho”.

Casos destes têm acontecido amiúde em Inhambane e há quase sempre uma criança por detrás de cada acidente. Os pais e encarregados de educação estão num dilema na medida em que não têm formas de evitar que os petizes usem lume, pese embora não saibam se quando saem de casa no regresso encontram a família com saúde.

De acordo ainda com o nosso interlocutor, “há momentos em que não temos outra saída. Por exemplo, eu e a minha esposa trabalhamos e as crianças vão à escola.

Geralmente, elas voltam primeiro para casa e precisam de preparar alguma coisa para comer. Para isso elas têm que fazer fogo. Mesmo tendo uma empregada, quando as coisas estão para acontecer não há como evitá-las...”.



E não são todas as famílias têm empregados domésticos para cuidar da casa e das crianças. Nas zonas rurais, sobretudo, as crianças crescem aprendendo a tomar conta delas mesmas e do lar sem esperarem pelos pais, que estão na luta pela vida em diversas frentes.

“Nós educámo-las, controlámo-las, entretanto, há coisas que nos podem escapar...”. Pelo sim, pelo não, fica o alerta para que se tenha cuidado com o fogo, principalmente quando há petizes em casa.



Forças Armadas de Defesa de Moçambique espancam cidadã

Uma cidadã identificada pelo nome de Cláudia José, residente no bairro Militar, na vila municipal de Catandica, no distrito de Bárue, na província de Manica, foi espancada por um grupo de elementos das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADAM), na última quinta-feira, 03 de Julho, supostamente por ter passado por uma zona restrita fora do

período indicado para o efeito. Segundo a vítima, o acto deu-se por volta das 06h:00 da manhã quando se dirigia à sua obra nas proximidades no local onde foi violentada. Cláudia José contou ainda que os militares arrastaram-na pelo cabelo, despiram-na, danificaram o seu telefone celular e arrancaram as chaves do seu domicílio.

Sobre este incidente, o substituto do comandante das FADAM, cujo nome não nos revelou, alegou que a vítima infringiu as normas estabelecidas naquele quartel, ou seja, passou por um lugar onde ninguém deve transitar das 07h:00 às 17h:00, desde que o centro de Moçambique está em tensão político-militar. A medida visa garantir a segurança dos moradores.

Desconhecidos violam mulher até à morte em Maputo

Uma cidadã cuja identidade não apurámos foi encontrada sem vida na manhã desta quarta-feira, 09 de Julho, junto à linha férrea dos Caminhos-de-Ferro de Moçambique (CFM), no bairro do Aeroporto, próximo à 11ª esquadra, na capital moçambicana. A vítima apresentava sinais de ter sido violada sexualmente, pois estava sem parte da sua roupa e cheia de sangue.

Clotilde Matavele, residente naquela zona, disse que suspeita de que o crime tenha acontecido numa das machambas ao longo Avenida 19 de Outubro e depois do acto a mulher tenha sido arrastada para a linha férrea para que fosse trucidada pelo comboio, com vista a fazer com que as pessoas pensassem que tinha sofrido um acidente.

Segundo a testemunha, a falta de iluminação ao longo daquela via coloca em risco a vida de muita gente, uma vez que desde a primeira lomba, na Rua Engenheiro Carlos Morgado, até ao antigo Restaurante "007" o capim alto e as machambas existentes no local servem de esconderijo a pessoas de má-fé.

Num outro desenvolvimento, Clotilde Matavele afirmou que na noite do dia anterior ouviu gritos de pedido de socorro mas, devido ao medo, não pôde sair para ajudar. De acordo com a nossa entrevistada, de há tempos a esta parte acontecem vários assaltos e agressões físicas na Avenida 19 de Outubro.

Clotilde contou que o seu filho de 19 anos de idade foi espancado por um grupo de seis indivíduos, há dias, por se ter negado a entregar àqueles o seu telefone celular. Em resultado disso, o miúdo contraiu ferimentos graves na face e no braço. Ela desconfia de que seja a mesma quadrilha que tem estado a protagonizar desmandos naquela região do Distrito Municipal KaNlhamanculo. A senhora queixa-se também do facto de, alegadamente, a Polícia não fazer nada para garantir a ordem e a tranquilidade públicas.

A equipa da Polícia de Investigação Criminal (PIC) que removeu o corpo não prestou declarações sobre este caso, supostamente porque ainda não tem elementos para o efeito. A população daquela zona não reconheceu o cadáver; por isso, acredita-se que a vítima seja de outra zona.

Carlos Mondlane, agente da Polícia da República de Moçambique (PRM) afecto à 11ª esquadra, disse que é a primeira situação de violação sexual até à morte que se regista no bairro do Aeroporto, pese embora os relatos de pessoas assaltadas e agredidas fisicamente sejam constantes.

O nosso interlocutor referiu que dois indivíduos estão a ver o sol aos quadradinhos na Cadeia Central de Maputo, desde meados de Março último, por estupro de uma menor de 14 anos de idade quando ela regressava da escola no mesmo aquele bairro.

Liga dos Direitos da Criança promove educação sexual na Maganja da Costa

A Liga dos Direitos da Criança (LDC), uma organização não-governamental que actua na área de promoção dos direitos de petizes no distrito da Maganja da Costa, na província da Zambézia, está, desde o primeiro trimestre do ano em curso, a criar núcleos de retenção de alunos nas escolas e a disseminar campanhas de educação sexual e aconselhamento de raparigas de modo a evitar que elas se casem precocemente.

Até este momento, o projecto já abrangeu pouco mais de mil alunos de 10 a 16 anos de idade, da 3ª à 7ª classe, nos estabeleci-

mentos de ensino primário de Cariua, Fernando, Muzu, Limuila, Inlemba e Canguo.

A coordenadora da LDC na Maganja da Costa, Maria Chapamba, disse que mais núcleos deverão entrar em funcionamento ao longo deste segundo semestre. No próximo ano, a organização vai custear as despesas de algumas alunas que passarão a viver nos lares de certas escolas com vista a garantir-se que continuem os seus estudos.

"Identificámos muitas raparigas que abandonam as aulas devido à distância

que percorrem para encontrarem uma escola. Temos a perspectiva de colocar as raparigas que enfrentam necessidades a viver nos internatos porque têm vontade de estudar".

Num outro desenvolvimento, a nossa entrevistada disse que o aproveitamento pedagógico das raparigas nas escolas onde foram criados os núcleos em alusão é positivo e as desistências das aulas reduziram significativamente. Os alunos adquirem igualmente conhecimentos relacionados com a cultura e o desporto.

Governo autoriza a abertura de duas universidades em Moçambique

O Governo de Moçambique autorizou a entrada em funcionamento das Universidade Metodista Unida de Moçambique (UMUM), sedeada em Cambine, distrito de Morumbene, na província de Inhambane, e o Instituto Superior da Ciência de Educação à Distância (ISCED), sito na cidade da Beira, em Sofala, e extinguiu a Universidade Índico.

As duas instituições são de direito privado, sendo a primeira propriedade da Igreja Metodista Unida de Moçambique e a segunda é pertencente ao Instituto Africano de Promoção da Educação à Distância.

Alberto Nkutumula, porta-voz do Conselho de Ministros, que na última terça-feira, 08 de Julho, esteve reunido na sua 17ª sessão ordinária, os dois estabelecimentos de ensino têm competências para formar técnicos nos graus de licenciatura, estrado e doutoramento.

Entretanto, o Executivo aprovou outro decreto que determina a extinção da Universidade Índico, aberta oficialmente em 2008.

A instituição em causa não chegou a entrar em funcionamento, volvidos dois anos depois da sua criação.

De referir que o Regulamento de Licenciamento e Funcionamento das Instituições do Ensino Superior determina que os estabelecimentos de ensino superior que em dois anos consecutivos não iniciarem as actividades para as quais foram criadas perdem o alvará para o efeito.

Polícia frustra assalto a um banco na Matola

Assaltos a bancos continuam na ordem do dia. Por volta das 19h:00 da última segunda-feira, 07 de Julho, um grupo composto por quatro pessoas munidas de armas de fogo tentou assaltar um balcão do Millennium bim, no bairro Trevo, no município da Matola. Segundo apurámos, os supostos malfeiteiros surpreenderam as gestoras daquele estabelecimento numa altura em que estes se preparavam para regressar às suas residências.

O bando amarrou o guarda daquele banco e, em seguida, o ordenou-lhe que abrisse as portas das instalações. Entretanto, volvidos alguns minutos, os meliantes aperceberam-se de que tinham detido a pessoa errada e perseguiram as gestoras do Millennium bim, que na altura acabavam de abandonar a instituição.

As vítimas foram seguidas até uma zona próxima das suas casas, onde foram ameaçadas com armas de fogo e retornaram ao balcão com vista a abrir as portas das instalações, de acordo com a explicação de Emídio Mabunda, porta-voz da Polícia da República de Moçambique (PRM) a nível da província de Maputo.

Mabunda disse que o grupo, procurado pelas autoridades há muito tempo por protagonizar desmandos naquele município, pôs-se em fuga sem fazer nenhum mal às pessoas que tinham sido feitas reféns.

Enquanto isso, uma quadrilha composta por nove elementos que se dedicava ao roubo de viaturas foi neutralizada no mesmo dia, no bairro Khongolote, naquele município. O grupo foi desbaratado instantes depois de ter roubado mais uma viatura na mesma zona. Os presumíveis malfeiteiros encontram-se a ver o sol aos quadradinhos na sétima esquadra do bairro T-3.

Caros leitores

Pergunta à Tina... porque sai um líquido branco do pénis e dói?

Caríssimos leitores,

Considero que seja importante e urgente que os homens se informem mais sobre a sua saúde sexual e reprodutiva. Alegra-me receber perguntas de homens, por exemplo, com relação às Infecções de Transmissão Sexual. É que o poder da negociação do uso do preservativo, ou da reprodução de mais filhos ainda está nas mãos dos homens ou das suas famílias. Por isso, quanto mais informado estiver um homem sobre as ITS, sobre a gravidez e outras questões de saúde sexual e reprodutiva, maior oportunidade tem um casal de se proteger. Se quiseres saber mais,

envia mensagem através de um

sms para **90441**

E-mail: **averdademz@gmail.com**

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Tina, eu quero engravidar mas não consigo. Queria saber se posso procurar ajuda no centro de saúde. Já estive grávida, mas perdi o bebé quando tinha 15 anos. Agora tenho 21.

Minha querida, a boa notícia é que tu tens apenas 21 anos, o que significa que tens ainda muitos anos de vida para identificar e resolver qualquer problema relacionado com a tua saúde reprodutiva. Mas para começar, é importante clarificar que, primeiro, o teu caso pode não ser um caso necessariamente de infertilidade e; segundo que a infertilidade não é um PROBLEMA DAS MULHERES, mas um problema que afecta tanto homens como mulheres. A dificuldade de conceber tem várias causas, que podem estar associadas ao facto de tu não conheceres o teu período, de teres períodos menstruais irregulares (menstruação que aparece de forma anormal, por exemplo, às vezes vem duas vezes num mês, outras vezes não aparece), ou a problemas hormonais mais complexos. Mais ainda: se já perdeste um bebé no passado, isso foi resultado de um aborto induzido ou espontâneo, também pode influenciar a tua capacidade de conceber. A minha sugestão é que, primeiro, conheças o teu ciclo menstrual muito bem (para isso, podes procurar ler sempre esta coluna e outras edições da coluna na página da Internet), para saberes exactamente quando é que estás fértil. A segunda sugestão é que consultes um/a médico/a ginecologista para que este/a te possa examinar, verificar se tiveste alguma lesão ou infecção, ou se há problemas com as tuas trompas (onde se produzem os óvulos das mulheres) para que te recomende tratamento no caso de identificar problemas. Não percas a esperança. Ao mesmo tempo, não tenhas pressa porque ainda és jovem e tens ainda uma vida por viver.

Bom dia. Eu tenho um problema, sinto-me estranho; desde quinta-feira que do meu pénis sai um líquido aparentado ao espermatózido. Sempre que vou urinar, ele dói.

Meu caro, realmente, como nas mulheres, há substâncias que podem sair do pénis de um homem que se podem confundir com o espermatózido. Na maior parte das vezes, os homens preferem acreditar que é esperma, ao invés de procurarem conselho médico. É muito bom que estejas a procurar ajuda. Indo à tua questão, se tu mesmo percebes que o líquido não é esperma, então é necessário que vás com urgência a uma unidade sanitária (Centro de Saúde ou Hospital) e procures um/a médico/a de medicina geral para explicares o que sentes, quando começou e este/a irá recomendar os exames necessários para diagnosticar correctamente o problema e propor uma solução. Enquanto isso, usa sempre o preservativo nas tuas relações sexuais para evitares as ITS e uma gravidez indesejada.

Amurane recruta mão-de-obra barata para a limpeza da cidade

Pelo menos três mil pessoas, maioritariamente do sexo feminino, foram recrutadas ao longo do primeiro semestre do ano em curso para compor o quadro de pessoal do Conselho Municipal da Cidade de Nampula, presentemente, sob gestão do Movimento Democrático de Moçambique (MDM). Os trabalhadores, alguns dos quais em idade avançada, foram obrigados a envolver-se no projecto de limpeza da urbe, sem qualquer garantia de compensação, facto que está a criar um clima de desconforto no seio daquela camada social.

Texto: Redacção Nampula • Foto: Leonardo Gasolina

Numa altura em que os discursos dos dirigentes políticos se centram no combate à pobreza que fustiga milhares de moçambicanos, em Nampula a situação é diferente.

Dados fornecidos ao @Verdade pelo Gabinete de Comunicação e Imagem do Conselho Municipal da Cidade de Nampula confirmam que pelo menos duas mil mulheres que se dedicam à limpeza da urbe não auferem nenhuma remuneração.

O edil da cidade, Mahamudo Amurane, que há dias efectuou uma visita de trabalho aos seis postos administrativos municipais, nomeadamente, Central, Muhala, Napipine, Muatala, Natikire e Namicopo, foi confrontado com aquela realidade.

Dezenas de mulheres envolvidas naquela actividade fizeram-se ao pódio para exigir da edilidade o pagamento de algum tipo de incentivo para que possam dar continuidade ao processo de limpeza da cidade.

As visadas estão agastadas com o Município de Nampula e ameaçam irromper no gabinete do presidente



do município para exigirem o pagamento pelos serviços prestados, sobretudo nos meses de Abril, Maio e Junho. Segundo aquele grupo de mulheres, no acto do recrutamento de pessoal não foi clarificado que o trabalho seria desenvolvido sem recompensa.

Gabriel Diamantino Máquina, secretário da unidade comunal Paulo Samuel Kamkhomba, tem sob o seu controlo 31 varredores de rua, dos quais 26 são mulheres. O grupo foi mobilizado nos princípios de Maio com a promessa de que iria receber algum valor monetário por parte do Conselho Municipal, facto que não aconteceu.

Augusto Henrique, secretário da unidade comunal Josina Machel, conta com 24 elementos que se dedicam à limpeza da Avenida Eduardo Mondlane, uma das mais movimentadas da cidade.

“Continuamos a marcar presença todos os dias, conforme as orientações do Conselho Municipal, pois não sabemos o que poderá acontecer nos próximos dias”, referiu.

O chefe do posto administrativo de Muhala, Eugénio Estêvão, confirmou que algumas pessoas já começaram a abandonar a actividade. Dos 1.124 que haviam sido inscritos no princípio deste processo em Abril, Muhala conta actualmente com apenas 700 elementos, a maior parte constituída por membros do Movimento Democrático de Moçambique.

Enquanto não se vislumbram sinais de compensação aos visados, o ambiente de descontentamento no seio daqueles municípios que dizem ter abandonado os seus afazeres para se dedicarem à remoção de resíduos sólidos na urbe mantém-se.

“Não entendemos porque é que o município não paga os nossos subsídios. Nós trabalhamos todos os dias”, desabafaram alguns dos entrevistados.

Apesar das reclamações, o edil da cidade, através do seu assessor de Imprensa, Faizal Ibramugy, reitera que mais de duas mil pessoas foram recrutadas voluntariamente para reforçarem as acções de limpeza da urbe.

Previsão do Tempo

Sexta-feira 11 de Julho
Zona NORTE
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Neblinas ou nevoeiros locais.
Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Possibilidade de chuviscos na faixa costeira de Zambézia.
Neblinas ou nevoeiros locais.
Vento de sueste a leste fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo.
Neblinas ou nevoeiros locais.
Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Sábado 12 de Julho
Zona NORTE
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Neblinas ou nevoeiros locais.
Vento de sueste a leste fraco.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Neblinas ou nevoeiros locais.
Vento de sueste a leste fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo.
Neblinas ou nevoeiros locais.
Vento de leste a nordeste fraco a moderado.

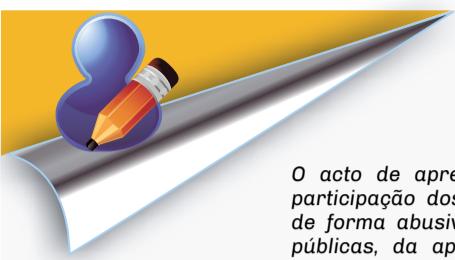
Domingo 13 de Julho
Zona NORTE
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Neblinas ou nevoeiros locais.
Vento variável fraco.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado, localmente muito nublado.
Neblinas ou nevoeiros locais.
Vento variável fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo
Neblinas matinais locais.
Vento de nordeste a noroeste fraco a moderado.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o XICONHOCA

Envie-nos um SMS para 90440
E-Mail para averdademz@gmail.com
ou escreva no Mural do Povo





Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Chamo-me Sónia Saíde Mussa, trabalhadora do Salão de Beleza Zinha, sito no Mercado de Xiquelene, na cidade de Maputo. Gostaria, através do vosso meio de comunicação, de expor algumas irregularidades perpetradas pela minha patroa, relacionadas com os atrasos salariais e maus-tratos a que sou sujeita.

O que me inquieta bastante é a falta de respeito e consideração por parte da minha chefe. Diariamente, ela submete-me a trabalhos que não estão previstas no acordo que nós as duas temos. Fui contratada para trabalhar no salão e não para ser empregada doméstica como tem acontecido, de há tempos para cá.

Ela força-me a cuidar do seu filho recém-nascido durante o período em que sai de casa para tratar de assuntos particulares. Por via disso, sou obrigada a lavar as fraldas do seu bebé todos os dias. Eu acho que

isso não é justo, principalmente porque não sou remunerada para o efeito.

Quando reclamo, a minha patroa diz que se eu não estiver satisfeita por causa dos trabalhos que me obriga a fazer devo pedir demissão mas sem direito a nenhuma compensação. Aliás, há três meses que não aufero o salário correspondente às tarefas que realizo no salão.

Eu tenho filhos que dependem desse vencimento para irem à escola e para se alimentarem. De que forma ela acha que eu vivo com a minha família? Por várias vezes, tentei, de forma pacífica e amigável, fazer com que a minha patroa perceba que há necessidade de ela pagar os meus ordenados mensais em atraso mas a senhora só sabe fazer promessas que depois não cumpre. Estou deveras agastada e sem saber a que entidade devo recorrer para a persuadir a desembolsar o meu dinheiro.

Resposta

Sobre este assunto, o @Verdade contactou a proprietária do Salão de Beleza Zinha, que se identificou pelo nome de Terezinha Juma. Esta negou algumas das acusações que pensem sobre si e alegou que uma parte do que a sua empregada disse não passa de mentira.

A nossa entrevistada admitiu que a sua funcionário não aufera os seus vencimentos há três meses. Sem avançar datas, ela prometeu liquidar a dívida em breve. “O único problema que eu reconheço é o atraso do salário porque nos últimos dias o salão não rende o suficiente para garantir o vencimento dela (Sónia Mussa) a cada fim do mês. Mas em parte ela também não atrai as clientes e as poucas (mulheres) que entram no salão são maltratadas e no dia seguinte não voltam para fazer o tratamento de cabelo”.

Relativamente à acusação segundo a qual Te-

rezinha Juma obriga a sua funcionária a cuidar do seu filho recém-nascido sem nenhuma remuneração, a nossa interlocutora disse que não é verdade. Contudo, uma vez pediu para que Sónia Mussa cuidasse do bebé enquanto a patroa atendia uma cliente. “Eu não sabia que aquilo iria gerar problemas...”.

Sobre os maus-tratos de que a reclamante se queixa, Terezinha disse que nunca teria coragem de protagonizar uma maldade como a que Sónia refere porque, para além de esta ser sua funcionária, é sua amiga pessoal. “Eu acho que ela já não quer manter a nossa amizade nem trabalhar para mim”, disse Terezinha Juma, que condenou o facto de Sónia ter denunciado as alegadas irregularidades ao @Verdade. A nossa interlocutora considera que as palavras da sua funcionária visam manchar a sua imagem e evitar que a suposta relação cordial entre ambas continue.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta - Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email - averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS - para o número 90440. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

FACTO
A verdade em cada palavra.

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 **BBM Pin: 2ACBB9D9**

twitter: @verdadeMZ **facebook: JornalVerdade**



O Jornal mais lido em Moçambique



**Mamparra
of the week**

Jorge Khalau

Luis Nhachote
averdademz@gmail.com

**Meninas e Meninos, Senhoras
e Senhores, Avôs e Avós**

O mamparra desta semana é, mais uma vez e sem surpresas, Jorge Khalau, o solícito comandante-geral da Polícia da República de Moçambique (PRM) que, sem apresentar provas, acusa o partido Renamo de comercializar armas para os criminosos que circulam entre nós.

Temos conhecimento de que quando Jorge Khalau foi investido para as funções de polícia número um, o país vivia em relativa paz, os índices de criminalidade não eram elevadíssimos e nunca tinha sido imputada à Renamo a culpa de estar a fornecer armas aos bandidos, alguns dos quais dentro da própria Polícia, como a própria Polícia têm informado.

Sabemos que a missão confiada a Khalau passava pela devolução da ordem e tranquilidade públicas mas, por razões que só a PRM pode explicar, o crime continua em exponencial e impune, perante a apatia da corporação.

No meio de toda esta insegurança, o comandante-geral da PRM, que tem uma paixão pelos microfones da comunicação social para gáudio da sua mamparice, vai vomitando as suas verborreias.

Alto e em bom som, Khalau, o Jorge, já chegou a dizer que a PRM não respeitava “nenhum juiz”, uma autêntica aberração saída da boca de alguém, ao que se diz, formado nos bancos da Faculdade de Direito de uma universidade privada...

Que provas tem Khalau de que a Renamo estará a vender armas?

Dissemos aqui, neste espaço, em Outubro de 2012, em resultado de crónicas abundantes seladas com o seu apelido, que um dos seus filhos é accionista de uma empresa de segurança privada que explora as mesmas armas de uso exclusivo das Forças de Defesa e Segurança.

Chegou-se ao cúmulo da “sem-vergonhice” e da falta de respeito pelas instituições porque Khalau é o comandante-geral da PRM!!!!???

Com este andar de coisas, não nos espantaremos se amanhã, Jorge Khalau disser que a Renamo ou qualquer outro partido da oposição é que fomenta os raptos/sequestros para financiarem as suas actividades partidárias.

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparrices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana

Água, a outra batalha dos moçambicanos

Nas zonas rurais e nos centros urbanos muitos moçambicanos precisam de andar longas distâncias, todos os dias, em alguns casos dezenas de quilómetros, à procura de fontes de água potável. O deficiente acesso a este precioso líquido e a exposição de milhares de famílias a condições precárias de higiene e saneamento têm um impacto negativo na vida das comunidades. Os milhões de meticais que têm sido mobilizados pelo Governo ainda não são suficientes para assegurar a disponibilidade deste bem essencial a grande parte da população.

Texto: Redacção • Foto: Sérgio Fernando

O baixo acesso ao abastecimento de água e ao saneamento básico em Moçambique, ligado à não observância de boas práticas de higiene individual e colectiva, estão também entre as principais causas do aparecimento frequente de doenças como diarreias, cólera, parasitos intestinais e bilharziase.

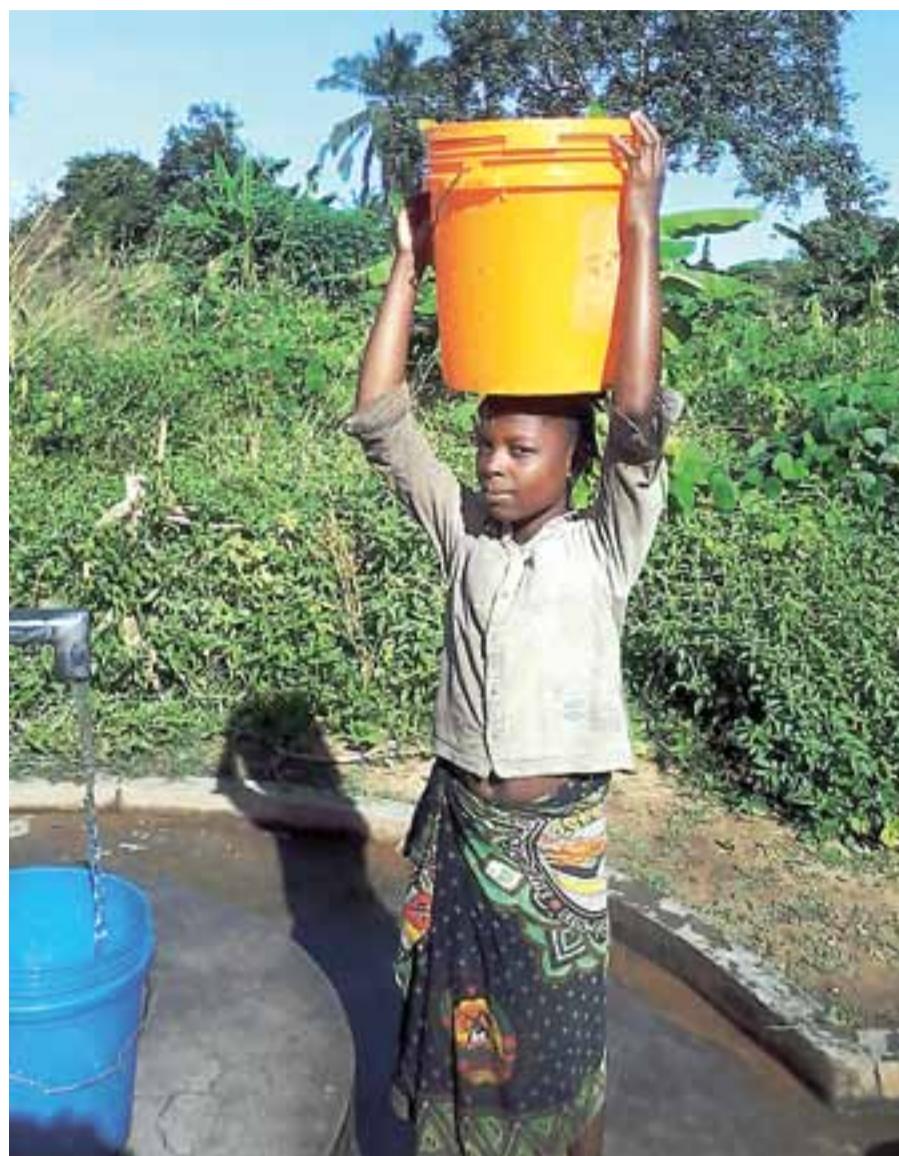
Porque o permanente problema da falta de água potável martiriza muita gente, apresentamos a seguir alguns rostos que fazem com que as metas previstas nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) em Moçambique no que diz respeito a este assunto e ao meio ambiente sejam um fracasso.

A qualidade não é das melhores e o esforço desencadeado para ter um bidão deixa muitas famílias de rastos. Em Lichinga, por exemplo, só à noite jorra água nas torneiras em algumas zonas.

Pouco antes de o sol nascer, já existe uma fila enorme de pessoas à procura de água em casa de João Chaúque.

Os rapazes carregam dois bidões de 20 litros, um em cada braço. As mulheres transportam um balde na cabeça. O cenário neste pedaço de Maputo, Luís Cabral, é um retrato da escassez de água em Moçambique. Cerca de 40 porcento da população urbana não têm acesso a ela.

Ainda na capital do Niassa, há bairros onde à noite a rua fica vazia. O motivo é que a população corre para casa porque a água começa a jorrar na torneira. É preciso encher os baldes.



Em Mocuba, onde se estima-se que cerca de 70 porcento dos habitantes consomem água do rio Licungo e dos seus afluentes, diariamente, dezenas de miúdas deslocam-se para aquela corrente de água doce de modo a assegurarem a realização de actividades domésticas e de higiene. A água é consumida sem nenhum tratamento.

Juma Januário, de 15 anos de idade, residente no bairro Marmanelo, frequenta a 10ª classe na Escola Secundária Pré-Universitária de Mocuba e é filha de uma família de baixa renda. Ela disse ao @Verdade que é a única mulher e os seus dois irmãos são muito novos. Naquela comunidade a tradição determina que as raparigas são responsáveis pelos trabalhos domésticos. Para além de outros deveres de casa, às 04h:30 a miúda dirige-se ao rio para obter água. A sua residência dista cinco quilómetros do rio Licungo, onde lava a loiça usada no jantar do dia anterior, algumas peças de roupa e toma banho para poder ir à escola.

Mergulhada num mar de incertezas, numa região onde o acesso a água potável é um verdadeiro calvário, Juma faz o mesmo exercício percorrendo a distância que vai do rio à sua casa, mas desta vez com mais carga: uma lata do precioso líquido à cabeça, pratos e roupa. “A falta de água no nosso município tende a agravar-se. Porém, devido ao constante crescimento da população, as margens do rio Licungo, que é a nossa fonte de sobrevivência, abarrotam de gente, incluindo vários alunos dos dois estabelecimentos”.

O drama repete-se no dia-a-dia de Alzira Guilherme, de 21 anos de idade, mãe de um menor, também, estudante da 10ª classe no período pós-laboral. A moça vive no bairro Marmanelo mas tem a sorte de o seu domicílio estar a três quilómetros do rio. “A falta de água deixa toda a rapariga de Mocuba agastada. Recorremos ao rio e aos poços tradicionais para obter este líquido mas há épocas em que a seca faz com que o caudal do rio reduza e a procura torna-se maior”.

Aliás, em Mocuba acredita-se que as mulheres têm estatura baixa devido ao facto de levarem latas de água constantemente à cabeça. Há casos em que a altura de algumas miúdas não vai para além de 1,2 metro. Refira-se que no período chuvoso o rio em alusão transborda e causa estragos, mormente nos distritos de Mocuba, da Maganja da Costa e de Namacurra.

Em Nampula o cenário não é diferente. No resto do país, com excepção da parte de cimento da capital, a situação é a mesma: o caminho de acesso ao precioso líquido é um martírio. As mulheres andam de um lado para o outro com uma das mãos a manter o balde na cabeça e outra nas capulanas que prendem os bebés ao corpo.

Naquela província, a população queixa-se do mesmo problema. No distrito de Murrupala, apesar de o governo local afirmar que o nível de abastecimento daquele líquido vital é de aproximadamente 57 porcento, o que não se faz sentir na vida da população que percorre longas distâncias para conseguir água, o drama é maior.

“Antigamente, quando tínhamos o pequeno sistema não registávamos nenhum problema da falta de água e de nenhum outro problema ligado à saúde e à higiene individual e colectiva mas hoje várias são as doenças que têm vindo a afectar a população” disse Mucussete Maurício residente no bairro de Campo 2.



O nosso interlocutor disse estar cansado daquele problema da falta de água num distrito que é atravessado por muitos e grandes rios como, por exemplo, os rios Ligonha, Lalaua e Nathiwe.

Maurício referiu que a única riqueza que não beneficia o distrito é a água potável, pois em nenhum momento se falou de fome no distrito, de doenças endémicas, entre outras situações lamentáveis.

Catarina Célia, residente no bairro de Rivuma, afirmou que o problema de água potável pode, a qualquer momento, levar a população a uma situação caótica, pois os furos construídos pelos projectos, apesar de ajudarem, há vezes em que não têm utilidade devido à sua ineficácia.

“Para se construir um furo de água pensei que seria preciso um estudo do solo para ver a qualidade do precioso líquido que há no subsolo, e se o solo não é composto por rocha, mas não é isso que se faz. Os responsáveis pela construção dos referidos furos fazem-no sem estudo, pois chegam e começam a construir alguns metros e acabam por desistir devido à quantidade de rocha existente no subsolo” acusou a cidadã que pediu ao governo para que resolva o problema da falta daquele líquido vital, visto que o distrito de Murrupala tem todas as condições para conhecer um desenvolvimento acompanhado da população.

Os moradores do bairro de Muatala, na cidade de Nampula, não têm tido uma vida fácil, pois a constante crise de água que assola aquela zona residencial deixa as famílias sem opção. Sem o amparo das autoridades locais, os moradores são obrigados a percorrer longas distâncias para obterem o precioso líquido. À semelhança de outros bairros, em Muatala o problema de falta de água potável é recorrente, pois o sistema de abastecimento ainda é deficitário.

Em Gaza, no distrito de Mandlakaze, a situação preocupa igualmente centenas de municíipes. Segundo Rogério Mugoi, são poucas as bombas para a captação da água potável, razão pela qual os habitantes de Guijá abrem covas e ficam à espera que o líquido vital apareça, pese embora saibam do perigo de vida que esta alternativa representa, visto que o precioso líquido não está tratado.

O problema de abastecimento do precioso líquido, um direito fundamental, transformou radicalmente a vida dos residentes da capital do país, onde em algumas regiões as torneiras deixaram de jorrar água faz tempo. As ligações clandestinas tornaram o fornecimento incipiente. Nem todos podem pagar aos operadores privados que cobram acima de 30 meticais por metro cúbico.

Democracia

Juiz legaliza detenção de António Muchanga, acusado de “incitar à violência”

O Tribunal Judicial da Cidade de Maputo legalizou, na última quarta-feira (09), a detenção do porta-voz do gabinete do presidente da Renamo, António Muchanga, detido na tarde da passada segunda-feira, 07 de mês corrente, no recinto da Presidência da República de Moçambique, momentos depois do Conselho de Estado. Muchanga é acusado de incitar à violência. O maior partido da oposição contestou desde o início o encarceramento do seu quadro, considerando que tal foi feito de forma ilegal por ter ocorrido sem um mandado judicial, tal como prevê a lei.

Texto: Redacção • Foto: Eliseu Patife

Após a leitura do despacho da legalização, feita por um escrivão e não pela juíza como tem sido habitual, o quadro da Renamo foi recolhido à Cadeia de Máxima Segurança, vulgo BO, sob forte aparato de segurança. Na ocasião, não foi permitido que a advogada de Muchanga, Alice Mabota, que é presidente da Liga dos Direitos Humanos, mantivesse o contacto com o seu cliente. Ela não tem dúvida que a detenção, e agora prisão, de Muchanga é o “prenúncio de um Estado militar”.

“Não fui chamada a presenciar a leitura da legalização e nem tenho optimismo nenhum”, disse Mabota, acrescentando que vai “reflectir sobre o assunto”.

À saída do Tribunal Judicial, António Muchanga, com o semblante carregado, não falou à Imprensa, tendo-se dirigido ao carro blindado, rodeado por dezenas de agentes de Polícia.

Renamo fala de ilegalidade

A Renamo diz que a detenção, e agora prisão, de António Muchanga é ilegal, por ter ocorrido sem o mandado judicial. Na verdade a lei estabelece que fora do flagrante delito, a detenção tem que ser ordenada por um juiz. Segundo escreve o Canal de Moçambique, o mandado de captura de António Muchanga foi feito na terça-feira, isto é, um dia depois da detenção. O semanário cita um juiz conselheiro do Tribunal Supremo a afirmar que a Procuradoria Geral da República e a Polícia estão a cumprir um expediente político que interessa à “parte superior”.

Os membros desta formação política consideram que Muchanga já é um preso político e a sua prisão sugere o que pode acontecer se o seu líder Afonso Dhlakama vier a Maputo para o esperado encontro com o Chefe de Estado, Armando Guebuza, como tem vindo a insistir o Governo visando que tal aconteça.

Procurador-adjunto diz que pode ter havido “exagero” na detenção

Na tarde de terça-feira (8), uma delegação composta por membros da bancada parlamentar da Renamo foi à Procuradoria-Geral da República à procura de esclarecimentos sobre a detenção do seu quadro. Em audiência com o procurador-geral adjunto, os membros da “Perdiz” liderados pela chefe da bancada, Angelina Enoque,



expuseram as suas preocupações em relação ao que consideram ser uma “ilegalidade” cometida pela administração da Justiça.

A Renamo diz mesmo que a detenção, feita sem mandado de busca e captura, constitui um rapto. Angelina Enoque sublinha que Muchanga foi “interceptado e raptado” sem nenhuma ordem judicial, o mesmo procedimento que se seguiu aquando da detenção do brigadeiro Jerónimo Malagueta, também membro da Renamo, no ano passado. “Nós viemos para saber se isso é legal ou não nessa instituição que vela pela legalidade”, disse.

Segundo Angelina Enoque, o magistrado do Ministério Público reagiu afirmando que se os factos se sucederam tal como a Renamo conta, então “houve exagero” por parte dos agentes da Polícia.

No entender da Renamo, a detenção de Muchanga é uma forma que o regime encontrou para “calar a boca a todos os outros” mesmo aqueles que têm imunidade. “Mas essas pessoas foram indicadas para representar uma grande maioria deste povo e têm que continuar a falar e a defender os interesses do povo”, conclui a líder da bancada da Renamo.

Detenção

O porta-voz do gabinete do presidente da Renamo foi detido no princípio da tarde de segunda-feira, 07 do mês em curso, à saída da Presidência da República, momentos depois do Conselho de Estado, órgão do qual é membro.

A reunião daquele órgão havia sido convocada pelo Chefe de Estado, Armando Guebuza, supostamente com o propósito de discutir a tensão política do país. Todavia, o que se assistiu no encontro foi a secundarização desta agenda a fa-

vor de outro assunto: o levantamento da imunidade de António Muchanga, medida tomada sob proposta da Procuradoria-Geral da República.

Manuel Lole, quadro da “Perdiz” e membro do Conselho de Estado, que estava com Muchanga na altura da detenção, disse que no seu documento a PGR argumentava o seu pedido com o facto de o porta-voz do gabinete do líder da “Perdiz” estar a “incitar à violência” nas suas aparições públicas.

Lole explicou que a decisão de se retirar a imunidade ao quadro da Renamo não foi tomada por via de eleição dos membros do Conselho, mas teve um carácter de deliberação partidária por parte Frelimo e que mais tarde foi apresentada àquele órgão.

“Durante a reunião do Conselho do Estado não foi aprofundado o assunto relativo à situação político-militar do país, mas foi aprofundada a questão da retirada da imunidade do membro do Conselho de Estado, António Muchanga”, afirmou Lole, sublinhando que “o mais surpreendente nessa situação é que António Muchanga é detido no recinto da Presidência da República sem mandado judicial”.

O membro da Renamo afirma ainda que, logo no início da reunião, os conselheiros ficaram surpreendidos, pois o cenário “mostrava que a reunião havia sido convocada para a detenção do porta-voz do líder da Renamo, que é igualmente membro do Conselho do Estado, António Muchanga”.

Governo reitera que exigências da Renamo são inaceitáveis

O Governo reitera a sua indisponibilidade de aceitar as exigências da Renamo quanto à paridade nas Forças de Defesa e Segurança. A posição consta de uma resenha do diálogo inserida em forma de publicidade na imprensa estatal, em que o Executivo considera “inaceitáveis” as condições impostas pelo principal partido de oposição.

O documento foi plasmado no matutino estatal Notícias, o diário de maior circulação no país, e no Jornal de Moçambique, publicado pelo Gabinete de Informação, dependente do Primeiro-Ministro apresentando um resumo do processo negocial em que acusa a Renamo de falta de sentido de Estado.

“As propostas da Renamo são contrárias à Constituição da República de Moçambique, desprovidas de sentido de Estado e revelam falta de respeito às instituições legalmente instituídas. Por isso, são inaceitáveis”, lê-se no documento.

Na verdade, está não é a primeira vez que o Executivo de Armando Guebuza assume que as exigências da “Perdiz” quanto à paridade nas Forças de Defesa e Segurança são inaceitáveis. Aliás Pacheco chegou mesmo a considerá-las uma aberração.

Desacordo marca mais uma ronda

No entanto, esta semana mais uma ronda de diálogo político terminou sem entendimento entre as delegações da Renamo e do Governo. As partes, depois de um aparente avanço rumo ao consenso, na semana passada, voltaram a discordar quanto à reinserção dos homens do partido da oposição nas Forças de Defesa e Segurança (FDS) e à sua desmilitarização.

O chefe da delegação governamental, José Pacheco, disse que a Renamo pretende continuar a ser um partido de homens armados, facto que torna “difícil acomodar os observadores internacionais”, pois estes, mesmos que se façam presentes na mesa do diálogo, ficarão sem missão a cumprir.

Pacheco entende que os observadores internacionais ao concluir a sua missão devem deixar o país em paz e sem partidos políticos armados, em alusão à “Perdiz”. “Nós pretendemos que a desmilitarização da Renamo seja parte integrante dos termos de referência para os observadores internacionais. Se este pilar ficar concluído, estarão criadas as condições para os observadores internacionais virarem a Moçambique trabalhar no assunto”, disse, acrescentando que em todos os outros pontos já há consensos.

Ele frisou ainda que a Renamo “ficou de reflectir” no interesse que há de se parar com os ataques e permitir que os seus homens tenham a oportunidade de se inserirem nas instituições do Estado, nas FDS e nas actividades económicas.

O governante garantiu que nenhum país observador foi contactado para monitorar a cessação das hostilidades, desmilitarização da Renamo e a sua integração nas FDS, assegurando que não há espaço para nenhum país se pronunciar sobre o assunto.

Por sua vez, o chefe da delegação da Renamo, Saimone Macuiane, reiterou a vontade de continuar a dialogar com o Governo, apesar de este não se mostrar disposto a preparar o encontro ao mais alto nível entre Afonso Dhlakama e o Presidente Armando Guebuza. “É preciso que as delegações criem condições para que esse encontro se efective”, disse Macuiane.

Os (enormissímos) desafios da nova PGR...

Por Despacho Presidencial nº 36/2014, o Presidente da República no uso das competências que lhe são conferidas pelo artigo 159 alínea h) da Constituição da República, nomeou esta quarta-feira, 09, Beatriz da Consolação Mateus Buchili, para o cargo de Procuradora-Geral da República (PGR), em substituição de Augusto Raul Paulino que deixa o cargo a seu pedido, a meio do segundo mandato, alegadamente por motivos de saúde.

Texto: Luís Nhachote • Foto: Eliseu Patife

Buchili, uma antiga treinadora de basquetebol nos finais da década de oitenta e início dos anos noventa, vai encontrar uma PGR dotada de mais recursos, mas...a instituição que agora dirige é tida pela opinião pública como "ineficiente" no controlo da legalidade, de que é suposta ser acérrima guardiã.

Beatriz Buchili é formada em Direito pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e é pós-graduada na mesma especialidade pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Brasil, onde fez o seu mestrado em 2006. O Pluralismo Jurídico e a Realidade Sociocultural de Moçambique foi o tema que a actual PGR escolheu para a sua tese.

A acusadora do morticínio no "Caso Montepuez"

Coube a Beatriz Buchili, investida nas funções de procuradora chefe de província de Cabo Delgado, o papel de acusadora do Ministério Público (MP) no tristemente célebre "Caso Montepuez", onde sete polícias foram julgados por alegada responsabilidade na morte de 119 reclusos por asfixia numa cela minúscula da cadeia distrital, ocorrida em 2000. Os reclusos, que militavam na Renamo, estavam detidos por contestarem os resultados das eleições gerais de 2 e 3 de Dezembro de 1999 que deram a vitória a Joaquim Chissano em eleições de credibilidade ferida (NR: Foi nessas eleições que se detectaram "votos com vícios insanáveis" segundo acórdão do Tribunal Supremo).

Os sete polícias foram absolvidos por insuficiência de provas no referido julgamento em que também respondia um antigo director da Polícia de Investigação Criminal de Cabo Delgado, Tchuma Macequece.

Os reclusos eram elementos ligados ao maior partido da oposição moçambicana e que presumivelmente teriam participado nas manifestações antigovernamentais de 9 de Novembro de 2000, protagonizadas pela Renamo-União Eleitoral. Em resultado da manifestação de Montepuez, na província de Cabo Delgado, onde os confrontos atingiram proporções alarmantes, centenas de pessoas foram detidas, muitas delas sem culpa formada, e encarceradas em celas de dimensões minúsculas e sem ventilação.

Em consequência desse caso, 119 pessoas morreram na noite de 21 para 22 de Novembro de 2000, sem que a Polícia e a guarda prisional alertadas para a ocorrência tivessem prestado



qualquer socorro, acreditando ter-se tratado de um ajuste de contas por parte dos agentes policiais.

Relacionado com o caso de Montepuez, 21 pessoas, a maioria simpatizante da Renamo, foram condenadas a penas entre três meses e 20 anos de prisão.

António Frangoulis, um ex-director da PIC da cidade de Maputo e ex-deputado da Frelimo, partido de que se desvinculou há dias para se filiar ao Movimento Democrático de Moçambique (MDM), foi enviado a Cabo Delgado na altura da tensão e, segundo uma fonte do @Verdade, "ele tem muito a contar sobre o que de facto aconteceu".

Os desafios de parte do legado que Buchili herda de Paulino..

A morosidade na tramitação de processos criminais, a existência de reclusos com prazos de prisão preventiva expirados, a superlotação das cadeias, os raptos e sequestros, os crimes eleitorais são parte do legado que Buchili herda de Augusto Paulino. "A não observância dos prazos da instrução preparatória e prisão preventiva também contribuem para a superlotação das cadeias. Há pessoas que estão reclusas sem nenhuma necessidade. A morosidade processual continua a ser um constrangimento a ultrapassar", chegou a dizer Paulino

A título meramente ilustrativo, a cadeia de Máxima Segurança da Machava, vulgo B.O, devia albergar 600 reclusos, mas neste momento conta com 864. A cadeia Central de Maputo tem 1.800 reclusos contra um limite de 800. Porém, não se sabe qual é a capacidade das celas do Comando da Cidade de Maputo, pois, de acordo com o magistrado, aquele é um lugar de trânsito e não de reclusão. Nos últimos anos da sua chancelaria como PGR, Paulino foi um "choramingão" devido à sua impotência no combate ao crime. Algo atabalhado e perdido, Paulino chegou mesmo a acusar magistrados e advogados de estarem ao "serviço do crime organizado". Na sequência dessas declarações, Gilberto Correia, o antigo bastonário da Ordem dos Advogados, pronunciou-se sobre o caso e pediu trabalho ao PGR e não "desabafos públicos".

"Existem queixas concretas contra advogados e juízes corruptos que não são investigadas. Neste País não acontece nada e não vai acontecer nada. Estas queixas encontram-se em gabinetes que estão em subordinação directa do PGR, portanto são meros desabafos e nada vai acontecer", disse o então bastonário.

No que tange ao combate à corrupção, um assunto na mesa dos moçambicanos no seu quotidiano, Beatriz Buchili herda de Paulino uma batata quente. O seu antecessor saiu do PGR com a convicção inabalável de que "a batalha contra a corrupção no país está longe de ser ganha pelos órgãos da Justiça". Paulino reconheceu esta situação durante a apresentação do seu informe anual sobre o estado geral da justiça.

Nessa informação prestada à Assembleia da República em Abril, Augusto Paulino disse que desde 2008 foram tramitados, "em todo o país, 4.142 processos dos quais foram acu-

sados 1.318 e julgados 508, todos relacionados com corrupção, peculato, desvio dos fundos e bens públicos". Apesar destes números assustadores, Paulino disse que, com o envolvimento de todos os órgãos do Estado e de toda a máquina judiciária, o fenómeno podia ser reduzido à sua insignificância.

Paulino referiu nessa comunicação que as formas de corrupção mais comuns no país têm a ver com a contratação pública, venda de vagas nos concursos de ingresso, cobranças ilícitas nas unidades sanitárias e escolares, na fiscalização rodoviária, entre outras.

No capítulo referente à criminalidade, dentre vários tipos de crime, o PGR disse aos deputados que o ano de 2013 foi caracterizado por fenômenos criminais atípicos que criaram alarme social, tendo semeado terror, medo, intranquilidade e insegurança nos cidadãos.

"Tais fenômenos consistiram em raptos com exigência de elevados valores de resgate, ameaça de raptos com cobranças de valores aos ameaçados para não serem raptados. E disseminação de informação de ameaça de realização de ações criminosas por determinados grupos", disse Paulino.

O PGR acrescentou que, relativamente aos raptos que assolaram, particularmente, as cidades de Maputo, Matola, Dondo, Beira e Nampula, foram instaurados 44 processos, dos quais 20 acusados e 14 julgados, nos quais foram condenados 17 réus, com penas que variam entre dois e 24 anos de prisão maior e no pagamento de indemnizações a favor das vítimas.

Para estancar a onda de raptos no país, Augusto Paulino disse que foi necessário o reforço da actividade operativa da PRM, destacando-se a selecção criteriosa e mobilização de recursos adicionais para a corporação.

Beatriz Muchili herda ainda de Paulino alguns dossieres que, nos últimos dias, agitaram diversos círculos de opinião nacional, nomeadamente, a alegada campanha ilegal promovida pelo Chefe de Estado, Armando Guebuza, a favor do candidato da Frelimo nas próximas eleições gerais, Filipe Nyusi, e os obscuros negócios da EMATUM e da Star Time, onde o Governo meteu a mão pontapeando os mais elementares regulamentos e a ética.

Cartoon

Feminista Durona

Guião: WLSA Moçambique/Desenhador: Terry



Financiadores “desconfiam” das novas organizações sociais

Criada em 2009, a Associação para a Defesa e Desenvolvimento da Sociedade (ADDESSO) ressentir-se da falta de parceiros financeiros para a concretização dos seus projectos. A agremiação, que actua nas áreas de educação, empreendedorismo, meio ambiente e saúde pública, entende que essa situação se deve ao facto de algumas organizações financiadoras de projectos sociais não levarem a sério os planos de pedido de financiamento, contrariamente ao que acontecia há poucos anos. De acordo com o coordenador geral desta agremiação, Deedar Guerra, a ADDESSO, depois de oficializada em 2009, começou a desenvolver um projecto de formação de jovens empreendedores, sendo que neste momento estão a beneficiar desta formação cerca de 20 pessoas no bairro de Khongolote.

Texto: Redacção • Foto: Eliseu Patife

@Verdade (@V): Quando e com que objectivo surge a Associação para a Defesa e Desenvolvimento da Sociedade (ADDESSO)?

ADDESSO: (ADD) A Associação surge de uma ideia entre amigos que decidiram juntar esforços e desenvolver actividades de apoio à comunidade. Foi legalizada pelo Ministério da Justiça em 2009.

@V: Em que áreas a associação actua?

ADD: Tendo em conta a experiência que adquirimos ao longo dos anos, acabámos por nos concentrar em quatro áreas principais, nomeadamente a educação, a saúde pública e VIH/SIDA, meio ambiente e turismo.

@V: Contam com alguns parceiros nas vossas actividades?

ADD: Desde o nosso surgimento, conseguimos realizar alguns projectos em parceria com algumas entidades, nomeadamente a ADIPSSA, uma organização que financia projectos de geração de renda para a área de agricultura, a britânica Volunteers Services Overseas (VSO), bem como o apoio do Ministério da Juventude e Desporto, na publicação da organização, em 2012. Com o apoio destas organizações surgiram projectos como “Hortas no Quintal”, que se destina a apoiar mulheres chefes de família, algumas a padecerem de VIH/SIDA. Em 2011 formamos nossos próprios membros para se tornarem formadores em matéria de identificação e gestão de negócios.

@V: Que projectos estão em curso neste momento?

ADD: Neste momento, temos projectos em curso com quatro entidades, nomeadamente o Núcleo Provincial de Combate ao VIH/SIDA, para a mitigação de impactos em famílias vivendo com o VIH/SIDA, em Matutuine, com o PNUD, para capacitar camponeses na Zambézia em técnicas de produção orgânica, com o Fundo de Desenvolvimento Agrário, para projectos que vão beneficiar a organização. Importa realçar que, apesar de termos muitas iniciativas em vista, estamos à espera de fundos das organizações que nos apoiam.

Para a área de educação, temos um projecto em curso no bairro da Polana Caniço, em Maputo, numa creche comunitária. É uma



iniciativa que está em fase embrionária do ponto de vista de pujança em termos de recursos, mas mostra-se que tem pés para andar. Estamos a atender, neste momento, uma média de trinta crianças.

@V: O que é que tem feito nas áreas de ambiente e empreendedorismo?

ADD: Primeiro, há que destacar que, apesar de termos áreas tecnicamente isoladas, a verdade é que a sua implementação não é isolada. Muitas das vezes nós olhamos para o projecto e de seguida, em função da sua realidade, identificamos as suas áreas. É claro que existe um denominador comum, um aspecto que é mais dominante. As áreas estão interligadas de modo a formarem um conjunto que vai culminar com uma boa saúde e bem-estar, um nível de instrução ou formação, etc.

O que pretendemos é que com a renda que provém de projectos de empreendedorismo, essas famílias tenham capacidade para comprar comida saudável e ter uma vida condigna o que, consequentemente, vai ter um impacto na sua saúde, saúde esta que vai ser alcançada por via da agricultura e da pecuária. Também temos feito capacitações em termos de saúde pública e saúde sexual reprodutiva.

@V: Fale-nos do projecto “Horta no Quintal”

ADD: No projecto “Horta no Quintal” capacitamos senhoras para plantarem e explorarem as hortas nos seus quintais, de modo a conseguirem, por via disso, garantir uma boa dieta alimentar para as suas famílias, como também para venderem alguma coisa para comprarem material escolar para os seus filhos. É, na verdade, um projecto que parte de uma pequena actividade agrícola mas que culmina com o melhoramento da saúde e da educação das crianças. Deixa-me explicar, também, em matéria de meio ambiente, que as actividades que ensinamos têm enfoque nas questões de boas práticas: o adubo que nós vamos usar com o projecto Núcleo Nacional de Combate ao VIH/SIDA não será um adubo químico, será um adubo orgânico. É um projecto ambiental mas que depois tem impacto na própria renda das famílias.

@V: A associação está representada em todo o país?

ADD: Infelizmente não. Esse é um dos nossos grandes desafios. A ADDESSO existe apenas na província e cidade de Maputo. A representação noutras partes do país é algo que vai

acontecendo gradualmente.

@V: Quantas pessoas já beneficiaram dos projectos da ADDESSO?

ADD: Bem, existem os beneficiários directos e os indirectos e ainda outros que acabam por ser beneficiados a longo prazo, em termos de impactos. Daquilo que já foi a concepção do projecto “Hortas no Quintal”, 10 senhoras e os seus agregados familiares beneficiaram de apoio. No projecto de formação da Matola, formámos 19 empreendedores, em 2011. No ano passado, em Khongolote, formámos 20 empreendedores. Actualmente, em Dlabula, esperamos beneficiar cerca de 30 famílias. No projecto da creche, temos pelo menos 45 crianças que já conseguimos atender do ano passado a esta parte.

@V: Quais têm sido as vossas dificuldades?

ADD: São várias as dificuldades que temos. A primeira e grande dificuldade da ADDESSO é a retenção dos membros. De nove membros fundadores, apenas dois continuam agarrados à associação. Se hoje temos pessoas e amanhã essas mesmas pessoas saem, temos que de novo recuar para a estaca zero, com novas pessoas. O segundo aspecto é que fora da retenção temos a problemática do envolvimento dos próprios membros, a sua gestão e a base de recursos. Em algumas pesquisas feitas por nós constata-se que as organizações tinham acesso aos fundos, mas hoje em dia quando tu chegas com uma proposta a primeira coisa que o organizador pensa é que quem vem fazer o pedido não é sério. E isso é um grande constrangimento, porque limita até certo ponto o nosso nível de envolvimento com as comunidades com vista a fazermos aquilo que queremos. Às vezes são membros da organização que devem fazer um esforço adicional para a organização ter que se manter.

Por outro lado, tem havido dificuldades mesmo com recursos nas mãos para começar um projecto. As autoridades, nomeadamente os líderes comunitários, não facilitam. Alguns doadores não estão dispostos a financiar uma organização tendo como objectivo elaborar um projecto. Tem que ser a organização a criar formas internas de conseguir dados e do que precisa para conceber o projecto.

Algumas organizações que normalmente são as financiadoras anunciam concursos para o financiamento de projectos, mas continuam com os mesmos parceiros. Isso limita as novas organizações no tocante a oportunidades de financiamento.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade



O Jornal mais lido em Moçambique.

NEGIGÊNCIA

A verdade em cada palavra.

Democracia

Ministro das Finanças diz que EMATUM não teve aval do Parlamento

O ministro das Finanças, Manuel Chang, reconheceu em sede da Assembleia da República (AR), esta semana, que o projecto da Empresa Moçambicana de Atum (EMATUM) que pouco depois da sua criação se envolveu num negócio de cerca de 850 milhões de euros, tendo o Executivo com avalista, não mereceu nenhum aval do Parlamento.

Texto: Redação • Foto: Arquivo

Contrariando as suas próprias palavras, o responsável pela pasta das Finanças disse que em momento algum se referiu ao facto de a AR ter avalizado, quer a criação, quer a operacionalização inicial da Empresa Ematum, pois, caso tivesse dito, aí sim, estaria a faltar à verdade.

No entanto, Chang afirmou recentemente que o projecto da EMATUM havia sido aprovado pela (AR), com o aval do Tribunal Administrativo e do Fundo Monetário Internacional (FMI). Estas declarações criaram contradições entre as três bancadas que constituem o Parlamento moçambicano. As duas da oposição, nomeadamente a da Renamo e a do Movimento Democrático de Moçambique (MDM) discordaram enquanto a da Frelimo apoiou.

Na senda desta situação, os dois partidos da oposição questionaram, em sede do Parlamento, durante a sessão de perguntas ao Governo, as circunstâncias que envolveram a criação da EMATUM, a composição da sua direcção e "em que momento a AR debateu sobre essa empresa".

Em resposta, Manuel Chang afirmou que o que dissera sobre a suposta discussão dessa matéria na AR se referia ao facto de o projecto ter sido previamente aprovado pela Assembleia da República (AR).

"De facto, o que eu quis dizer foi que em sede das perguntas ao Governo, durante a 9ª sessão ordinária da AR, este assunto foi debatido e desse debate o Governo colheu as recomendações para a sua regularização orçamental incorporando-as no Orçamento do Estado de 2014", disse.

De acordo com Chang, a experiência do projecto EMATUM constitui uma oportunidade para o Governo aprimorar as reformas de gestão das finanças públicas do sector empresarial do Estado.

Outras respostas

O Governo respondeu ainda a outras questões colocadas pelos parlamentares sobre diversas áreas de desenvolvimento do país, nomeadamente a distribuição da riqueza, constrangimentos nos serviços aéreos, diálogo em curso entre o Governo e a Renamo, entre vários outros assuntos.

O Primeiro-Ministro, Alberto Vaquina, respondendo à inquietação da bancada da Renamo, no que diz respeito à distribuição de renda, disse que a distribuição da riqueza nacional é feita através dos impostos que contribuem para a constituição do Orçamento do Estado que é investido na construção de infra-estruturas e serviços públicos. "A distribuição do livro escolar gratuito, a isenção no pagamento de matrículas no ensino primário, a formação de professores, dos enfermeiros, médicos e outros profissionais, a distribuição de redes mosquiteiras nas comunidades, de sementes e de outros artigos, constituem outras formas de redistribuição do rendimento", justificou.

Em relação às violações e impedimentos das liberdades políticas aos membros e simpatizantes do MDM, Vaquina respondeu que o caminho escolhido pelo país é aquele em que a disputa de ideias, entre moçambicanos, deve decorrer num clima de respeito e tolerância política, num ambiente de convívio salutar entre as pessoas.

"Tem-se constatado que o debate político é transformado, por vezes, em argumentos que, por um lado, procuram encaminhar a população para uma situação de desobediência à lei vigente e, por outro lado, para situações em que questões de conflito de carácter pessoal ou familiar, que facilmente encontrariam solução dentro das regras de sã convivência familiar e comunitária, são frequentemente e indevidamente transformadas em problemas ou conflitos político-partidários", frisou.

O Primeiro-Ministro disse não ser aceitável que alguns dos nossos concidadãos pretendam refugiar-se neste ou naquele partido, ou queiram obter apoio deste ou daquele grupo de pressão, para se furtarem às suas responsabilidades como cidadãos.



"O que exigimos às forças da lei e ordem é que facam o seu trabalho de forma competente e imparcial e implacável na observância da lei vigente. Se alguém infringe a lei ou põe em causa a ordem pública, o assunto deve ser tratado como uma infracção à lei, cometida pelo indivíduo. A acção das autoridades não é contra o partido a que o indivíduo pertence, nem contra as suas ideias políticas. As autoridades agem e devem continuar a agir contra os comportamentos incorrectos e inaceitáveis", enfatizou o ministro.

Relativamente ao estágio do diálogo em curso entre o Governo e a Renamo, o Executivo respondeu que na altura em que a exigência era o pacote eleitoral, este foi aprovado por consenso e esperava-se que o acto poria fim aos ataques armados da Renamo, "mas infelizmente a Renamo surge com cada vez mais e novas exigências".

"O Governo está disponível a continuar o diálogo e a preparar o encontro ao mais alto nível entre o presidente da Renamo e o Presidente da República e que apenas o diálogo nos vai conduzir a uma paz duradoura".

Publicidade

0

Linha BCI Negócios PME

A melhor linha de apoio ao meu negócio é daqui.

A Linha BCI Negócios PME é a melhor resposta às necessidades de apoio à tesouraria ou ao investimento das Pequenas e Médias Empresas moçambicanas, permitindo financiamentos até 15 anos, com uma taxa indexada à Prime Rate BCI e um Spread de 0 pp. a 4 pp., em função do plano de negócios, das garantias, bem como da qualificação para o prémio "100 Melhores PME".

São 5.000 Milhões de Meticais ao serviço das PME e do desenvolvimento da economia moçambicana.

Consulte hoje mesmo uma Agência ou Centro BCI Exclusivo e conte com o BCI para apoiar o seu negócio.

O melhor vem daqui.

BCI
É daqui.

Destaque

Imundice, outro “cancro” da cidade Maputo

A capital moçambicana está longe de ser uma cidade “Próspera, Bela, Limpa, Segura e Solidária” devido aos mais variados motivos, dentre os quais uma recolha do lixo deficiente e a falta de sanitários públicos. Para além do ineficaz sistema de tratamento de resíduos sólidos, a urbe está imunda porque também persiste a ausência de cidadania por parte dos municíipes. Regra geral, as pessoas, sobretudo as do sexo masculino, urinam e defecam em árvores e muros por falta de casas de banho. Estas, nos locais onde existem, são deploráveis, o que denuncia outra situação relacionada com a ausência de medidas que garantam uma boa manutenção das infra-estruturas em alusão. Trata-se de um problema público que em parte prevalece porque as medidas com vista a estancá-lo são ténues e a sensibilização levada a cabo pelas autoridades para que os cidadãos mantenham um estilo de vida baseado em higiene não surte o efeito desejado.

Texto & Foto: Reginaldo Mangue

O @Verdade efectuou uma ronda pelas diferentes artérias da capital moçambicana, tendo constatado que os focos de acumulação de resíduos sólidos são vários e em algumas vias a situação vai de mal a pior. Constatámos a existência de paredes de certas infra-estruturas que estão a desabar devido ao efeito da urina. Algumas ruínas, além de albergarem marginais, são usados para se fazer a necessidades higiênicas por parte dos cidadãos, incluindo gente que aparentemente sofre de distúrbios mentais e que recorre aos mesmos lugares para se abrigarem. Os esgotos rebentaram e, à mistura com o que dissemos anteriormente, consequentemente, exalam um cheiro insuportável. Os nossos entrevistados reconhecem que a actual forma de o lixo ser tratado por parte de alguns deles é desoladora e prejudica o meio ambiente, mas falta a consciência cívica.

Em média, a capital do país produz diariamente 1.100 toneladas de resíduos sólidos, 900 das quais são depositadas na lixeira de Hulene. Dos sete distritos que compõem a cidade de Maputo, nomeadamente KaMpfumo, KaHlamankulo, KaMaxakeni, KaMavota, KaMubukwana, KaTembe e KaNyaka, a maior quantidade de lixo (plástico, papel, latas,



papelão e vidro) é produzida no KaMpfumo, com uma média diária de um quilograma por pessoa, segundo um estudo realizado pela Associação Internacional de Voluntários Leigos (LVIA), em parceria com a Kuwuka JDA e o município de Maputo.

A investigação indica ainda que a zona de cimento da cidade Maputo produz 27,4 porcento do peso total de resíduos potencialmente recicláveis, contra 18 porcento das zonas suburbanas. Relativamente aos prédios em ruínas, que mancham a estética da urbe, e um dos principais focos de criminalidade na medida em que alberga malfeitores, parece que o problema está muito aquém da solução por parte da edilidade.

Por um lado, o Conselho Municipal da Cidade de Maputo não consegue recolher os resíduos sólidos de forma eficaz e, por outro, os municíipes tratam do lixo sem a observância de quaisquer medidas de higiene, urinam e defecam a céu aberto e os edifícios abandonados não são apenas autênticos lugares de acumulação de dejectos humanos, mas, também, de resíduos resultantes de actividades domésticas e comerciais, supostamente depositados por gente de uma conduta duvidosa.

Ponto por ponto

Na Avenida do Trabalho, nas proximidades do Mercado Fajardo, ao lado da Escola Anglicana São Cipriano, existe um contentor de resíduos sólidos que se transformou num urinol público. No mesmo local há uma casa abandonada contígua àquele estabelecimento de ensino e que, também, serve de mictório ou de espaço para a deposição de excrementos humanos. O cheiro nauseabundo que deriva desta situação tornou-se um problema comum para os vendedores daquele bazar. Durante a nossa presença no sítio, um carro da Polícia fazia manobras mas nem isso coibia as pessoas de urinarem e de deitarem o lixo fora dos contentores.

A agravar o cenário, nas imediações do local a que nos referimos, alguns esgotos transbordam águas negras mas, pasmem-se, ao lado da imundice as senhoras vendem, serenamente, pão e pastéis de feijão e outras iguarias, inclusive alimentos. E clientes não faltam. Este retrato só poderá espantar quem não conhece a chamada “cidade das acácias” ou, talvez, a um mero turista, porque a sujidade tornou-se um problema normal em diversos pontos de Maputo.

“É grave a situação na qual estamos a viver e questiono-me: ‘de quem será a culpa por causa desta falta de higiene?’ E penso que as pessoas urinam em lugares impróprios porque não têm balneários públicos em vários sítios da urbe. Pode ser também porque a taxa que se cobra para se usar os poucos sanitários disponíveis é proibitiva para a maioria dos cidadãos”, comentou o munícipe Ayrton Pinto.

Na Avenida do Rio Tembe, também ao lado da Escola Anglicana São Cipriano, verifica-se uma outra situação gritante: as moscas abundam devido aos resíduos sólidos amontoados e aparentemente há algum tempo sem serem removidos. Supõe-se que os protagonistas destes actos de falta de cidadania sejam os próprios moradores da zona, sobretudo aqueles cujas habitações se encontram defronte do montão do lixo em alusão. Os contentores ali colocados já estão a rebentar pelas costuras, facto que parece não causar nenhuma indignação nem pavor.

Entretanto, o que é repug-



Destaque



nante para alguns, para outros é uma oportunidade de vida: em vários lugares da cidade gente de diferentes faixas etárias, supostamente com perturbações mentais, revira contentores de resíduos sólidos a fim de encontrar algo que lhe seja útil, mormente restos de comida.

Na Avenida Fernão Magalhães, nas imediações da Direcção de Migração e Departamento de Fronteiras, as águas negras esverdeadas transbordaram dos esgotos e inundam o passeio. Por causa desta situação, os peões usam a faixa de rodagem contra todos os riscos de serem atropelados.

Na esquina entre a Avenida Marien Ngouabi e a Rua de Goa, um posto de transformação (PT) da empresa Electricidade de Moçambique foi transformado em lixeira, pese embora a escassos metros do mesmo tenha sido colado um contentor para a deposição de resíduos sólidos. "Deito o lixo aqui (referia-se ao PT) porque o contentor está longe", justificou-se uma cidadã residente na da Rua de Goa.



Ainda na Avenida Marien Ngouabi, a casa nº. 1568 encontra-se completamente abandonada e em avançado estado de degradação. No pátio da mesma, o que se pode notar é desolador, na medida em que contrasta com o facto de nas redondezas haverem pessoas que aparentemente se preocupam com a higiene. Um jovem desapareceu no interior da ruína em causa, mas antes de transpor o portão tentámos colher dele algumas palavras, tendo este mostrado cara de poucos amigos e ameaçado tirar-nos os instrumentos de trabalho. "Não se metam com ele, pois é um bandido que usa este lugar como esconderijo", alertou-nos uma senhora que vendia roupa usada ao lado do muro do mesmo edifício.

Na Rua da Munhuana, nº. 1142, a edilidade colocou um contentor de lixo ao lado da parede da Escola da Munhuana mas o mesmo está a ser transfor-

mado num urinol pelos vendedores do mercado Estrela Vermelha. Ainda fomos a tempo de ver alguns indivíduos em flagrante a urinar. "Eu estava aflito e não urino aqui por maldade nem porque me sinto à vontade, mas, sim, porque não existem balneários públicos no mercado", alegou Sérgio Ngovene, outro munícipe entrevistado pelo @Verdade. Todavia, tivemos conhecimento de que o mercado Estrela Vermelha dispõe de um sanitário cujo acesso é franquido mediante o pagamento de cinco meticais para se fazer necessidades menores.

que passe pelo local. Apesar de tudo isso, os vendedores continuam calmos e serenos como se nada fosse anormal.

Volvido algum tempo, sem nenhum pudor, certos automobilistas estacionaram as suas viaturas nas imediações daquelas instalações reservadas a cerimónias religiosas e, para se dirigirem



Na mesma zona, o muro da Escola Secundária Estrela Vermelha, que se encontra situado na Avenida Albert Luthuli, está a ceder pouco a pouco devido ao desgaste uma vez que a fila de gente que urina no local é grande. Os vendedores de acessórios de carros que se encontram nas proximidades mantêm-se impávidos e serenas em relação ao mau odor causado pela situação.

O mesmo cenário verifica-se no coração da cidade, ao lado do mercado Janete, na Rua da Catedral, onde o lixo e o cheiro nauseabundo causado pela urina tomaram conta do local. Na semana passada, pouco depois do meio-dia, um homem que aparentava ter 40 anos de idade, ido de algures na capital moçambicana, atravessou a estrada, dirigiu-se ao contentor instalado próximo à catedral e fez necessidades menores. De repente, dois jovens seguiram o mesmo exemplo. Enquanto isso, dentro do recipiente para a deposição de resíduos sólidos havia um mendigo que revirava o lixo que transbordava, espalhava-se pelo chão e misturava-se com a urina e água suja entornada no local pelos comerciantes daquele bazar, originando mal-estar a qualquer pessoa

aos seus destinos, não tiveram outra alternativa senão passaram por cima daquela sujidade. O cenário repete-se todos os dias em vários lugares da cidade que se presume que seja "Próspera, Bela, Limpa, Segura e Solidária". "Quando cheguei a este lugar passei maus bocados devido ao mau cheiro e tinha dificuldades em passar as refeições, mas quando se está perante esta situação de procura de meios de sobrevivência a gente habita-se a

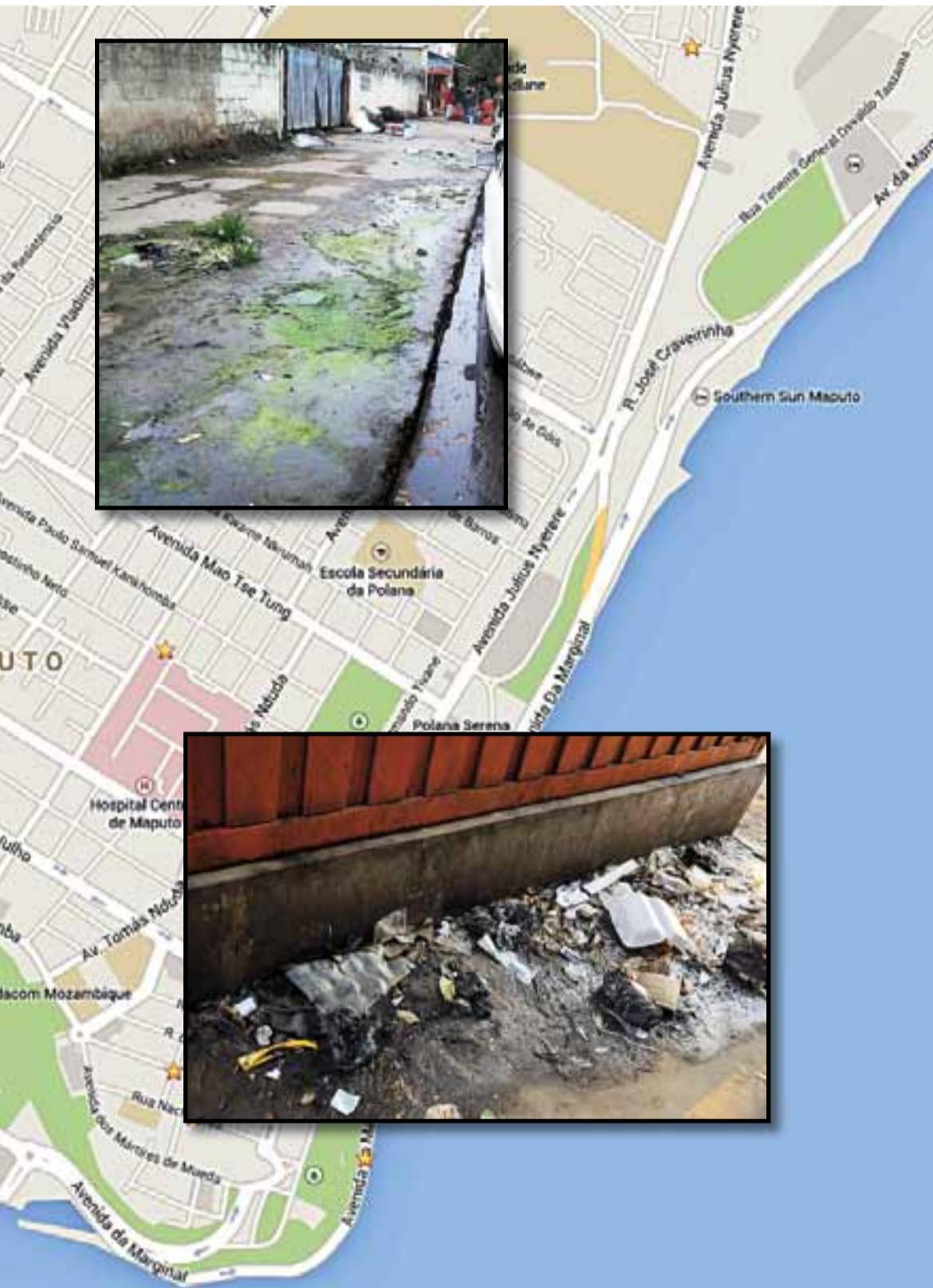
Destaque

tudo", disse Joel Bié, de 33 anos de idade, com uma relativa naturalidade em relação ao problema.

Na Avenida Base N'tchinga, próximo ao Clube Desportos Estrela Vermelha, mais um PT tornou-se mictório e sítio onde se deposita lixo. Um letreiro afixado numa árvore veicula a seguinte mensagem: "Proibido deitar lixo neste local". Em caso de infracção incorre-se numa multa de 400 meticais, mas as características do lugar provam que as pessoas não acatam a recomendação até porque não se conhece ninguém que tenham sido punido

nida 24 de Julho, duas vias das mais movimentadas da capital do país, os citadinos urinam no passeio, pese embora haja um urinol instalado no local. Aliás, alguns recipientes para a deposição do lixo foram transformados em mictórios. O jovem que foi contratado pelas autoridades para controlar o urinol em causa disse à nossa Reportagem que está indignado com o comportamento dos citadinos. "Não consigo compreender por que motivo eles simplesmente não usam o urinol e fazem necessidades menores nos contentores à vista de toda a gente". O nosso interlocutor

A Avenida Mártires Inhaminga é um dos sítios onde os sinais de imundície na cidade de Maputo são alarmantes. Nas imediações do Ministério dos Transportes



disse que o uso daquele meio em alusão, que funciona das 08h:00 às 17h:00, é feito mediante o pagamento de dois meticais, mas certas pessoas alegam que este valor é exorbitante.

Na esquina entre as avenidas Filipe Samuel Magaia e Josina Machel há um edifício em construção, no qual está afixada uma chapa com as seguintes palavras: "Proibido urinar neste local, multa 500 meticais". Entretanto, a imundície é de tal sorte abundante que as pessoas fazem necessidades menores no local sem nenhum receio. A poucos metros do sítio em causa, alguns comerciantes

e Comunicações (MTC), mais precisamente no muro do Porto de Maputo, as pessoas sem tecto, algumas delas de má-fé, construíram barracões com base em material extremamente precário e demarcaram um território que, a avaliar pelo cenário, é supostamente delas. Alguns transeuntes não imaginam que dentro de cabanas erguidas com base em plásticas e papelões há homens e mulheres a viverem. Aliás, temos relatos de que as miúdas que se prostituem naquele canto da cidade trocam de indumentária, "produzindo-se", naquelas "instalações".

Para além de o tipo de vida



ou pago o referido valor por colocar a sujidade no local. Os resíduos sólidos sobejam e a saúde dos munícipes está claramente em cheque.

Na esquina entre as Avenida Guerra Popular e Ave-



vendem os mais variados produtos.

Ainda na Avenida Filipe Samuel Magaia, no muro do parque de estacionamento do Conselho Municipal da Cidade de Maputo reina uma anarquia de bradar aos céus. Os vendedores daquela zona baixa da urbe fazem necessidades menores à vista de todos. Aliás, os contentores colocados pela edilidade na esquina entre as duas avenidas são também usados como sanitários, o que contribui para a origem de um cheiro repulsivo.

No cruzamento entre as avenidas Filipe Samuel Magaia e Eduardo Mondlane, concretamente na parede de Cemitério São Francisco Xavier, vulgo "Cemitério da Ronil", encerrado oficialmente em 1955 à realização de enterros, prevalece um caos total em virtude de as pessoas urinarem no local. Há relatos segundo os quais algumas mulheres são arrastadas e violentadas no interior daquele espaço sagrado.

que se leva no local ser bastante lamentável na medida em que os alimentos são confeccionados em latas e as árvores próximas são usadas como urinóis perante a passividade das autoridades, a presença daquela gente mancha a estética da cidade. O lixo é atirado sem nenhuns cuidados de higiene. A urina e os excrementos humanos

Destaque

infestam a zona e, por conseguinte, a saúde e a segurança pública estão ameaçadas.

Os nossos entrevistados contaram que passar sozinho por ali é um acto de coragem, pois os relatos sobre pessoas assaltadas deixaram de ser novidade para quem frequenta a área regularmente. “É uma situação crítica. Jovens de conduta duvidosa tornaram este lugar perigoso e a edilidade que devia tomar medidas para repor a ordem nada faz”, opinou Domingo Chongo, morador na baixa da cidade de Maputo.

No cruzamento entre as avenidas Samora Machel e 25 de Setembro existe uma ruina que é o cúmulo da falta de limpeza na urbe. Trata-se do famoso prédio Karel Pott, um edifício completamente destruído e que serve de albergue de marginais. Além de ser uma lixeira e um covil de malfeiteiros, o que nele acontece é deveras preocupante. Entretanto, doutro lado da estrada que separa a casa em destruição progressiva do Banco de Moçambique, está a ser erguido um imponente prédio que albergará instituições das mais variadas actividades económicas, pertencente a esta última instituição do Estado.

De referir que o prédio Pott, ostenta o nome de um advogado que foi, com os irmãos Albasi e Estácio Dias, um dos fundadores do jornal “O Brado Africano”, em 1918. O edifício sofreu um incêndio há anos e de lá a esta parte tem sido um albergue de meninos de rua e outros indivíduos supostamente sem tecto. A porcaria da cidade de Maputo é notável até nas “barbas” da edilidade, concretamente nas imediações da Praça da Independência. O edifício, também abandonado, em frente do Centro Cultural Franco-Moçambicano, na Avenida Samora Machel, acolhe gente alegadamente sem abrigo e que nele comete todo o tipo de desmandos. No sítio há uma placa que indica que naquela ruína serão erguidas futuras instalações do Fundo do Ambiente (FUNAB).

Ao tentarmos fotografar o referido edifício, um dos jovens que se encontravam na zona ameaçou agredir o nosso repórter. Na Rua da Sé, defronte do Hotel Rovuma, a Sé Catedral Maputo está igualmente infestada de lixo. Na Avenida Olof Palme, precisamente em frente do Ministério do Interior (MINT), outro edifício abandonado em fase de construção transformou-se em lixeira, mictório e abrigo para marginais. Na Avenida Ho Chi Min, onde está situado o Município de Maputo, o cenário de impureza é clamoroso.

Na Avenida 24 de Julho, defronte do Cine África, o que se constata é o mesmo, não deixando dúvidas de que se está perante um área completamente infestada de resíduos sólidos, urina e fezes. Na mesma avenida, no bairro do Alto-Maé, em frente ao Quartel-General, há um edifício em desmoronamento que se tornou uma verdadeira lixeira que tem vindo a poluir o meio ambiente.

Na Rua dos Lusíadas, na zona do Museu, o passeio foi tomado de assalto pelos citadinos sem educação

ambiental e que recorrem às árvores para urinar e, por vezes, defecar. Nem mesmo a beleza do Museu de História Natural faz com que as pessoas evitem urinar na via pública tal como acontece na Praça Travessia do Zambeze.

“Não tenho dois meticais para ter acesso aos balneários públicos; por isso, urinei numa árvore. Sei que é errado mas não tenho outra alternativa”, disse Jorge Magalhães, morador da Polana Cimento, quando surpreendido pela nossa Reportagem a fazer necessidades menores naquela praça.



Uma zona nobre altamente imunda

A Avenida Friedrich Engels, uma área de elite na capital do país, é um dos locais menos higiênicos da urbe. Conhecido por “Caracol”, junto ao Jardim dos Namorados para quem vem da Presidência da República, há um passeio que oferece uma vista magnífica para o mar. É um lugar extasiante que, para além de servir para a realização de exercícios físicos, foi concebido para oferecer momentos de lazer aos seus utentes. Todavia, de há alguns anos a esta parte, o município deixou o local à sua sorte. Como consequência disso, tornou-se imundo e uma região apetecível para os assaltantes. Os bancos cederam aos malefícios dos que, recorrendo a meios desconhecidos, conseguiram destruí-los. Os mendigos pululam por ali, e as barreiras estão repletas de lixo, fezes e urina; por isso, pouca gente é vista a contemplar o Oceano Índico a partir daquele lugar.

Adérito Muchanga, um dos cidadãos entrevistados pelo @Verdade, disse que tem o hábito de praticar exercícios físicos ao longo daquela avenida mas queixa-se da anarquia e da intranquilidade que reinam. “Num belo dia eu estava a caminhar pelo passeio e a ouvir música no meu iPad. De repente, fui assaltado e o malfeitor fugiu pelas escadas imundas e desapareceu”.

O que diz o município?

Em relação a este problema, a edilidade não tem uma explicação convincente. Domingos Chivambo, chefe do Departamento de Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos (UGRSU) no Município de Maputo, não soube dizer por que motivo há bastante lixo fora



dos contentores e em alguns casos estes abarrotam sem que a edilidade proceda à remoção em tempo útil.

Segundo o nosso interlocutor, a situação deve-se em parte à falta de educação cívica ambiental por parte das pessoas; por isso, o Conselho Municipal de Maputo traçou um plano de sensibilização à população com vista a incutir nas pessoas que não é apenas tarefa da edilidade manter a cidade limpa, mas, sim, é dever de cada habitante. Apesar da existência de grandes quantidades de lixo na urbe, Domingos Chivambo considera que a recolha de resíduos sólidos melhorou nos últimos tempos.

Joshua Lai, porta-voz da edilidade, explicou que o acto de urinar ou defecar na via pública é punido através do pagamento de uma multa de 100 meticais e da prestação de serviços à comunidade. Porém, estas sanções são difíceis de aplicar. O nosso entrevistado entende que se defeca e urina em sítios inadequados à noite. Durante o dia, o cenário muda porque “em quase todos os mercados e terminais há sanitários públicos”.

Segundo Alves Talala, oficial de comunicação e informação da Livaningo, a imundice na capital do país pode estar relacionada com o consumo excessivo de bens pela população e com a ausência de um plano urbano para a gestão e recolha do lixo. Deve haver uma educação sobre a necessidade de os munícipes observarem as normas de preservação ambiental e construir-se, por exemplo, sanitários públicos para que as políticas traçadas sobre a matéria tenham sucesso. Obrigar as pessoas a desembolsarem os dois ou cinco meticais pode não ser uma estratégia viável para eliminar o facto de as pessoas fazerem necessidades menores e maiores em sítios impróprios na via pública. Contudo, Joshua Lai defendeu que “não é possível que alguém circule pela cidade sem, pelo menos, dois meticais no bolso”.

“As manifestações em Angola têm um efeito mais corrosivo sobre o regime do que no Egito”, afirma Rafael Marques

O jornalista angolano, Rafael Marques, fala sobre os efeitos da “primavera árabe” em Angola. “Há hoje uma geração de indivíduos que está disposta a servir de saco de pancadaria para fazer valer um ideal”, diz ele.

Texto: Johannes Beck - Deutsche Welle • Foto: DW

No início de 2011, uma onda de manifestações abalou os governos no norte de África. Na Tunísia caiu a ditadura, no Egito houve eleições livres e em Marrocos a monarquia passou a ser mais democrática. Revoluções e reformas que inspiraram também outros países africanos como Angola, onde no dia 7 de Março de 2011 nasceu um movimento de manifestações contra o regime do Presidente José Eduardo dos Santos e o partido no Governo, o MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola.

Até que ponto a “primavera árabe” teve efeitos na África Subsaariana? Este foi um dos temas debatidos no Global Media Forum de 2014, durante esta semana na cidade de Bonn, Alemanha. Entre os presentes no fórum esteve o jornalista angolano Rafael Marques.

DW África: Porque é que as pessoas aderiram logo a este movimento dos países árabes?

Rafael Marques (RM): Existem laços históricos entre Angola e o norte de África muito fortes, porque as principais bases do MPLA e dos movimentos de libertação angolanos estavam na Argélia, no Egito e em Marrocos, que prestaram um grande apoio. Então há uma tradição de envolvimento do norte de África na política angolana. Desta vez, em 2011, tratou-se da juventude a inspirar-se em métodos pacíficos de fazer a revolução e de tentar mudar o curso da história nos seus países de forma pacífica.

DW África: Como é possível que esta geração que mudou tanto de ideias tenha ido primeira vez na história de Angola à rua para protestar contra o regime do Presidente José Eduardo dos Santos?

RM: Primeiro, é uma geração que tem uma fraca memória do que foi a guerra. É uma geração que tem maiores exigências em termos de educação, em termos de emprego e em termos de melhoria das condições de vida, não só ao nível pessoal como ao nível da própria sociedade. Sente que chegou a sua altura de fazer algo pelo país. E essa altura começa precisamente por lutar pela mudança das práticas do actual regime, que estão encapsuladas na figura do Presidente da República que detém o poder absoluto em Angola.

Para dar um exemplo: a última manifestação, ou tentativa de manifestação, teve lugar a 27 de Maio de 2014 e foi brutalmente reprimida pela Polícia de Intervenção Rápida. Mais de 20 jovens foram torturados e abandonados fora da cidade de Luanda.

Há aqui um aspecto importante: o nível de coragem e bravura destes jovens é o que conta fundamentalmente. Não é a capacidade de organização ou de mobilização, mas é o facto de nós termos hoje uma geração de indivíduos disposta a servir de saco de pancadaria para fazer valer um ideal. O ideal de que como cidadãos angolanos conscientes tem o direito e o dever de reclamar pelos seus direitos constitucionais. Porque a Constituição angolana garante o direito à manifestação. Este é um direito que o Governo se recusa determinantemente a proteger e a garantir que seja exercido pela população.

DW África: Até que ponto as manifestações – primeiro na Tunísia e depois no Egito – foram determinantes para começar esta onda de protestos em Angola que até agora ainda não terminou?

RM: Foram a inspiração! Devo dizer que conheço o jovem que publicou o primeiro anúncio de manifestação logo a seguir à revolução egípcia. Ele fê-lo a brincar a



partir do exterior. Mas o pânico que causou no seio das forças governamentais levou a que os governantes emitissem múltiplos comunicados e que fizessem uma contra-manifestação envolvendo mais de 100.000 pessoas para lutar contra uma ideia, que na verdade era uma brincadeira.

Para mim, isso mostrou como a juventude pode ser extremamente criativa. Mostrou também a fragilidade de um regime que tremiu diante de um anúncio de uma manifestação que foi feita simplesmente como brincadeira. Este jovem estava a estudar comunicação e teorias de comunicação. Ele pensou de forma subversiva: “Vou fazer isto como um trabalho de campo.”

DW África: Depois houve manifestações em Angola e muita repressão por parte das autoridades. Mas uma coisa que diferencia Angola dos países como o Egito e a Tunísia é a falta da adesão de massas. Em Luanda, nunca houve manifestações de milhões como aconteceu, por exemplo, no Cairo. Porque não aconteceu este segundo passo depois das primeiras manifestações em Angola?

RM: Vou explicar. Quando se iniciaram os protestos na Tunísia, eu estava no Senegal. E comigo estava uma jovem escritora tunisina, que dizia sempre: “Nós estamos a fazer a revolução e eu sou o contacto com o Ocidente.” Era um grupo de escritores que estava ali em estado sabático e todos nós gozávamos com ela. Quando cheguei a Luanda, liguei a CNN e vi que havia uma revolução na Tunísia. Ela estava muito comprometida com a ideia da organização daquela revolução.

O que falta em Angola? Em Angola, falta organização, a coragem e a bravura. Faltam elementos catalisadores que possam juntar sectores da sociedade que durante muitos anos foram fragmentados.

Outro aspecto importante é que a população do Egito uniu-se contra um regime. Em Angola, durante esses anos todos de guerra, a política principal de governação foi a de dividir a sociedade, de fragmentá-la completamente e hoje a sociedade está muito fragmentada.

Começa a haver com estes pequenos gestos uma maior congregação de esforços. Vou dar um exemplo: nesta última manifestação houve uma disputa entre os jovens – e estou a revelar isto aqui em primeira mão. O grupo que inicialmente convocou a manifestação não apareceu, porque havia conflitos. Todos queriam fazer a manifestação, mas não queriam fazer juntos.

Quando uns foram espancados, os outros vieram em seu socorro e prestaram solidariedade como se fossem todos do mesmo grupo e estivessem unidos. Então, a brutalidade governamental uniu-os. É uma consciência, que está a despertar agora, para ultrapassar os anos de guerra e a fragmentação política que foi ocorrendo na sociedade angolana, sobretudo pelo poder da corrupção.

Os manifestantes querem o afastamento do Presidente angolano José Eduardo dos Santos

DW África: O poder da corrupção talvez seja na realidade angolana um poder de petróleo. Há muito mais dinheiro em Angola que está teoricamente disponível para ser distribuído à população, ou pelo menos a sectores-chave da população, do que, por exemplo, no Egito. Muitos analistas dizem que um dos factores principais para a grande adesão aos protestos no Egito e na Tunísia foi a frustração económica dos jovens. Eles viveram durante muitos anos no desemprego e com falta de perspectivas. Será que em Angola falta este lado económico para desencadear uma onda maior de protestos?

RM: Tocou numa questão fundamental. Sempre que ocorra este tipo de protestos, para além da repressão, as entidades governamentais oferecem outro tipo de possibilidade. Fazem com que estes jovens tenham acesso a bolsas de estu-

do, apartamentos, empregos ou dinheiro.

Houve o caso de um jovem, o Mário Domingos: um ex-governador (na altura era governador) foi com ele ao banco, levantou 700.000 dólares americanos e entregou o dinheiro aos jovens. Também entregou várias viaturas e caminhões com bens. E este jovem fez algo extraordinário: pegou numa das carrinhas que recebeu do Governo e pôs a carrinha a distribuir panfletos.

Mas foi o que se percebeu aqui; a ideia era comprometê-lo com a corrupção, porque, no dia seguinte, os agentes da segurança apareceram na sua casa para recuperarem o dinheiro.

Então, o que está a acontecer agora é o reordenamento da sociedade no sentido de ultrapassar os efeitos perversos da corrupção.

DW África: Portanto, o seu prognóstico para os próximos anos é de uma intensificação dos protestos?

RM: Sim. Veja, por exemplo, a revolução no Egito: foi tão bem-sucedida em termos de mobilização. Mas depois faltou a captura do poder por esses mesmos jovens, que basicamente preferiram entregá-lo aos militares. E hoje os níveis de repressão são maiores.

No caso de Angola há um processo de desgaste do próprio regime, que é muito mais lento. Mas é muito mais corrosivo e irreversível.

DW África: Portanto, quantos anos de vida ou que prazo dá a este Governo?

RM: Eu não dou prazo. Primeiro, porque sou apenas um analista. Segundo, porque depende sempre de vários factores. Se amanhã o regime decide mudar de ideias e comece a trabalhar no sentido de servir os cidadãos, certamente terá muito mais anos de vida. Não acredito que venha a fazer isso.

De qualquer modo, o Presidente está a envelhecer. É um regime que está a chegar ao fim pelo desgaste do próprio tempo.

É um regime que não investiu na formação de novos quadros com uma política destinada a governar o país. A nova geração do MPLA é uma geração de rapina. É uma geração que está interessada no dinheiro do petróleo para enriquecimento pessoal e para o desfruto dos privilégios que esse dinheiro oferece no Ocidente.

Em Angola, essas manifestações serão sempre mais lentas e não crescerão tão rapidamente. Mas o efeito corrosivo que as manifestações têm sobre o regime é muito maior do que o que aconteceu no Egito, onde se mudou o Mubarak e não se olhou para toda a infra-estrutura de repressão que Mubarak tinha ali ao nível do exército e do aparelho de segurança, que hoje continuam a dar as cartas.

Etiópia e Ruanda dão exemplo em mortalidade materna e infantil

Todos os anos morrem três milhões de recém-nascidos e 6,6 milhões de meninos e meninas menores de cinco anos no mundo, mas o Ruanda e a Etiópia, dois dos países menos avançados (PMA) de África, são um exemplo na redução da mortalidade de mães e filhos.

Texto: Nqabomzi Bikitsha - Envolverde/IPS • Foto: GettyImage



No Fórum de Associados 2014, realizado em Johannesburgo, organizado pela Aliança para a Saúde da Mãe, do Recém-Nascido e da Criança (ASMRN) e pelo Governo da África do Sul, foram anunciados compromissos importantes relacionados com as finanças, a prestação de serviços e políticas dos Estados para se erradicar a elevada mortalidade.

No total, os representantes de governos e do sector privado representados no Fórum, que começou no dia 30 de Junho, anunciaram 40 compromissos para acabar com a mortalidade infantil e materna. Apesar de progressos notáveis na redução das duas taxas em todo o mundo, nas últimas décadas a queda na mortalidade de recém-nascidos ficou paralisada.

Porém, o Ruanda e a Etiópia estão entre os dez países que reduziram a sua mortalidade infantil e materna, segundo um novo plano de acção global apresentado no Fórum. O Plano de Acção para Todo o Recém-Nascido (Enap) proporciona a estratégia necessária para se reduzir os 2,6 milhões de natimortos e 2,9 milhões de mortes de recém-nascidos que ocorrem todos os anos e que poderiam ser evitadas.

O Ruanda e a Etiópia investiram em intervenções sanitárias de alto impacto, incluindo a imunização, o planeamento familiar, a educação e a boa governança. Tedros Adhanom Ghebreyesus, ministro das Relações Exteriores da Etiópia, informou à IPS que os investimentos em vários sectores, e não exclusivamente na saúde pública, ajudarão a reduzir o número de mortes de mães e filhos.

"Se não investirmos na agricultura, água e no saneamento, bem como no sector da Saúde, então todo o progresso que conseguimos na redução da mortalidade infantil e materna terá sido inútil", afirmou. "Os trabalhadores comunitários da saúde ajudaram a reduzir as taxas de mortalidade na Etiópia", destacou o ministro.

Segundo o Enap, as mortes neonatais constituem 44% das perdas de vida de menores de cinco anos que acontecem no mundo, e o investimento em atenção médica de qualidade durante o parto poderia salvar a vida de três milhões de mulheres e crianças por ano. "Agora é o momento de nos focarmos na acção e na execução, para garantirmos que mais vidas sejam salvas", disse Graça Machel, co-presidente da ASMRN. "Alguns países progrediram e outros não. Temos que aprender com eles, para mantermos o impulso", acrescentou.

A par do Enap, foi iniciada a contagem regressiva para 2015 do informe Cumprindo a Agenda de Saúde para Mulheres e Crianças, que inclui 75 países, serve como um boletim de qualificações dos êxitos obtidos em matéria de saúde materna e infantil, e revela que persistem iniquidades importantes.

"O tema da contagem regressiva é a pendência que temos", apontou Machel. "Muitas mulheres e crianças estão a morrer quando existe um tratamento simples" que poderia salvá-las, destacou. Mais de 71% das mortes de recém-nascidos poderiam ser evitadas sem a necessidade de cuidados intensivos. No geral, esta é a consequência de três factores: preocuidade, complicações no parto e infecções graves.

Mariame Sylla, especialista em saúde do Fundo das Nações Unidas para a Infância

(Unicef), disse à IPS que os países devem aprender uns com os outros. "As estratégias comunitárias, nas quais os governos levam os serviços sanitários às pessoas e estas aos serviços, demonstraram a sua eficácia", afirmou, acrescentando que "o acompanhamento dos resultados também é muito importante para se garantir a prestação de contas no sector da saúde".

"Contar com parteiras profissionais também ajudaria as mães que dão à luz pela primeira vez a compreenderem melhor a maternidade e a reduzir as taxas de mortalidade de mulheres e crianças", assegurou o ministro da Saúde da África do Sul, Aaron Motsoaledi. Porém, para o Primeiro-Ministro da Etiópia, "esses esforços são simples mas podem ser difíceis de cumprir".

"Os países menos desenvolvidos, como a Etiópia, alcançaram progressos na redução da mortalidade infantil e materna devido à sua vontade política", destacou Janet Kayita, especialista em saúde do Unicef. Mas "a chave do sucesso da Etiópia não tem a ver apenas com a liderança na tomada da decisão de reduzir as taxas de mortalidade infantil e materna, mas também com a sua organização em nível comunitário", enfatizou.

Segundo Kayita, "a Etiópia é um dos poucos PMA que institucionalizou a melhoria da qualidade no sector da saúde, utilizando o mecanismo de recompensa dos serviços de boa qualidade e responsabilizando aqueles com menor rendimento".

Protestos da Praça da Paz Celestial: o mistério do único chinês ainda preso

Quando a agitação nas ruas diminuiu e os tiroteios acabaram, os protestos da Praça da Paz Celestial, em Pequim, pareciam ter finalmente chegado ao fim, após uma violenta repressão das autoridades, no ano de 1989. Mas, para muitos activistas, a história de perseguição estava apenas a começar. Milhares de cidadãos foram detidos e libertados, mas 1.600 acabaram por ser condenados à prisão. Actualmente, acredita-se que apenas uma pessoa condenada na época ainda permaneça atrás das grades: Miao Deshun.

Texto: BBC Brasil

Não se conhece nenhuma foto de Deshun, que antes da prisão trabalhava como operário em Pequim. Ele foi acusado de ter cometido um incêndio criminoso, ao atirar um cesto contra um tanque em chamas. Por este "crime", Deshun foi condenado à morte, mas a sentença acabou por ser suspensa e convertida em prisão perpétua anos depois.

Deshun não deve ser libertado antes de 15 de Setembro de 2018. A BBC entrevistou várias pessoas que conhecem o prisioneiro. Ele é descrito como um homem dolorosamente magro.

"Ele era uma pessoa calma. Andava frequentemente muito deprimido", recordou Dong Shengkun, um outro chinês que foi condenado pelos protestos de 1989 e que chegou a dividir a cela com Deshun.

"Nós dois fomos condenados à morte, tivemos a sentença suspensa e devíamos ficar com os pés acorrentados. Eu estava acorrentado, mas ele não. Ele disse que os guardas provavelmente pensaram que Deshun estava muito magro e não poderia suportar as correntes nos pés. Ele não conseguia andar com o peso das correntes", lembra Shengkun.

O movimento de 25 anos atrás é conhecido por ter sido liderado pela elite estudantil pró-democracia da China, mas os protestos fortaleceram-se porque contaram com a participação de trabalhadores e desempregados.

Centenas de milhares de pessoas tomaram a Praça da Paz Celestial, em Pequim, exigindo reformas políticas. Os manifestantes ficaram na praça durante semanas, enquanto uma ferrenha disputa pelo poder se dava dentro do Partido Comunista.

Os políticos da linha dura venceram a disputa política e deram a ordem para retirar os manifestantes

da praça à força, causando o massacre de centenas de pessoas.

Morto ou Vivo?

O Departamento de Prisões de Pequim recusa-se a responder às perguntas sobre Miao Deshun, ressaltando que eles nunca respondem a questões de jornalistas estrangeiros.

A organização Dui Hua, baseada nos Estados Unidos e que defende os direitos dos prisioneiros chineses, afirma que é muito provável que Deshun seja o último recluso condenado por crimes que datam da época do protesto na Praça da Paz Celestial em 1989.

É claro que é possível que Miao Deshun tenha morrido na prisão há anos e a notícia da sua morte ainda não tenha sido divulgada. O Departamento de Prisões só dá informações aos familiares directos. Mas, presumindo que Deshun ainda esteja vivo, qual seria a razão de ele ainda permanecer preso depois de a maioria dos outros condenados pelo protesto ter sido libertada?

A maior parte dos ex-prisioneiros concorda que, diferentemente dos outros, Deshun se recusou a assinar a carta arrependendo-se da participação nos protestos. Ele também recusou-se a trabalhar na prisão, preferindo passar os dias a ler o jornal na sua cela.

"Ele é o último prisioneiro pois nunca admitiu que estava errado. Recusou-se a obedecer aos regulamentos e recusou-se a participar no trabalho de reeducação", disse outro ex-prisioneiro, Sun Liyong.

Liyong vive em Sydney, na Austrália, e trabalha no sector da construção. Nos seus tempos livres, coordena um fundo para ajudar as vítimas e os ex-

-prisioneiros que se envolveram nos protestos da Praça da Paz Celestial. Ele afirma não ter a certeza de que Deshun esteja vivo.

"Mantenho contacto com ex-prisioneiros e todas as vezes pergunto se eles tiveram notícias de Miao. A última vez que alguém o viu foi há cerca de uma década."

Status

Outros ex-prisioneiros afirmam que a longa sentença de Deshun se deve ao status mais humilde, ao facto de ele ser apenas um operário que se envolveu nos protestos.

"Quando as sentenças de prisão foram determinadas, os cidadãos comuns receberam as mais duras", explica o ex-prisioneiro Zhang Baoqun. "Os indivíduos com bons contactos ou aqueles que são protegidos por certas associações tiveram sentenças mais leves."

"Ninguém falou em nome de pessoas como nós. Wang Dan, um dos organizadores do protesto, foi condenado a apenas quatro anos de prisão", disse. "No começo dos anos 1990, quando os familiares de Miao foram visitá-lo, ele recusou as visitas. Não queria que os pais, já velhos, viajassem para tão longe para vê-lo. Desde então, ninguém o viu. Às vezes, Miao e eu ficávamos trancados ao mesmo tempo, a minha cela oposta à da dele", acrescentou.

"As autoridades trataram-no como se ele fosse louco. Ouve dizer que eles levaram-no para a prisão de Yanqing", disse Dong Shengkun, que acrescenta não saber muito sobre a cadeia, mas tem conhecimento de que se situa numa zona muito distante.

A reportagem da BBC dirigiu durante horas pelas montanhas até chegar aos portões de Yanqing,

uma instituição para prisioneiros idosos e com problemas mentais.

A prisão fica num local tão remoto que parece até que Miao Deshun foi banido da sociedade, levado para longe da política que ajudou a fomentar durante os protestos da Praça da Paz Celestial.

De volta à vida

Outros ex-prisioneiros tiveram graus variados de sucesso para se adaptarem novamente ao dia-a-dia. Depois de sair da prisão em 2003, Zhang Baoqun teve vários empregos para sustentar a esposa e o filho, que nasceu depois de ele ser libertado. Baoqun afirma que o tempo na prisão é uma "mancha escura" na sua história, e questiona as suas acções em 1989.

"Não participaria em algo como aquilo de novo. Não teve significado. Você não pode mudar o seu país, não importa o esforço, por maior que seja", disse.

Desde que saiu da prisão há oito anos, Dong Shengkun nunca conseguiu encontrar um emprego em tempo integral. Afastado da esposa e do filho, ele vive com a mãe, de 76 anos de idade, mas não se arrepende das suas escolhas.

"Tenho a consciência limpa. Tantas pessoas se sacrificaram. E eles não sacrificaram as suas vidas pela sociedade materialista de hoje. O povo chinês ficou mais rico agora, mas não deveríamos importar-nos menos simplesmente porque a nossa vida melhorou."

E a longa prisão de Miao Deshun não o surpreende. "Não estou surpreso por ele ainda estar preso. Foi há 25 anos, mas as autoridades ainda podem fazer o que quiserem."

Participação política das mulheres fica para trás na Índia

Quando ainda ecoam na Índia os efeitos das eleições nacionais, activistas e académicos perguntam-se se a crónica insegurança que sofre a população feminina e a apatia dos dirigentes políticos para enfrentá-la poderiam ser revertidos com mais mulheres no parlamento. Desde a violação colectiva de uma jovem em Nova Deli, há dois anos, até a violação e o linchamento de duas primas adolescentes no Estado de Uttar Pradesh, a violência de género ocupa a primeira página da Imprensa local.

Texto: Neeta Lal - Envolverde/IPS • Foto: GettyImage

Num programa de prioridades do Governo iniciado no dia 1 deste mês, foi incluído o compromisso de se garantir a representação feminina de 33% no parlamento, bem como nas assembleias estatais. A aprovação do projecto de lei de Cota para as Mulheres, que estabelece para elas um terço dos assentos da Lok Sabha (câmara baixa) e de todas as assembleias legislativas, poderia converter-se numa forte mensagem a favor do empoderamento feminino, segundo especialistas.

O projecto foi aprovado na Rajya Sabha (câmara alta) em 2010, mas espera a aprovação da Lok Sabha, bem como do novo Primeiro-Ministro, Narendra Modi, do nacionalista Bharatiya Janata Party (BJP). Para vários analistas, o projecto simboliza a chave que abriria a caixa das necessárias reformas eleitorais e parlamentares.

O princípio da igualdade de género está consagrado na Constituição da Índia. Além disso, este país ratificou várias convenções internacionais e instrumentos de direitos humanos para garantir a equidade das mulheres. Um desses documentos é a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (Cedaw), ratificada em 1993. Mas, actualmente, há apenas 61 mulheres na câmara baixa, que tem um total de 543 parlamentares.

Apesar de as mulheres constituírem cerca de metade de 1,2 bilião de habitantes, elas não estão bem representadas em todos os níveis políticos. Isso reflectiu-se nas últimas eleições, quando houve apenas 632 candidatas, muito abaixo dos 7.527 homens que se candidaram. "Dificilmente haverá uma representação proporcional na (chamada) maior democracia do mundo", disse a socióloga Pratibha Pande, que foi professora na Universidade de Nova Deli.



Por outro lado, "se as mulheres fossem um terço dos parlamentares, implantar-se-ia um sistema de controlo e equilíbrio para se garantir melhor vigilância das autoridades nos casos de violação e na proporção entre mulheres e homens, notória em todo o país", acrescentou Pande.

Nas últimas décadas registou-se um contínuo declínio na proporção de mulheres em relação aos homens na população indiana. Ainda se prefere os filhos homens e, embora desde 1996 seja proibido conhecer o sexo do bebé, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) estima que "faltam" cerca de 50 milhões de mulheres na Índia devido a práticas como o feticídio e o infanticídio. A mentalidade patriarcal está tão arraigada que, segundo o censo de 2011, há cerca de 37 milhões de mulheres a menos em relação aos homens: elas são 586,5 milhões contra 623,7 milhões de homens.

A alfabetização também mostra claramente a situação. Sabem ler e escrever 76% dos homens e apenas 54% das mulheres, o que limita mais das suas oportunidades no campo político. Durante a última campanha eleitoral, muitos partidos políticos, incluindo o nacionalista pró-hindu BJP, expressaram o seu desejo de promoverem leis que melhorem a situação das mulheres e combatam os permanentes desequilíbrios de género.

O BJP tirou do poder o Partido do Congresso, que governou durante a última década. Mas nenhuma organização apresentou mais do que umas poucas candidatas, que para muitos observadores foram simples "peças" no processo. Segundo um ensaio de Carole Spary, professora na Universidade de York, na Grã-Bretanha, os partidos políticos da Índia tendem a considerar que as mulheres têm menos possibilidades de ganhar as eleições, em comparação com os homens, e, portanto, preferem não arriscar.

Amitabh Kumar, do Centro de Pesquisa Social, com sede em Nova Deli, que há anos promove campanhas para a aprovação da lei de Cota para as Mulheres, disse à IPS que, apesar de já terem passado seis décadas desde a independência, uma atitude profundamente misógina frustra a capacidade das mulheres de ingressarem na política e de influirem nas decisões políticas.

"Há mulheres muito capazes que demonstraram excelentes habilidades administrativas e de liderança, mas têm dificuldades para mobilizar fundos para as eleições", afirmou Kumar. Para competir por uma vaga no legislativo, o candidato ou a candidata precisa de pelo menos cinco milhões. "Quantas mulheres podem reunir essa quantia?", questionou.

As mulheres constituem apenas 11% dos membros da câmara baixa, uma quantidade in-

fima comparada com muitos países, inclusive com vizinhos da Índia na Ásia meridional. Segundo dados deste ano da União Interparlamentar, com sede em Genebra, o Paquistão tem 67 mulheres na câmara baixa, de um total de 323 deputados (20,7%), Bangladesh tem 67 de 347 (19,3%), e o Nepal tem 172 num universo de 575 (29,9%). A situação na câmara alta indiana não é muito melhor, com 27 mulheres em 2013, o equivalente a 11,5%, muito abaixo da média mundial de 19,6%.

A representação feminina no parlamento é importante não só tendo em conta a justiça social e legitimidade do sistema político, mas também porque um número maior de mulheres no espaço político, articulando interesses e exercendo o poder, atacará a própria raiz do domínio patriarcal na vida pública.

"Sem a suficiente visibilidade, a capacidade de um sector de influir, seja na tomada de decisões ou na cultura política na qual está o sistema de representações, é limitada", explicou Pande. "É preciso haver uma massa crítica de mulheres para se colocar as questões femininas na agenda política", acrescentou.

Um novo estudo da organização Oxfam International concluiu que as panchayats (unidades administrativas rurais) encabeçadas por mulheres funcionavam melhor do que as geridas por homens, segundo um índice realizado com base em oito serviços: água potável, sanitários e saneamento, escolaridade, comércio, grupos comunitários de auto-ajuda, implantação de programas de bem-estar e redução do alcoolismo masculino.

O facto de as mulheres serem quase 25% do novo gabinete ministerial é um bom sinal para o movimento feminino. Esta é a primeira vez que a Índia tem sete ministras, o que cria esperanças de que o país consiga dar passos importantes para inverter o desequilíbrio de género na política.

Atiradores matam 17 em ataques a esquadras da polícia e quartel no Uganda

Homens armados mataram 17 pessoas quando atacaram três esquadras e um quartel militar no oeste do Uganda, na região que já foi palco da insurgência de rebeldes islâmicos, informou o Exército neste domingo.

Texto: Redacção/Agências

O porta-voz das Forças de Defesa do Povo de Uganda, Paddy Ankunda, disse que entre os mortos estão três policiais e cinco soldados. Um total de 41 agressores foram mortos, enquanto outros 12 foram capturados durante os ataques no sábado à noite, acrescentou.

Os atiradores, que pertencem a uma milícia local, não tinham qualquer ligação com o grupo rebelde islamista ADF-NALU, que atacava a população local no final dos anos 90 e início de 2000. O grupo foi derrotado e forçado a fugir para a selva da vizinha República Democrática do Congo.

"O que sabemos é que essa milícia

não tem ligação com o ADF-NALU, mas estamos pesquisando para tentar descobrir quem são seus partidários e quais são seus motivos," disse Ankunda. "Estamos interrogando aqueles que capturamos e esperamos encontrar quem está por trás desses ataques".

Os agressores roubaram 13 armas das delegacias que atacaram, acrescentou o porta-voz militar. Uganda teme que se o ADF-NALU não for monitorado pelo governo tolerante do leste do Congo, se transforme em uma ameaça para seus campos de petróleo na bacia de Albertine, onde Tullow Oil, Total e CNOOC da China estão se preparando para produção comercial.

Atiradores matam pelo menos 29 em dois ataques na costa do Quénia

Atiradores mataram pelo menos 29 pessoas em ataques em duas áreas diferentes da costa do Quénia, informou o ministério do Interior neste domingo. O grupo militante islamista somali al Shabaab, que atacou o shopping center de Westgate em Nairobi em setembro passado, declarou responsabilidade pelo ataque na noite de sábado na área litorânea.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

Nove pessoas perderam a vida no centro comercial hindu no condado de Lamu, perto do local dos ataques em que 65 pessoas foram mortas no mês passado, disse à Reuters o porta-voz do ministério Mwenda Njoka.

Outras 20 pessoas foram mortas em outro ataque na área de Gamba, no condado vizinho Tana River. Ambos os condados ficam ao norte do porto de Mombassa.

"Houve dois ataques em Lamu e Tana River na noite passada. Em Lamu temos nove pessoas mortas e em Tana River, temos 20. O número pode subir", disse Njoka ao telefone.

Autoridades afirmaram que um grupo de



10 a 15 homens atacou Hindi, situado a 15 quilómetros da cidade de Lamu e perto da cidade de Mpeketoni. O local também se localiza perto da cidade de Mpeketoni, que foi quase destruída em um dos ataques em junho.

"Eles dispararam nas pessoas e vilarejos indiscriminadamente", disse o chefe da área, Abdallah Shahsi, à Reuters.

Desporto

Dário Monteiro: Um treinador de quem depende o futuro

Depois de muitos anos a espalhar a sua classe nos relvados, o ex-capitão da seleção nacional, Dário Monteiro, decidiu abraçar a carreira de treinador de futebol. Actualmente, aquele antigo atleta, com passagens por diversos clubes como Académica de Coimbra, Vitória de Guimarães, Mamelodi Sundowns, Liga Muçulmana e Desportivo Maputo, tem a árdua tarefa de preparar os "Mambas" do futuro, e a missão de qualificar, pela primeira vez, os sub-17 para o Campeonato Africano das Nações que terá lugar no Níger, no próximo ano.

Texto: Duarte Sítio • Foto: Eliseu Patife



@Verdade - Há muitos anos que uma seleção nacional de juvenis não passava da etapa preliminar de apuramento para o Campeonato Africano deste escalão. Em 2014, Dário Monteiro conseguiu quebrar esta barreira, atingindo a primeira eliminatória. Sente-se realizado?

Dário Monteiro (DM) – Não vou esconder que estava confiante na transição para a fase seguinte. Tive essa sensação desde o princípio do meu trabalho como seleccionador nacional. Em Moçambique temos mais talentos comparativamente à Namíbia, factor que me fez acreditar no triunfo.

@V - Mas a estreia de Dário Monteiro, como treinador, não foi saborosa. Empatou na primeira "mão" por 1 - 1, embora tenha mudado o rumo dos acontecimentos na segunda ao vencer por 1 - 0, tratando-se de uma eliminatória para uma competição continental. Como é que olha para estes resultados?

DM – O primeiro desafio não correu conforme projectara sobretudo por, na primeira parte, a equipa não ter conseguido implantar a nossa filosofia de jogo. Sofremos um golo neste período. Na segunda metade, os meus jogadores ganharam ânimo e chegaram ao empate, embora tenham beneficiado de várias oportunidades para marcar. Sem querer justificar nada, é importante que todos saibam que este foi o primeiro desafio internacional de muitos jogadores.

Na segunda "mão" fomos claramente superiores diante da Namíbia. O resultado de 1 - 0, que conseguimos até ao minuto 90, chega a ser enganador na medida em que do princípio ao fim beneficiámos de diversas ocasiões de golo. Ou seja, este desfecho pecou por ser escasso, apesar de ter apurado Moçambique para a primeira eliminatória de acesso ao Campeonato Africano de Futebol de sub-17.

@V - Como é que recebeu a notícia da escolha de Dário Monteiro para orientar a seleção de sub-17, uma tarefa que, como todos sabem, é responsável pela formação de futuras seleções nacionais de futebol?

DM – Senti-me lisonjeado com o convite e feliz com a confiança depositada em mim pela Federação Moçambicana de Futebol. Nunca fui treinador de futebol e estou de acordo quando se diz que não me foi atribuído o cargo por experiência nesta função, mas por tudo aquilo que fiz e dei ao povo moçambicano ao longo da minha carreira como jogador, seja nos clubes, seja na seleção nacional. Quero pôr em prática todos os meus conhecimentos neste novo desafio.

Deixem-me dizer que este é o princípio de um percurso com que sempre sonhei. Daqui para a frente vou-me concentrar neste trabalho, na esperança de poder transmitir tudo o que fui assimilando durante a minha carreira de jogador aos miúdos. Felizmente, trabalhei com vários treinadores e cada um tinha a sua filosofia de trabalho, factor que, conjugado com o que aprendi durante a minha formação, me deixa mais optimista no que toca à formação de novos craques internacionais.

@V - O próximo adversário de Moçambique é a seleção de Angola, na primeira eliminatória de acesso ao Campeonato Africano de Futebol de sub-17. O que se pode esperar da equipa liderada por Dário Monteiro?

DM – O nosso objectivo é transitar para a fase final. Estamos cientes das dificuldades que teremos pela frente diante da seleção angolana, sendo por isso necessário ter garra, determinação e humildade durante os 180 minutos. São estas três coisas que eu tenho pedido aos meus jogadores e que, na minha óptica, são a base de sucesso de qualquer desportista na sua carreira.

Mas é importante afirmar que eu não sou de promessas, mas sim de apresentar trabalho. Portanto, o futuro irá determinar se a nossa caminhada foi, ou não, boa.

@V - Dário Monteiro surpreendeu muita gente ao convocar seis jogadores do Nacional de Maputo, um clube amador da capital do país. Qual foi a motivação?

DM – Quando comecei a trabalhar como seleccionador, Moçambique tinha de se preparar para as eliminatórias de acesso ao Campeonato Africano de Futebol de sub-17. Naquela altura, o Nacional de Maputo ocupava a primeira posição da tabela classificativa do Campeonato de Juvenis da Cidade de Maputo, factor que me motivou a falar com o respectivo técnico a fim de me ceder os seus melhores jogadores.

Falei, igualmente, com os treinadores de outros clubes. Mas, os rapazes do Nacional mostraram mais capacidades comparativamente aos restantes. Foi por isso que continuaram na minha equipa, sabido por todos que numa seleção jogam apenas os melhores.

@V - Caso Moçambique não se consiga qualificar para a fase final do "Africano", a isto se poderia considerar um fracasso, atendendo a esta capacidade de liderança de Dário Monteiro?

DM – Seria um fracasso se não tivéssemos passado da pré-eliminatória, sabido que a Namíbia era uma seleção acessível. Se não conseguirmos alcançar o objectivo de estar na fase final do Campeonato Africano de Futebol de sub-17, não me sentirei frustrado. Lá estarão os melhores e, se não formos nós, haverá sempre outros.

@V - Qual é o sonho de Dário Monteiro nesta nobre profissão de treinador de futebol?

DM – Conforme disse anteriormente, treinar a seleção de sub-17 é a minha primeira experiência de trabalho como treinador. O meu objectivo é comandar uma equipa, visto que tenho capacidade para tal. Formei-me durante dois anos na Espanha, porém ainda não tracei o meu futuro.

"Consigo motivar os meus jogadores a alcançarem bons resultados"

@V - Durante a partida da primeira "mão", contra a Namíbia, notámos que a seleção nacional privilegiava a posse e a circulação de bola. Podemos assumir que este é o modelo de jogo dos "Mambinhas" de sub-17?

DM – Numa seleção nacional jogam sempre os melhores atletas que temos no país, sendo que os meus foram escolhidos cuidadosamente. E aquilo que vocês puderam ver, nos dois jogos contra a Namíbia, espelha o nível dos jogadores que temos em Moçambique e o trabalho que tenho vindo a fazer com eles, há mais de dois meses.

A nossa filosofia de trabalho é unir o útil ao agradável, ou seja, praticar um futebol vistoso que ganha jogos. É exactamente isto que tenho incutido nos rapazes e eles estão de parabéns por, durante a pré-eliminatória, terem colocado em prática tudo o que nós, como equipa técnica, pedimos.

Durante a minha formação como treinador de futebol, na Espanha, aprendi que, para além da táctica e da técnica, era importante abordar o factor psicológico nos jogadores, algo que, consubstanciado com a eliminação da Namíbia, me faz crer que eu consigo motivar os meus atletas no sentido de alcançarem bons resultados.

@V - O calcanhar de Aquiles do futebol moçambicano residiu sempre na formação. Como seleccionador nacional de sub-17, qual é a estratégia que tem em vista para minimizar este problema?

DM – Nunca se pode falar de uma seleção nacional sem se referir aos clubes que fornecem os jogadores. O mesmo acontece a nível da formação, em que as várias colectividades que temos no país são as que devem batalhar muito para inverter o actual cenário de modo a garantirem que, no futuro, possamos ter estrelas no futebol.

Como treinador de uma seleção jovem, devo-me preocupar em associar o meu trabalho àquilo que eles aprendem nos seus respectivos clubes, na medida em que eles passam mais tempo a treinar lá, do que comigo. Não é papel de uma federação formar jogadores, mas sim de coordenar para que haja formação e massificação nesta modalidade.

@V - Qual é a situação contratual de Dário Monteiro e o que a "FMF" colocou como objectivo aquando da assinatura do contrato de trabalho?

DM – O vínculo contratual que me liga à Federação Moçambicana de Futebol é válido por um ano, ou seja, vai até Abril de 2015. E a minha missão, durante este período, é dar o meu contributo na formação de jogadores para as seleções vindouras, obviamente recrutando novos talentos para arquitectar, a curto prazo, uma equipa de sub-17 de Moçambique. Neste momento estou concentrado na zona sul do país mas tenho, como projeto, expandir a ideia para o centro e norte do país.

@V - Partindo do princípio de que o trabalho de formação é bastante complexo, sente-se confortável com este contrato válido por apenas 12 meses?

DM – Esta questão foi colocada a uma pessoa errada. Eu fui convidado para ser seleccionador e propuseram-me um contrato de um ano. Durante este período, eu devo dar o meu melhor, apesar de reconhecer que é curto. Mas não me queixo disso, pelo contrário, a minha preocupação é potenciar os jogadores que farão parte das futuras seleções nacionais de futebol.

Voleibol: Moçambique exclui-se do Campeonato do Mundo

As duas duplas que formam a selecção nacional de voleibol na categoria de sub-21, feminina e masculina, não poderão disputar, entre os dias 22 e 27 do mês em curso, no Chipre, o Campeonato Mundial de Voleibol daquele escalão. A lamentável decisão prende-se com a falta de fundos para o efeito.

Texto: David Nhassengo • Foto: Eliseu Patife

Trata-se de Agostinho Tivane e Ronaldo Cuamba, em masculinos, Fáuzia Mussane e Lise Cambula, em femininos, que dentro de duas semanas não poderão viajar ao Chipre, país europeu que acolherá o Campeonato Mundial de Voleibol de sub-21. Esta informação foi confirmada ao @Verdade por Pelágio Pascoal, secretário-geral da Federação Moçambicana de Voleibol (FMV), que na ocasião revelou que a decisão se deve ao facto de o organismo gestor daquela modalidade não dispor de fundos para custear as despesas inerentes à viagem, estadia e alimentação dos atletas naquele país europeu.

Ainda de acordo com Pelágio, que para todos os efeitos serviu de fonte oficial para confirmar uma denúncia enviada à nossa Redacção pelos atletas, a FMV pretendia levar duas selecções nacionais para os respectivos "Mundiais", nomeadamente de sub-17 e de sub-21, o que acabou por não acontecer porque, "à última hora, o Fundo de Promoção Desportiva, o nosso principal parceiro, informou-nos de que não dispunha de fundos para custear a ida das quatro duplas para aquelas importantes competições, mas de apenas duas, ou seja, de uma selecção, a de sub-17".

Os contornos burocráticos que traíram a FMV

Ainda de acordo com Pelágio Pascoal, secretário-geral do organismo que gera o voleibol em Moçambique, a Federação Internacional de Voleibol (FIV) predispõe-se a custear as despesas inerentes à participação de todas as selecções nacionais nos Campeonatos Mundiais de Voleibol de sub-17 e sub-21, excepto as passagens aéreas que ficariam por conta dos respectivos países. "Só que, a dada altura, as coisas mudaram e os participantes receberam indicações de que teriam de pagar a 100% os respectivos gastos, uma decisão que nos encontrou de surpresa pois, neste momento, nós não dispomos de nenhum fundo", disse.

Porque era um sonho de atletas jovens que se ia reduzir a cinzas, a FMV tentou namorar os seus parceiros, nomeadamente o Fundo de Promoção Desportiva (FPD) e o empresariado nacional. "Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para termos o dinheiro necessário. Mas todas as portas não se abriram", referiu Pelágio Pascoal, que lamentou o facto de Moçambique não poder participar no Campeonato Mundial de Voleibol de sub-21.

Para todos os efeitos, as duas duplas nacionais, que serão acompanhadas por apenas dois treinadores, sendo um por cada selecção, precisam de um total de 1.092.877 meticais, um orçamento que prevê o pagamento de passagens áreas, alojamento, alimentação, per diem e equipamento para os integrantes da delegação moçambicana.

Um pesadelo

Moçambique garantiu o apuramento ao Campeonato Mundial de Voleibol de Praia, na categoria de sub-21, em Maio do ano em curso na capital do país, Maputo. Na prova que teve lugar na praia do Costa do Sol, a selecção masculina, composta por Agostinho Tivane e Ronaldo Cuamba, terminou na segunda posição depois de derrotar o Zimbabwe, por 2 - 0, no primeiro confronto e averbar uma derrota diante do Egito por 2 - 1.

Em femininos, as nossas representantes apuraram-se automaticamente para o "Mundial" do escalão em virtude de nenhum outro país se ter inscrito nas eliminatórias de Maputo.

Na altura, recordámos, o ministro da Juventude e Desportos, Fernando Sumbana Júnior, discursou na cerimónia de abertura do evento tendo dito, entre outras coisas, que "o país está optimista na conquista de lugares de pódio, por parte das duplas moçambicanas, e a qualificação para o Campeonato do Mundo".

Contudo, as selecções não poderão viajar para o Chipre, em virtude de Moçambique, especificamente a FMV e o FPD, não dispor de fundos.



Atletas desapontados e inconsoláveis

Não há consolo possível, que não seja quatro passagens áreas para o Chipre, diga-se de passagem, que possa deter as lágrimas dos atletas. Até porque, como se sabe, foi algo que eles conseguiram com muita dedicação e esforço em Maio último. Aliás, o @Verdade foi testemunha do quanto as duas duplas se entregavam alegre e afincadamente na preparação para a referida competição na praia da Miramar e na Escola Secundária da Polana. Não faltaram artigos escritos por nós a respeito deste assunto.

Aliás, é importante afirmar que os atletas foram informados de que já não poderiam viajar para o Chipre no penúltimo dia de treino intensivo. Um verdadeiro drama para quem não merece.

Falando ao @Verdade, Fáusea Mussane revelou que está muito triste e que, para ela, o voleibol perdeu interesse desde o dia em que recebeu aquela triste notícia. "Nós treinávamos de dia e de noite para darmos o nosso melhor no 'Mundial'. Agora dizem que não há dinheiro, que por isso temos de ficar em casa. Enfim. Só podemos esperar por outras oportunidades, embora isto tudo seja desencorajador", disse.

Fáusea não ficou só por aí. Teceu duras críticas aos dirigentes desportivos deste país na medida em que, na sua óptica, eles valorizam determinadas modalidades, obviamente marginalizando as outras. Segundo aquela atleta, "o voleibol é enteado em Moçambique. É pouco conhecido e ninguém faz absolutamente nada para contrariar isso".

Ronaldo Cuamba, por sua vez, chegou a deitar lágrimas durante a entrevista com o @Verdade. "Fui privado de realizar um sonho. Dediquei-me com garra a pensar que vou representar dignamente a 23 milhões de habitantes. Tudo em vão. Agora resta-me ficar em casa para assistir à televisão e ver aqueles que seriam meus adversários pela televisão. Tudo por causa do dinheiro".

Ronaldo assegurou, ainda, que não vai desistir do voleibol, apesar de as instituições gestoras do desporto em Moçambique nada fazerem para valorizar quem realmente trabalha em prol do país.

"A Federação de Voleibol gastou todo o dinheiro", responde o Governo

Ainda na sequência deste assunto, a nossa equipa de reportagem deslocou-se ao Ministério da Juventude e Desportos para ouvir a versão do Fundo de Promoção Desportiva, relativamente ao "escândalo" da não ida da selecção nacional de sub-21 ao Campeonato Mundial de Voleibol.

Chegados àquela instituição, o @Verdade expôs o assunto aos recepcionistas que, por sua vez, nos recomendaram que falássemos directamente com a directora nacional do desporto, Amélia Chavana. Contudo, um indivíduo ligado ao Departamento de Comunicação do Ministério da Juventude e Desporto aconselhou-nos a falar com Rui Albasine, chefe da Missão Moçambique, "a pessoa indicada para esclarecer todas as questões".

Não desistimos e fomos ao encontro deste último dirigente, cujo gabinete de trabalho se encontra nas instalações do Estádio Nacional do Zimpeto. "Olha, no Ministério existem quatro instituições que lidam directamente com o desporto. Temos o Comité Olímpico como coordenador das federações; temos o Fundo de Promoção Desportiva que financia as federações; temos as federações que coordenam as modalidades e o Instituto Nacional do Desporto que trata das políticas desportivas do país", adiantou Rui Albasine, que a seguir esclareceu que estas instituições acima descritas reuniram-se para discutir a ida das selecções nacionais de voleibol para os respectivos Campeonatos Mundiais.

Ainda de acordo com o chefe da Missão Moçambique, nesse referido encontro a FMV propôs a ida de quatro selecções aos "Mundiais", nomeadamente de sub-17, sub-19, sub-21 e sub-23, sendo que, no quadro do contrato-programa existente, o Governo decidiu desembolsar os valores necessários para o efeito. "Sucede que a Federação de Voleibol preferiu gastar todo o dinheiro na realização de Campeonatos Nacionais", elucidou ainda Rui Albasine.

Então, continuou o nosso entrevistado, "quando a federação veio exigir mais dinheiro para a participação de Moçambique nos 'Mundiais', isto depois de ter gasto aquilo que demos, conjuntamente adoptámos uma filosofia que consiste em dar primazia à selecção nacional de sub-17 que deve viajar até o México".

"Portanto, é da responsabilidade da FMV criar condições para os atletas irem ao Chipre. O Governo não impedi ninguém de viajar", concluiu Rui Albasine.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdademz

Email: averdademz@gmail.com

A CONTE EU
A verdade em cada palavra.

Nampula sagra-se campeã do “Regional” de Karate Kimura Shukokai

A província de Nampula sagrou-se campeã, no último sábado (05), da IV edição do Campeonato Regional de Karate Kimura Shukokai, nas categorias de iniciados, juniores e seniores, em femininos e masculinos. Participaram na prova 55 atletas oriundos das províncias de Nampula e Zambézia, estando ausentes, devido à falta de fundos para custear o transporte e a alimentação, as de Cabo Delgado e Niassa.

Texto & Foto: Sitoi Lutxeque

Na competição, que durou aproximadamente sete horas, a província de Nampula, representada por duas escolas, nomeadamente o Centro Infantil Borboletas e Hu-chi doj, nos três escalões, amealhou sete taças de ouro, oito de prata e 11 de bronze, enquanto a província da Zambézia, também, representada por duas escolas obteve três taças de ouro, 11 medalhas de prata e cinco de bronze.

Tratou-se de uma prova cuja realização obrigou os juízes e os membros do júri a não observarem as regras internacionais, ignorando assim algumas irregularidades, principalmente na especialidade de combate devido à falta de meios materiais, com destaque para protetores de dentes, peito, joelho, luvas, assistência médica, entre outros.

Apesar dessas dificuldades, os karatecas da cidade de Nampula, sobretudo os de escalões de iniciados e juvenis, disputaram a prova em regime misto (homens e mulheres), devido à insuficiência de equipas em ambos os sexos. A formação esteve muito bem motivada e com o objectivo definido de levar o maior número de troféus, algo que foi demonstrado durante o desafio.

Com a presença de pais e encarregados de educação, além de representantes da Federação Moçambicana de Karaté (FMK), da Direcção Provincial da Juventude e Desporto, e da Associação Moçambicana de Karate Shukokai, a pequenada de Nampula mostrou o que sabe fazer nas artes marciais.

A província da Zambézia representada, também, por atletas da cidade de Quelimane, deu tudo para conquistar as posições cimeiras naquela que foi considerada a maior prova de karate a nível da região norte do país.

Na categoria de katas, em iniciados femininos, a vencedora foi Aiyana Albano, de cinco anos de idade; o segundo lugar foi ocupado por Shelen Laquichi, de quatro anos, ambas da cidade de Nampula, e na terceira posição ficou Olímpia Abdala, de 8 anos, oriunda da cidade de Quelimane, tendo amealhado uma taça de ouro, uma medalha de prata e bronze, respectivamente.

Na especialidade de combate, ainda no mesmo escalão, Quione Kalimo e Shelen Laquichi, ambos de Nampula, e Olímpia Abdala, da cidade de Quelimane, ocuparam o primeiro, segundo e terceiro lugar, respectivamente, enquanto em masculinos Rafael Ribeiro, de sete anos de idade, representante da província de Nampula, se sagrou campeão, e Leonel Casimiro e Ikarlo



Mindo ficaram na segunda e terceira posições, respectivamente, nas categorias de katas.

Na categoria de combate, Yanni Guimarães ocupou a primeira posição, seguido de David Martins e Ikarlo Mindo, novamente, em segundo e terceiro lugar, todos da considerada capital do norte.

No escalão de juvenis, nas categorias combate e katas, Faira Arlindo Mema foi campeã nas duas, tendo amealhado duas taças de ouro, seguida de Mões Muchanga e Almeida Carlos, estes dois últimos da delegação da Zambézia com duas medalhas de prata e bronze cada um.

Em seniores, as taças de ouro foram divididas pelas duas províncias, sendo uma conquistada por Nito, da Zambézia, e outra por Octávio, de Nampula, na categoria de katas e combate, respectivamente. Abdul e Alice, da Zambézia e de Nampula, respectivamente, ocuparam o segundo e terceiro lugar em katas e, finalmente, em combate Aufe, de Nampula, e João, da Zambézia, terminaram na segunda e terceira posição.

Reacção dos intervenientes

Taiyob Aminudine, de oito anos de idade, natural de Quelimane, província da Zambézia, que alcançou o segundo e terceiro lugares em katas e combate, respectivamente, mostrou-se satisfeito por ter participado no campeonato, mas não dá muito valor aos resultados. “Não gostei porque combati com candidatos mais velhos, facto que influenciou os resultados”, refere.

Faira Arlindo, de 13 anos de idade, natural de Nampula, ocupou o primeiro lugar nas categorias de katas e combate em juvenis-mistas. Ela defende que a vitória resulta de muito sacrifício, calma e muitos treinos. “Não estava confiante na vitória porque combati com rapazes, mas com fé, acabei superando os adversários e amealhei resultados que nem esperava”, disse a adolescente, tendo acrescentado que é a segunda vez que participa num campeonato do género.

A nossa interlocutora sublinhou que nunca vai abandonar a actividade até que alcance o seu sonho de se tornar instrutora das gerações vindouras na modalidade que pratica desde os três anos de idade.

“Não alcançámos os objectivos traçados”

O presidente da Federação Moçambicana de Karaté (FMK), Carlos Dias, diz que a sua agremiação não alcançou os objectivos, que eram os de unir todas as delegações da região norte para disputarem aquela que é a maior prova da modalidade a nível daquela região.

O nosso entrevistado afirmou que, apesar disso, foram atingidos os objectivos que considerou secundários, que eram os de expandir a modalidade, sobretudo nas camadas de iniciados ou infantis, em que existem poucos praticantes. “Estamos satisfeitos, apesar de não termos aplicado as regras internacionais. Além disso, se nós as aplicássemos, não have-

ria campeonato regional, razão pela qual adoptámos as regras locais reconhecidas pela Federação Mundial, tudo por falta de material desportivo”, explicou Dias.

Aquele líder desportivo acrescentou que um dos problemas que fez com que as regras fossem ignoradas tem a ver com a inexistência de meios, associados aos recursos financeiros. Ele disse que se fossem observadas os regulamentos exigidos, teriam surgido muitos acidentes naquela prova.

“Se nós cancelássemos a campeonato devido a estes problemas, estaríamos a matar a modalidade na região norte, porque estas dificuldades não são recentes. Nós fazemos esforços para promover o karate, o que se tem tornado muito difícil devido a questões financeiras”, rematou.

FMK sem fundos para estar presente no “Mundial” de karate

A falta de fundos poderá comprometer a participação de 32 dos 44 atletas, apurados e seleccionados em todos os escalões, nomeadamente juniores, juvenis, cadetes, sub-21, seniores e veteranos, no Campeonato Mundial de Karate Kimura Shukokai, evento agendado para 20 a 25 de Julho corrente na África do Sul.

Presentemente, a FMK possui 150 mil meticais, parte desse valor foi doado pelo Governo, dos 573 mil meticais que são necessários para custear as despesas dos atletas, dirigentes e médicos da selecção moçambicana, naquela que é considerada a primeira maior prova da modalidade a nível do mundo.

De acordo com Carlos Dias, o valor não é suficiente para cobrir os gastos dos 12 atletas em questão, uma vez que, pelos cálculos feitos, o montante só servirá para as despesas de três, estando a federação a fazer diligências para levar aqueles karatecas ao “Mundial” da África do Sul.

“Não temos fundos para suportar todos os atletas, vamos optar por levar apenas 12 atletas, sendo cada um em representação de uma província como forma de ter o país todo representado no “Mundial”, e os restantes vão ter de procurar outras formas”, disse Dias.

A caminho da Turquia: “Samurais” prosseguem a preparação

Texto: Redacção

A selecção de basquetebol sénior feminino de Moçambique prossegue a preparação para o Campeonato Mundial de Basquetebol que terá lugar na Turquia, entre os dias 27 de Setembro e 05 de Outubro. Nazir Salé, seleccionador nacional, voltou a lamentar o facto de o combinado nacional ter perdido mais de trinta treinos no mês de Junho.

Depois de várias semanas concentradas na recuperação física, de modo a ganharem ritmo competitivo, as “Samurais”, sob a liderança de Nazir Salé, já trabalham nos aspectos tácticos e técnicos que irão pôr em prática durante o Campeonato do Mundo. Durante o treino desta terça-feira (08), aberto por 15 minutos ao público, as jogadoras foram vistas a ensaiar os lançamentos livres.

No referido exercício, em que se destacou Leia Dongue, que re-

gressou aos treinos depois de ter sido dispensada, nas sessões anteriores, para tratar de assuntos pessoais, aquela atleta do Primeiro de Agosto de Luanda e Deolinda Ngulela foram totalistas nos pontos ao marcarem todos os sete tiros.

Falando à comunicação social, Nazir Salé voltou a repisar que está a correr “contra o relógio”, na medida em que “a selecção perdeu mais de trinta treinos no mês de Junho devido à digressão que efectuou em algumas províncias do país”.

Questionado sobre a solução que desenhou para recuperar o tempo perdido, aquele técnico respondeu que neste momento as “Samurais” estão a fazer treinos bidiários.

Atletas não são autorizadas a falar à Imprensa

Depois dos treinos, o @Verdade tentou, mas sem sucesso, con-

versar com as atletas da selecção nacional sénior feminina, de modo a medir o “pulsar” das “Samurais”, relativamente à fase de preparação. A única resposta encontrada foi a de que “não podemos dar nenhum depoimento neste momento. Ainda não fomos autorizadas pelo mister”, tal como disse, por exemplo, Ingvild.

Importa referir que das 19 atletas pré-seleccionadas, apenas 12 seguirão para Turquia, local onde irá decorrer o certame.

Eis a lista das atletas:

Anabela Cossa, Odélia Mafanela, Catia Halar, Deolinda Ngulela, Elizabeth Pereira, Valerdina Manhonga, Filomena Micato, Rute Muianga, Ingvild Mucauro, Regina Mahoce, Deolinda Gimo, Ornilia Mutombene, Leia Dongue, Ana Flávia, Amélia Macamo, Ilda Chambe, Isabel Mavamba, Eliana Ventura e Sofia Vieque.



**COPA DO MUNDO DA
FIFA BRASIL 2014™**
Acompanhe os jogos na
Supersport Máximo 360°



GOTV
Qualidade e Diversão para todos

"Mundial" 2014: Alemanha e Argentina reeditam finais de 1986 e 1990

Em confrontos emocionantes das meias-finais, as seleções da Alemanha e da Argentina confirmaram a presença na final do "Mundial" do Brasil, que será disputada no próximo domingo (13) no Maracanã. Aos anfitriões, humilhados pelos alemães no chamado "Mineirazo", resta apenas resgatar a honra diante da Holanda, na disputa pelo terceiro lugar.

Texto: Agências/Redacção • Foto: VIPCOMM

O "onze" de Joachim Löw despedaçou o sonho do "hexa" em 29 minutos fenomenais, em que chegou a 5-0, com um golo de Thomas Müller (11 minutos), o 16.º recorde, de Miroslav Klose (23), dois de Toni Kroos (25 e 26) e ainda um de Sami Khedira (29).

Na segunda metade, um "bis" de Andre Schürrle (69 e 79 minutos) acentuou a "humilhação" de uns incrédulos "canarinhos", que só por uma vez em "Mundiais" havia perdido por três golos. O golo de Óscar (90) soube a menos do que nada.

Depois do "Maracanazo" de 1950, o 1-2 com o Uruguai, há 64 anos, o 7-1 de Belo Horizonte entrará, certamente, para a história como o "Mineirazo" ou algo semelhante.

A Alemanha foi "gigante", imensa e parte como favorita para a final, seja para a reedição da de 1974, com a Holanda (2-1), ou para as de 1986 (2-3) e 1990 (0-1), com a Argentina, duas seleções que jogam quarta-feira e até devem ter medo de ganhar.

Fórmula 1: Rosberg abandona e Hamilton vence em casa

Correndo em casa, Lewis Hamilton venceu o Grande Prémio de Silverstone de Fórmula 1 no passado domingo e diminuiu para quatro pontos a distância entre ele e o líder da tabela geral Nico Rosberg, o seu parceiro na Mercedes, depois de o alemão ter abandonado a prova pela primeira vez na temporada. Hamilton, que vencera em Silverstone pela última vez em 2008, agora tem 161 pontos contra os 165 de Rosberg, faltando dez corridas para o fim da temporada e com as esperanças de conquistar o título plenamente renovadas.

Texto: jornal Ionline

Foi a sua quinta vitória na F1 neste ano. "Eu não quero ver um companheiro de equipa perder. Quero a dobradinha. Mas é que eu realmente precisava desse resultado", disse Hamilton já no pódio, frente a uma entusiasmada claque.

O finlandês Valtteri Bottas da Williams foi o segundo, 30,1 segundos atrás de Hamilton, chegando ao pódio pela segunda vez consecutiva e alcançando o melhor resultado da carreira depois de largar em 14º. O australiano Daniel Ricciardo foi o terceiro com o seu Red Bull, 16,3 segundos atrás de Bottas.

A corrida teve bandeira vermelha logo após a largada, em função de um embate envolvendo o campeão de 2007 Kimi Raikkonen, da Ferrari. O piloto finlandês teve de ser levado para o centro médico com dores no tornozelo, mas não se feriu com gravidade. Foi a primeira vez que uma corrida teve de ser interrompida na primeira volta desde Mônaco 2000.

Quando recomeçou andando atrás do safety car, Hamilton foi ao delírio quando Rosberg sofreu com um pouco da falta de azar que parecia só atingir o inglês até então na temporada. O líder da prova e do campeonato teve um problema na caixa de mudanças após 20 das 52 voltas, no momento exato em que o engenheiro de prova de Hamilton lhe disse para acelerar e dar gás com vista a assumir a liderança.

Nove voltas mais tarde, Rosberg diminuiu o ritmo, saiu da pista e estacionou na relva, enquanto Hamilton herdava o primeiro lugar do seu principal adversário na luta pelo título. "Começou na volta de número 20 e depois só piorou. Não pude fazer nada que eles sugeriram para poupar as mudanças", disse Rosberg, que até então havia terminado em primeiro ou segundo em todas as corridas da temporada, ao passo que Hamilton enfrentara dois abandonos. "Estava tudo sob controlo até este momento. É por isso que foi tão decepcionante."

Em relação aos "quartos", Scolari fez entrar Dante e Bernard para os lugares do castigado Thiago Silva e do lesionado Neymar e regressar Luís Gustavo, retirando Paulinho, enquanto Löw repetiu o "onze".

O Brasil foi o primeiro a ameaçar, num remate ao lado de Marcelo e num centro de Hulk, detido por Neuer, mas foi a Alemanha que quase marcou logo aos oito minutos, com Khedira, lançado por Özil, a rematar contra Kroos.

O golo apareceu pouco depois, aos 11 minutos, com Kroos a marcar um canto na direita e Thomas Müller, deixado só no "coração" da área, a marcar à vontade o seu 10.º golo em "Mundiais" e quinto na edição de 2014.

A formação "canarinha" não conseguiu reagir e a Alemanha tomou conta do jogo, chegando ao segundo aos 23 minutos, numa jogada de envolvência, com Müller a tabelar com Kroos e a deixar para Klose, que bate Júlio César à segunda.

Não se sabia, mas estava a começar algo de memorável, de impensável. O Brasil "morreu" e a Alemanha a jogar um futebol do "outro mundo", com passes atrás de passes, sempre certeiros e a grande velocidade.

De repente, aos 25 e 26 minutos, Kroos "bisou", primeiro após passe de Lahm e depois, logo após a bola ir ao centro, na sequência de uma tabela com Khedira.

O quinto não demorou muito, quase nada. Aos 29 minutos, Hummels arrancou pelo centro do terreno, deixou em esforço em Khedira, que lançou Özil. O médio do Arsenal não quis marcar e preferiu devolver o passe ao jogador do Real Madrid.

O encontro como que acabou aí, mas ainda faltava uma "eternidade", sobretudo para o Brasil, que ainda tentou reagir no início da segunda parte, só que o "gigante" Neuer parou as intenções de Ramires, Óscar e Paulinho.



A Alemanha jogava agora com grande calma, enorme descontração e quase não atacava, mas, quando o fazia, ameaçava sempre com o sexto, que chegou, aos 69 minutos, obra de Schürrle, servido por Lahm.

O "massacre" não estava, porém, acabado. Uma dezena de minutos depois chegou o sétimo, um "tiraço" de Schürrle, após assistência de Müller, numa jogada

iniciada num lançamento lateral.

Até final, os germânicos ainda tiveram uma oportunidade de ouro para chegarem ao oitavo, mas Özil atirou ao lado e, na jogada seguinte, aos 90 minutos, Óscar marcou para o Brasil, um "pesado" golo de honra.

Argentina vence com recurso às grandes penalidades

A Argentina qualificou-se, esta quarta-feira (09), para a final do Campeonato Mundial de Futebol, marcando encontro com a Alemanha, como em 1986 e 1990, ao vencer a Holanda por 4-2, no desempate por grandes penalidades. Numa meia-final muito calculista, de parte a parte, e com escassas oportunidades de golo para holandeses e argentinos, o "nulo" (0-0) manteve-se do início ao fim da partida e após 120 minutos.

A marcação de grandes penalidades surgiu como castigo pela falta de audácia das duas seleções, em que se veio a descobrir quem seria o adversário da Alemanha na final de domingo, no Rio de Janeiro. Nas referidas lotarias decisivas, Vlaar e Sneijder falharam para os holandeses, enquanto do lado da Argentina marcaram todos os quatro jogadores.

A final do "Mundial" está marcada para o próximo domingo (13), no Estádio Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro. No sábado (12), em Brasília, Brasil e Holanda vão lutar pela terceira posição.

Ténis: Djokovic, ou como ganhar em Wimbledon e ser outra vez número um do mundo

Este grand slam não foi para jovens. Se por nova geração os entendidos queriam dizer o renascimento dos heróis, nada a dizer

Texto: jornal Ionline

Se na música os moves são de Jagger, no ténis são todos de Roger Federer. O homem a quem muitos preferem ver com uma bengala em vez de uma raqueta, deu uma verdadeira lição de bem jogar, ao longo de quase quatro horas, e tornou a vitória de Djokovic em Wimbledon gigante.

Três sets ganhos este domingo em Wimbledon significavam para Djokovic e Federer muito mais do que apenas outro título de grand slam. Para Nole seria a redenção, depois de cinco derrotas nas últimas seis finais. Para Fedex seria o regresso às grandes vitórias, o adiar da palavra 'reforma' na boca dos críticos. Em suma, "uma rivalidade porreira", nas palavras do suíço.

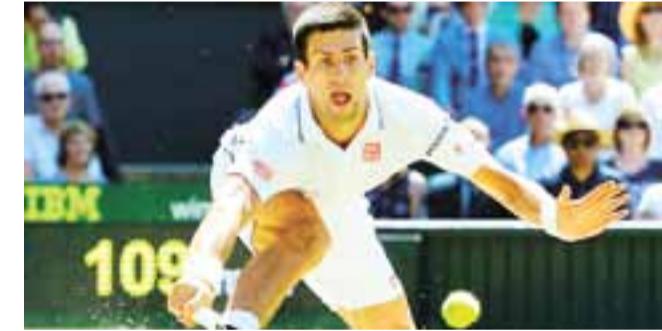
O primeiro set foi para Federer, depois de um tiebreak em que teve de pedalar para apanhar o sérvio, que serviu para fechar o parcial. Estava dado o primeiro passo para o suíço se superar a si próprio, como o tenista com mais títulos de grand slam de sempre (18).

Este Wimbledon estava feito para a nova geração, segundo se dizia. Poderia significar uma volta-face na competição, com caras novas a terem a oportunidade de ganhar um grand slam. Não foi bem assim, mas os mais novos têm razões para se orgulhar. Grigor Dimitrov e Milos Raonic, ambos com 23 anos, chegaram às meias-finais. Nada mau para uma modalidade dominada há muito pelos mesmos jogadores.

O segundo set foi de Djokovic, onde apenas um break bastou para empatar a partida a um. O terceiro foi para o mesmo lado, desta vez com o sérvio a ganhar no tiebreak. Título à vista? Calma.

Quando Djokovic ganhou o torneio de Wimbledon, em 2011, estava no topo do mundo - literalmente. Venceu Nadal e alcançou o topo da hierarquia mundial, pela primeira vez na carreira. O carisma e o apoio maciço dos fãs encantaram todos. As vitórias não paravam de chegar e acabou o ano com três grand slams no bolso e um registo de 70 vitórias e seis derrotas, o melhor de todos os tempos. Nada fugia ao guia perfeito.

O pior foram mesmo as expectativas criadas em torno do sérvio. O menor deslize revelar-se-ia fatal, o que veio a acontecer pouco mais de um ano depois, também depois de Wimbledon. Federer roubou-lhe o lugar, mas



Djokovic não desistiu e recuperou-o. No final de 2013 foi a vez de Nadal, que desde então é número um. Uma vitória em Wimbledon significaria, pela terceira vez, o topo da hierarquia.

Quando muitos já pensavam - sem querer dizer - que Federer tinha o destino traçado, o suíço calou tudo e todos, num dos sets mais emocionantes da história do ténis. Break do sérvio, recuperação do suíço. Break do sérvio, recuperação do suíço. Break do suíço, set para Federer. Resumindo, 7-5 a favor do helvético.

Quinto e último set. Tudo certinho, sem percalços, com Djokovic a receber assistência pelo meio. O sérvio faz o 5-4 e é a vez de Federer servir. Era só mais um jogo de serviço, objectivamente falando, mas o suíço sabia que se perdesse o título ia para o lado de lá da rede. Pois foi o que aconteceu. Break e título para Djokovic, com subida ao topo da hierarquia.

Petra Kvitova campeã pela segunda vez

Campeã em 2011, a número seis mundial precisou de apenas 55 minutos para impedir a 13.ª cabeça de série de se tornar na primeira canadiana da história a vencer um dos "majors" do calendário do ténis

A tenista checa Petra Kvitova conquistou hoje o seu segundo título em Wimbledon, o terceiro Grand Slam da temporada, ao vencer a canadiana Eugenie Bouchard, por 6-3 e 6-0.

Campeã em 2011, a número seis mundial precisou de apenas 55 minutos para impedir a 13.ª cabeça de série de se tornar na primeira canadiana da história a vencer um dos "majors" do calendário do ténis.

Aos 24 anos, Kvitova, que disputava a sua primeira final de Grand Slam depois do título na relva londrina em 2011, conseguiu o 12.º título da sua carreira, somando 28 "winners" e quatro ases para sair vencedora.

Plateia

As metáforas de Zamane Boy

O cidadão moçambicano Zamane Boy, de 56 anos, dedica-se à música há 41 anos e possui dois trabalhos discográficos. No entanto, é quase desconhecido no seu país. Além da música não tem outra actividade económica por isso, trava com ela uma relação de profunda dependência. Embora as condições sociais do músico moçambicano se degradem continuamente, Zamane não perde a esperança: "Melhores dias virão", diz manifestando alguma preocupação com a glorificação de mensagens desviadas musicalmente disseminadas, no seu entender, pela juventude.

Texto & Foto: Redacção

A carreira artístico-musical de Zamane Boy iniciou em 1973. No entanto, quando, em 1984, emigrou para a África do Sul, onde juntou-se a um grupo de artistas locais interpretando as suas composições em xichangana. Naquele país, actuava em eventos organizados por determinadas lojas e supermercados no âmbito da promoção dos seus produtos. "Regressei a Moçambique, definitivamente, em 2002, mas antes, de vez em quando, vinha a Maputo a fim de renovar o meu contrato", recorda-se.

Na África do Sul, Zamane trabalhava numa companhia mineira. No entanto, quando o projecto terminou foi indemnizado e retornou ao seu país. "Percebi que já não havia a necessidade de procurar um novo emprego por lá. Até porque eu não era mineiro, mas prestava serviços aos exploradores das minas de ouro".

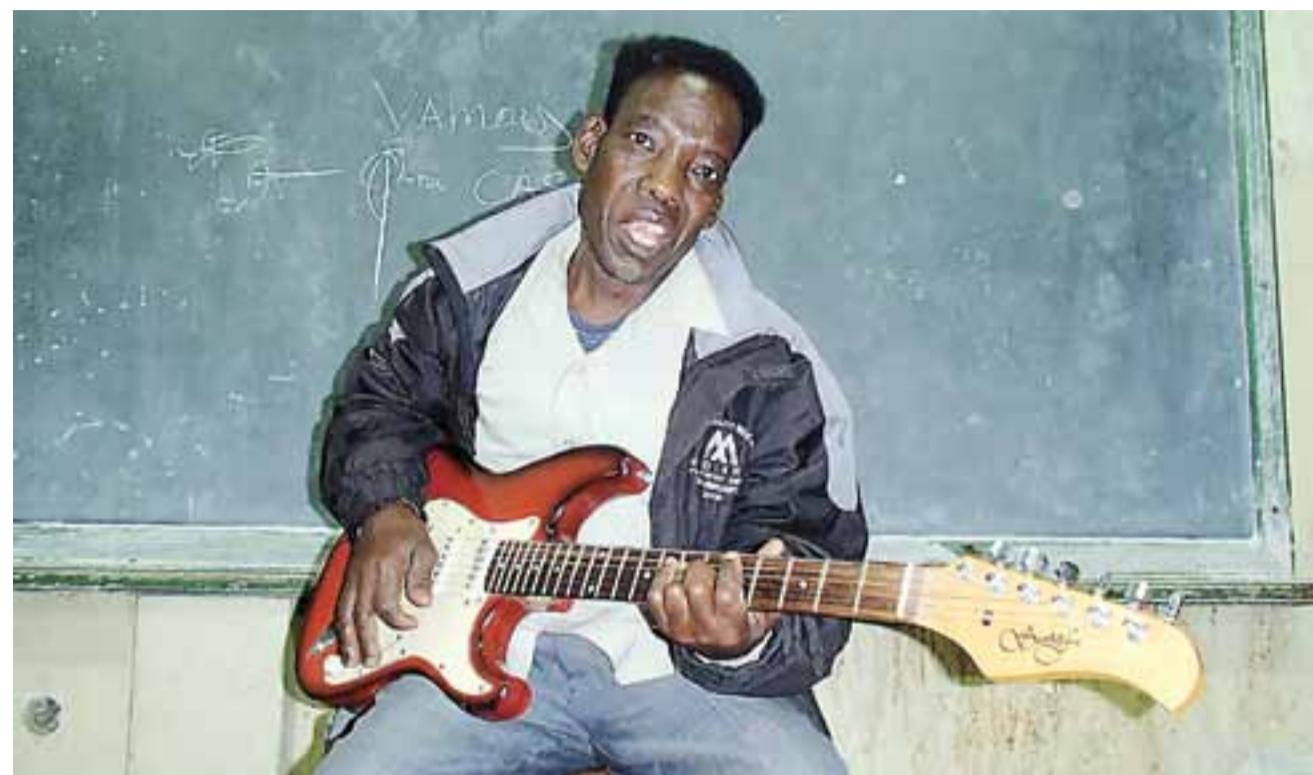
Embora a carreira musical de Zamane tenha sido iniciada em Moçambique, os melhores momentos ficam experimentados na terra de Mandela: "Desde sempre, gostei de cantar e tocar a viola. Tanto é que, já na África do Sul, possuía um grupo denominado Zamane Boy and Sisters. Quando fundei esta colectividade artística não havia, entre nós, nenhuma certeza do que se estava a fazer. Tratava-se de uma tentativa de promover alguma manifestação artístico-cultural em que se envolviam um grupo de rapazes e meninas".

Temática

No campo temático das suas composições, o artista baseia-se em duas metáfora que servem de fonte de inspiração. O artista comprehende o músico como um jornalista ao mesmo tempo que também pode actuar da mesma forma que um pastor. É a respeito disto que o artista defende a seguinte ideia: "As minhas músicas retratam o quotidiano da sociedade, incluindo as coisas que acontecem na vida das pessoas. Para mim, um músico é como se fosse um jornalista – quando vê situações que obstruem o desenvolvimento da sociedade, ele também começa a escrever sobre elas para alertar as pessoas. Então, as minhas composições musicais são produzidas tendo em conta a dinâmica social".

A segunda metáfora de Zemane Boy consiste em comparar o músico a um pastor. E o contexto que gera esta perspectiva pode ser elaborado da seguinte maneira: "Embora ser músico implique enfrentar o sofrimento, eu não posso deixar de cantar. Por exemplo, agora existe uma expressão, mal concebida, de acordo com a qual há na sociedade moçambicana artistas que pertencem à velha guarda. O problema é que os jovens esquecem-se de que é este grupo social que lhes pode ensinar como fazer música com qualidade, com algum grau de educação, contrariamente ao que tem acontecido. Para mim, um músico é como um pastor que, quando está a pregar a palavra, deve disseminar uma mensagem útil para a sociedade".

E não lhe faltam argumentos: "As mensagens ruins que os jovens disseminam nas suas músicas preocupam-me porque, apesar de não terem bons conteúdos, são as mais propaladas e aprovadas pela sociedade. É isto

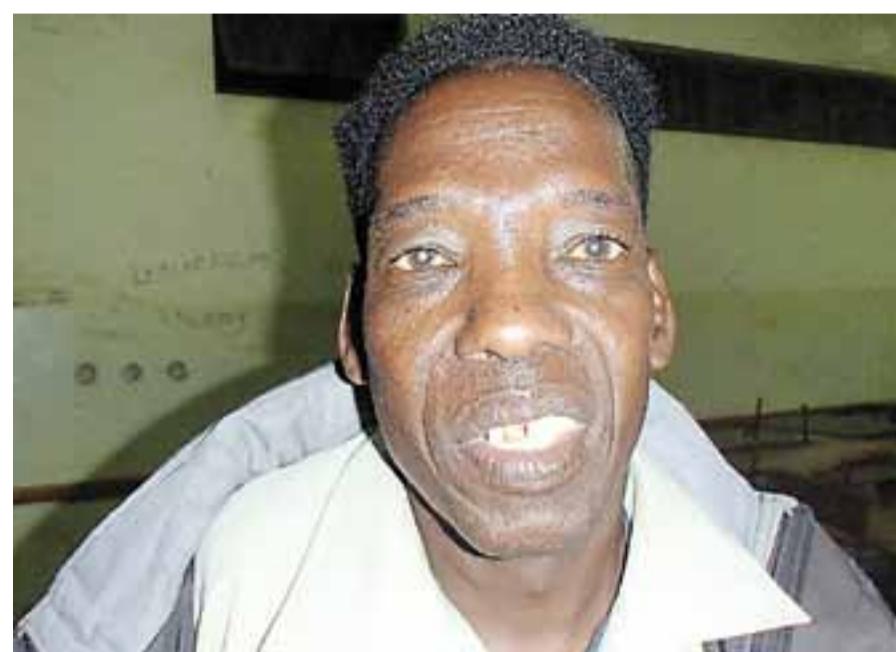


o que faz com que nós que nos preocupamos em elaborar conteúdos musicais didáticos nas nossas composições parecemos ser os imprestáveis. É como se não cantássemos algo que valha".

Por amor à arte

De acordo com Zemane Boy, "não posso desistir de cantar porque esse é o meu talento de nascença. Por exemplo, na África do Sul, as pessoas chamavam-me Maviola porque, além da viola, não tinha amigos. Quando a minha guitarra se estraga reparo-a imediatamente para que não fique prejudicado. Esse instrumento é mais do que a minha mulher porque, várias vezes, eu pretiro o almoço que a minha esposa me serve para tocar. Ou seja, quando estou a tocar, não me preocupo em aproximar-me da mesa para me alimentar. A comida pode esfriar – isso é o de menos".

Entretanto, embora sempre tenha tido uma viola, Zemane Boy quis adquirir outros instrumentos musicais. O drama é que o dinheiro acabou antes de adquirir todas as ferramentas: "Quando saí de Moçambique já tocava, por isso, ao chegar à África do Sul tive a preocupação de comprar instrumentos musicais. Nesse sentido, na primeira oportunidade que tive dinheiro, comprei um amplificador de som. Ainda precisava de ter outros instrumentos mas, infelizmente, o trabalho que me dava a possibilidade de obter dinheiro para o efeito acabou antes de se concretizar essa ideia", recorda-se.



Trabalhos discográficos

Ao longo dos seus mais de 40 anos de carreira, Zemane Boy produziu dois trabalhos discográficos, publicados a partir do ano 2000. O primeiro chama-se Wa Hemba Utavuya Kaya (Estás Equivocado Irás Voltar à Casa) e foi chancelado pela editora Sons d'África Moçambique. Este álbum tem uma história particular que o compositor e intérprete narra.

"As pessoas ficam aborrecidas umas com as outras. No contexto dessa discussão, alguém pode decidir abandonar a casa a fim de encontrar um espaço supostamente melhor. Perante isso, os mais esclarecidos afirmam que a decisão de abandonar a casa, em resultado de uma contenda, não é definitiva nem é a mais acertada. Por isso, quem sai do lar está equivocado, um dia irá retornar à casa. É que não há lugar melhor que a sua casa, mesmo havendo problemas. O mesmo acontece quando alguém emigra para um outro país onde a vida social é

dura. Essa pessoa não pode permanecer no sofrimento. Sempre volta à sua terra".

Zemane Boy mistura a nossa Marrabenta com outros estilos e ritmos da música sul-africana. O seu segundo trabalho discográfico, Xitimelene, é exemplo disso. Uma autobiografia no sentido de que se inspira na experiência do artista.

"Muitas vezes, quando eu trabalhava na África do Sul, fazia-me transportar de comboio para Komatiporto. Ao longo da viagem, as pessoas tiram as suas marmitas para se alimentarem. O drama é que sempre que comiam, quem não tivesse fazia o percurso a salivar. É como se pudesse degustar aquelas iguarias com os outros, o que era quase impossível. Por isso pedi à minha mulher para confeccionar amendoim a fim de que eu tivesse lanche no comboio".

O futuro

Originário do distrito de Chibuto, na província de Gaza, Zemane Boy é pai e vive maritalmente. Presentemente, dedica-se à música como sua actividade exclusiva. É por essa razão que a encara com uma grande expectativa. "Além da música não tenho outra actividade económica. De todos os modos, tenho a certeza de que quando as portas se abrem serei bem-sucedido. Eu não sou muito conhecido, por isso, preciso de me encontrar com aqueles empresários que influenciam o mercado musical nacional. Acho que eles podem promover-me".

É por essa razão que se elabora este desiderato: "Espero que qualquer empresário que ouvir falar de mim, neste jornal, que me contacte para fazer shows porque, quando estiver no palco, eu não sou preguiçoso. As pessoas que me viram, há pouco tempo, nesta cerimónia de apuramento para o VIII Festival Nacional de Cultura, apreciaram imenso a minha actuação".

Erapala: Os talentos do subúrbio

Nas zonas mais recônditas da província de Nampula existem vários jovens talentosos que, devido a factores económicos, sociais e políticos, não são bem-sucedidos. Situação similar acontece com o Grupo de Dança Erapala, da vila municipal de Monapo, que se dedica à produção coreógrafa de danças tradicionais. O problema é que na sua urbe a promoção das artes continua um tabu.

Texto: Cristóvão Bolacha • Foto: Leonardo Gasolina

Entrevistámos os membros do Grupo de Dança Erapala que se dedicam à produção coreógrafa de danças tradicionais no município de Monapo. Aquele agrupamento é um dos mais antigos da província de Nampula e ainda persiste em desenvolver as danças tradicionais, ao mesmo tempo que revitaliza a cultura dos seus antepassados.

A colectividade foi fundada em 1959, por um grupo de nativos da vila municipal de Monapo, com o objectivo de animar as noites dos portugueses. Na altura, com apenas oito membros, este grupo de artistas actuava num contexto em ligado às vésperas do início da luta de libertação nacional.

As coreografias baseavam-se em factos vividos na época em que o nosso país se encontrava sob a dominação do sistema colonial português. O sofrimento da população e as humilhações perpetradas pelos colonialistas inspirava os integrantes daquele agrupamento cultural, fazendo com que gerassem as suas obras e manifestações artístico-culturais.

As danças eram acompanhadas por tambores e batuques que animavam e enriqueciam os conteúdos abordados. Depois de os seus membros se esforçarem muito esforço na sua actividade, o Grupo de Dança Erapala começou a ganhar terreno e atenção dos colonialistas portugueses. A sua influência tornou-se importante de tal sorte que acabou por ser usada para vigiar e controlar os passos dos portugueses.

Com o início da guerra de libertação nacional, o agrupamento viu-se obrigado a encerrar as portas, pois já não podia dançar com o som das armas. Alguns integrantes



da colectividade foram recrutados para fazer parte do exército das forças dos movimentos de libertação nacional que se uniram para fundar a Frelimo.

A guerra que durou 10 anos desmembrou os integrantes do Grupo de Dança Erapala. Porém, com o cessar-fogo, voltaram a unir-se e, novamente, surgiu o agrupamento, na altura, mergulhado em várias dificuldades uma vez que acabava de terminar o conflito.

A falta de instrumentos musicais como, por exemplo, batuques e tambores, foi o que mais defraudou o Grupo de Dança Erapala. "É um calvário viver numa vila onde a promoção da cultura continua a ser deficitária. Nós somos pouco conhecidos pelo povo, embora tenhamos fundado o grupo há muitos anos. Por isso, diariamente, lutamos para que o nome do nosso agrupamento se torne imortal", refere Albino Joaquim, representante da colectividade.

Após a proclamação da independência nacional, em 1975, o grupo voltou a desenvolver as suas actividades. Desta vez, com mais garra e dedicação, o agrupamento iniciou uma nova temporada, livre das humilhações do sistema colonial.

Com a independência nacional proclamada, Erapala viu-se obrigado a mudar de ângulo de abordagem nas suas melodias e coreografias. Afinal, para os integrantes já não fazia sentido nenhum contestar a escravidão recém-terminada.

Dentre as várias sugestões propostas pelos membros a que venceu foi a de se fazer da dança uma forma de diversão salutar. Novos movimentos harmoniosos do corpo e da mente foram introduzidos a fim de se fazer face ao novo contexto sociopolítico e cultural do país.

"Depois de renascermos, as dificuldades eram enormes e, nas nossas coreografias, já não podíamos ilustrar o sofrimento por que passámos no tempo colonial. Desta vez, a dança era mais potenciada pelos valores desportivos e da ginástica a fim de se promover bons hábitos de saúde de forma divertida", explica Joaquim.

Deste então, a colectividade sonhava em representar a província de Nampula em festivais de dança em vários lugares do país. E, se tal actividade fosse remunerada, os bailarinos sentiam-se estimulados. Movidos pelo entusiasmo de concretizar esse ideal, anualmente, participavam em diversos concursos nacionais que juntavam artistas talentosos originários dos bairros suburbanos.

O sonho só veio a ser concretizado em 1975, o ano da proclamação da independência nacional, em que os membros do grupo actuaram na cerimónia em representação da província de Nampula. Recorde-se que no referido evento juntaram-se agrupamentos culturais provenientes de diversos pontos de Moçambique.

"Sempre sonhámos em representar a chamada capital do norte em qualquer evento cultural. Embora estejamos situados num subúrbio, temos o orgulho de fazer parte do mosaico cultural da província de Nampula. Portanto, com um pouco de sorte, conseguimos expor as nossas danças na

cidade de Maputo, a capital do país", afirma Joaquim.

Em nome da província de Nampula, os Erapala actuaram a convite num evento organizado pelo Governo em que surpreenderam os governantes com as suas performances e estilo de dança. Porém, a sua participação no referido evento não estava condicionada a nenhum tipo de remuneração. "Participámos por uma questão de honra e não de dinheiro", refere Joaquim.

Depois de mais uma etapa alcançada, a colectividade nunca mais observou algum tipo de interregno. O drama é que, actualmente, enfrenta dificuldades financeiras para gravar os seus trabalhos discográficos. Constituído por quatro instrumentistas e quatro bailarinos que, igualmente, são vocalistas, o Grupo de Dança Erapala também almeja chegar a altos patamares do activismo artístico-cultural no país.

A necessidade de se tornar uma referência em Moçambique, realizar shows no estrangeiro e promover a sua cultura nos pontos recônditos da pátria-amada são alguns planos que continuam a ser um verdadeiro desafio para os integrantes do Grupo de Dança Erapala.

"As danças tradicionais estão a desaparecer"

Na província de Nampula, os grupos que se dedicavam à produção coreógrafa de danças tradicionais tendem a extinguir-se, no entanto, desconhecem-se as causas do fenômeno. É por essa razão que Albino Joaquim, o representante da colectividade, suspeita que o problema seja causado pelo desenvolvimento socioeconómico que se verifica em Nampula.



O diário dos 'chapeiros'

Há um conjunto de acontecimentos, bons e maus, que faz parte da vida dos 'chapeiros'. "Xapa 100 (My Love)" – como se intitula a obra apresentada em estreia na semana passada pelo Grupo de Teatro Mutumbela Gogo – foi só um pretexto a partir do qual somos convidados a analisar o esforço realizados pelos homens dos transportes semicolectivos na tentativa de minimizarem o impacto da falta de meios de circulação no país.

Texto: Reinaldo Luis • Foto: Eliseu Patife

Encenada por Manuela Soeiro, "Xapa 100 (My love)" retrata a história de dois protagonistas, o motorista Quito e o cobrador Titos, que fazem as suas vidas numa viatura de transporte semicolectivo, o vulgo 'chapa'. O drama é apresentado perante uma plateia de um público que participa no espectáculo como se fosse algum tipo de juiz. Há, em cena, um misto de situações, vivências, biografias, simulações e ficções que comovem os espectadores. Tal é o caso, por exemplo, de uma passageira que é interditada de viajar no 'chapa', pura e simplesmente, por ser gorda.

Para além dessa humilhação, na peça também se discute o oportunismo que é manifestado por pessoas, aparentemente idóneas e dignas de alguma confiança, que se aproveitam da confusão que se instala entre os passageiros ao entrarem no carro a fim de roubarem os seus bens com destaque para o dinheiro e os telefones celulares.

Nesse contexto mostra-se que nos 'chapas' nunca há segurança pois, mesmo no seu interior, há pessoas que se



aproveitam das paragens obrigatórias, nos semáforos, para, através das janelas, surripiarem certos bens. Esses constrangimentos afectam, muitas vezes, os estudantes e os trabalhadores que se fazem transportar naquele tipo de veículos, sobretudo nas horas de ponta. Destacam-se, ainda, os problemas causados pelo congestionamento de carros e estradas esburacadas que, por sua vez, danificam as viaturas. A nossa Polícia, por sua vez, é abordada sob o ponto de vista da prática da corrupção. Em vez de regular o trânsito, os agentes da lei e ordem e a Polícia de Trânsito, muitas vezes, fazem cobranças ilícitas aos automobilistas. Por outro lado, os 'chapeiros' contestam a incompreensão dos seus patrões, os proprietários das viaturas, quando, diante de tudo isto, exigem o dinheiro previsto a ser gerado por dia.

Com alguma naturalidade, os actores adequam-se às exigências dramáticas de cada situação interpretada. A obra evolui com a transformação dos actores representando a situação de estudantes e ladrões – que circulam nas mais movimentadas paragens da cidade – incluindo as autoridades policiais. Mas o sacrifício e o sofrimento sentido para se ter um assento no 'chapa' manifesta-se da mesma forma para todos. Os cidadãos experimentam um misto de incertezas sempre que saem de ou para as suas residências, postos de trabalho, escola e afins. Com cerca de uma hora de duração, para além de uma série de embaraços, "Xapa 100 (My Love)" também ilustra momentos alegres como, por exemplo, quando, oca-

sionalmente, nasce uma criança dentro do 'chapa', ou os momentos em que os 'chapeiros' se solidarizam em relação às pessoas necessitadas.

De acordo com a Manuela Soeiro, a encenadora da obra, "realmente muita gente não gosta do 'chapa', sobretudo, as pessoas que vivem nas grandes cidades, porque já têm experiências constrangedoras nos 'My Love'. Portanto, com o 'Xapa 100 (My Love)', crio essa história real, em que falo dos problemas registados actualmente nos 'chapas'. De todos os modos, não olho apenas para o lado negativo da realidade como também focalizo alguma atenção para o sentimentalismo e o espírito de solidariedade que esses homens manifestam na sociedade".

De acordo com Jorge Vaz, que interpretou a personagem Quito, "a peça traz, resumidamente, a história dos transportes semicolectivos, desde a sua evolução, as transformações porque passaram até se chegar ao estágio actual". Reconhecendo o caos que se assiste entre a situação do 'chapeiro' e dos seus utentes Vaz afirma que "o Governo devia criar condições para melhorar as estradas esburacadas e a falta de transportes no país".

O elenco que interpreta as cenas da obra teatral "Xapa 100 (My Love)" é constituído pelos actores Jorge Vaz, Horácio Mazuze, Dalila Figueiredo, Flávia Mabote, Samuel Mhamatane, Tonecas Xavier e Nilma Comba.

Murraracua: Um grupo de dança em regressão

No distrito de Malema, na província de Nampula, encontram-se os membros do Grupo de Dança Murraracua, que se dedicam à educação tradicional das raparigas para a prevenção de doenças causadas pelo incumprimento das regras básicas de higiene. Porém, as dificuldades que a colectividade enfrenta têm a ver com as reduzidas possibilidades de realizar shows, o que faz com que os seus membros abandonem o agrupamento procurando por melhores condições sociais. De todos os modos, em Malema o Murraracua dispensa apresentação.

Texto: Cristóvão Bolacha

Murraracua é um grupo de dança que nasceu no prestigiado distrito de Malema. O seu nome tem profundas relações com as raízes do povo macua. Na altura, em 1985, a colectividade actuava exclusivamente na área da educação tradicional dos jovens, divulgando as regras de prevenção das doenças causadas por problemas higiénicos.

Após a sua criação, a falta de condições financeiras abalou o grupo que já pensava em desistir da caminhada sem, no entanto, ter percorrido sequer metade da distância. A dor de cabeça tinha a ver com a falta de instrumentos musicais para as suas actividades diárias. Os seus ensaios estavam condicionados porque as ferramentas musicais que utilizavam eram alugadas algumas no distrito.

Com alguma sorte, o agrupamento viu uma luz no fundo do túnel proveniente de um agente económico que decidiu apoiar aqueles jovens empenhados na disseminação da sua cultura. O cidadão apoiou no campo de instrumentos musicais tradicionais. A oferta incluía dois batuques, dois tambores e um valor monetário para a aquisição do uniforme.

Os instrumentos de música tradicional que receberam estimu-

laram os integrantes do grupo de dança, de tal sorte que se esforçaram ainda mais na divulgação dos seus serviços. Eles passaram a trabalhar sem grandes sobressaltos.

Nas suas músicas e movimentos coreográficos, os bailarinos inspiram-se na vida dos seus antepassados e no sofrimento da população nas mãos do colonialismo português. Outros temas abordados têm a ver com a educação tradicional das raparigas e à divulgação da prevenção de doenças provocadas por falta de higiene básica.

O grupo Murraracua teve a honra de animar os eventos da administração local de Malema. No entanto, o programa – acordado entre a formação e o governo local – fracassou em circunstâncias desconhecidas pelos integrantes da formação.

A desmotivação abalou os artistas de tal modo que alguns decidiram abandonar a promoção da cultura no distrito de Malema. Sem meios financeiros e pouco bailarinos, a colectividade observou uma pausa no seu activismo por algum tempo, que, segundo os integrantes, serviu para a reflexão sobre a situação do grupo na sociedade.

"Ficámos muito felizes quando nos convidaram a actuar nas cerimónias de acolhimento dos dirigentes do país e altas individualidades do partido Frelimo que visitam Malema. Essa alegria, que pouco durou, fez com que a nossa inspiração fosse para o fundo do poço, o que originou a crise", afirma Alberto Pabusseco.

Os integrantes da colectividade reuniram-se a fim de que cada um revelasse a sua decisão no que diz respeito à necessidade de retomarem as actividades. Depois da discussão e troca de ideias, decidiu-se que se devia recuperar a formação.

O seu reaparecimento foi coberto de várias surpresas, com enfoque para uma nova dinâmica de trabalho. O novo Murraracua passou a transmitir mensagens sobre as causas de doenças e como preveni-las, com uma elevada carga de diversão.

Nos dias festivos e comemorativos, os artistas actuavam em diversas casas de pasto. A sua nova forma energética de trabalhar voltou a falhar. Desta vez, o público não participava nos concertos daqueles profissionais do mundo do entretenimento cultural.

"Com o reaparecimento do nosso grupo, a dinâmica das coisas mudou. Nós pensávamos que tal transformação era no sentido positivo, mas o público surpreendeu-nos. Quando marcámos actuações gratuitas, as pessoas quase não aderiam. De qualquer modo, não desanimámos, embora a realidade tenha abalado o nosso grupo", refere Pabusseco.

Mesmo mergulhados num mar de incertezas, continuaram com as actividades. Portanto, em 2012, foram convidados a participar de um convívio cultural no distrito de lapala, onde disputaram a classificação máxima com 13 grupos culturais provenientes de vários pontos de Nampula.

Refira-se que, apesar de ter de actuar com a ausência de alguns dos seus membros, o grupo de dança Murraracua venceu a competição: "Cantámos e dançámos. O público de lapala ficou completamente encantado com o nosso trabalho. Daí que o júri não tinha outra alternativa que não fosse apurar-nos".

Embora tenham alcançado a vitória, os integrantes do Murraracua estavam inquietos devido ao facto de, na sua jurisdição, não serem acarinhados como haviam sido bem tratados em lapala. Conformados com a situação, voltaram à casa onde apostaram novamente na promoção das suas actividades, mas a estratégia voltou a falhar: "Estamos sempre a regredir com a nossa dança. Somos pouco apoiados pelos agentes económicos do distrito, mas nunca vamos parar de dançar e cantar porque nos inspiramos nos nossos antepassados. Estamos a perpetuar a nossa cultura", lamenta Pabusseco.

O que agasta os Murraracua é o facto de serem mais valorizados fora do seu distrito, em detrimento do seu distrito. Isso faz com que não se sintam à vontade dentro da sua própria casa.

O grupo de dança Murraracua foi apurado, recentemente, tendo em vista a sua participação no VIII Festival Nacional de Cultura, a decorrer em Agosto, na cidade de Inhambane. "Essa foi a melhor coisa que nos podia ter acontecido", refere, visivelmente feliz, Pabusseco.

The Endless River, primeiro álbum dos Pink Floyd em 20 anos, lançado em Outubro

A mulher de David Gilmour anunciou via Twitter que, pela primeira vez em 20 anos, os Pink Floyd vão ter um novo disco. The Endless River tem como base sessões de gravação de 1994, segundo Polly Samson, mulher do vocalista, que descreveu o trabalho como "o canto do cisne" de Richard Wright, o teclista que morreu em 2008. Os representantes de Gilmour já confirmaram a existência de um novo álbum, que será de inéditos.

Texto & Foto: Revista Ípsilon

Richard Wright era também vocalista de vários temas dos Pink Floyd, além de ter sido o autor de canções do grupo britânico de prog-rock como The great gig in the sky e Us and them, de Dark Side of the Moon.

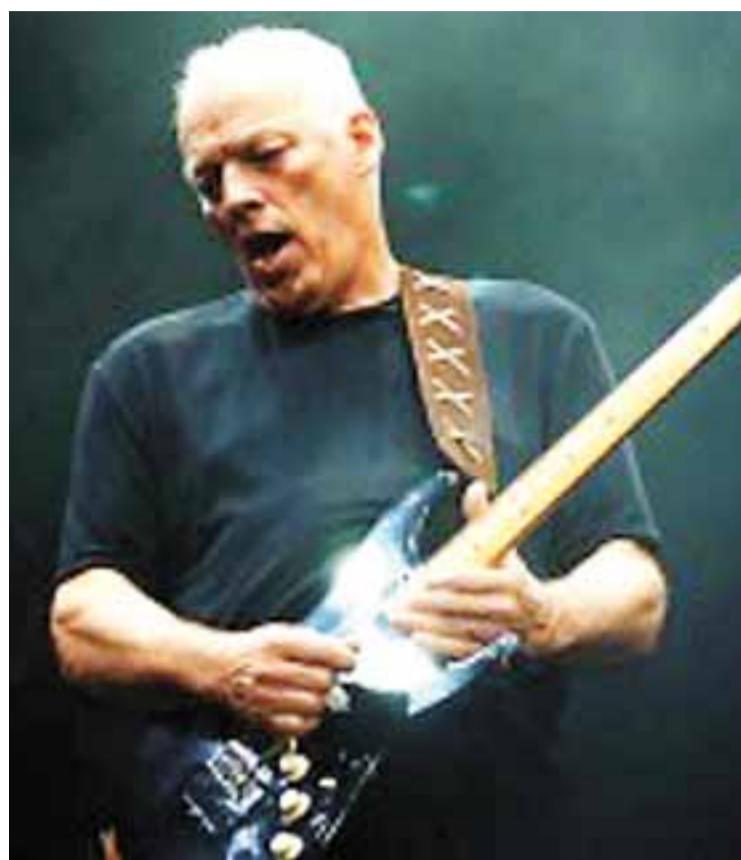
O anúncio de um novo trabalho da banda surgiu no sábado através do tweet de Polly Samson, ao qual se seguiu uma mensagem da cantora Durga McBroom-Hudson, ligada ao grupo nos anos 1980 e 90, tendo estado em digressão com os britânicos várias vezes, na qual acrescentou que Gilmour e o baterista Nick Mason gravaram novos temas nessas mesmas sessões e que o álbum será totalmente feito de inéditos.

O post de McBroom-Hudson veio acompanhado de uma foto de uma sessão de gravações. A revista Rolling Stone confirmou no domingo a notícia, através de um representante de David Gilmour. Segundo o tablóide britânico The Sun, Roger Waters, fundador que deixou o grupo há quase 30 anos, nada terá a ver com este novo The Endless River.

Durga McBroom-Hudson diz no seu testemunho no Facebook que "a gravação (do que agora é The Endless River) começou de facto durante as sessões de The Division Bell (e sim, era o projecto paralelo originalmente intitulado The Big Spliff de que falou Nick Mason).

É por isso que há faixas de Richard Wright nele. Mas David e Nick fizeram muito mais desde então. Originalmente era para ser um álbum completamente instrumental, mas eu entrei (no processo) em Dezembro e cantei em algumas faixas", diz detalhando ainda que David Gilmour cantou depois sobre algumas dessas vozes.

The Endless River sucede assim ao que parecia ter sido o derradeiro álbum de originais dos Pink Floyd, The Division Bell, que data exactamente de 1994 e que foi relançado este mês com uma nova edição de luxo. Os novos temas e o novo trabalho do histórico



grupo terão nascido das sessões de gravação de The Division Bell e de temas que terão ficado por lançar à época.

Quando em Setembro de 2012 começava a operação Why Pink Floyd?, que não só relançou todos os álbuns do grupo, remasterizados, mas também os acompanhou com edições especiais com misturas de Alan Parsons e versões alternativas dos temas, sabia-se já que os Pink Floyd são ciosos das suas gravações e materiais que ficam nos arquivos. Não era por isso expectável que libertassem temas gravados há 20 anos, tal como há dois anos não era expectável que lançassem tal operação de reedições, visto que são poucos os lançamentos de material inédito fora do cânone dos discos que foram libertando desde 1967 e que foram preparados e envoltos num discurso conceptual sempre apurado.

Questionado em 2012 sobre as reedições e lançamentos de temas novos, Nick Mason respondeu que a banda está mais tranquila quanto ao estatuto do seu corpo de obra: "Havia a necessidade de mostrar como desenvolvíamos uma ideia desde a sua forma original até à versão acabada. Ao ouvir os meus velhos discos de jazz, percebi que detestava os best of e que adorava as colecções completas da Verve, com os sets de Charlie Parker com quatro versões do Now's the time, algumas muito curtas porque eram simplesmente falsos arranques".

Representada agora por David Gilmour e Nick Mason depois da morte de Wright e de Syd Barrett (em 2006), a banda britânica que se estreou com Piper At The Gates of Dawn (1967) tem um catálogo que conta com 14 álbuns de estúdio, três discos ao vivo e uma série de caixas e best of, além de edições em vídeo.

O co-fundador, baixista e vocalista dos Pink Floyd, Roger Waters, abandonou a banda em 1985, embora tenha voltado à mesma para algumas actuações ao longo dos anos, e tem levado o emblemático The Wall em digressão mundo fora - nomeadamente em Portugal - além de tocar outros temas do grupo.

Morre dublador de Homer Simpson e Indiana Jones

Texto & Foto: Revista Veja

O dublador Júlio Cezar Barreiros, de 62, morreu na madrugada desta quinta-feira no Rio de Janeiro, informou a Secretaria Municipal de Saúde. O artista deu entrada no Hospital Souza Aguiar na noite de quarta-feira, mas a causa da morte não foi divulgada pela instituição.

Barreiros ficou conhecido por ser a voz em português de personagens famosos da TV e do Cinema, nas décadas de 1980 e 1990, como Homer Simpson e o Papai Smurf, das séries animadas Os Simpsons e Os Smurfs, respectivamente, e do policial Robocop. Ele também dubrou o actor Harrison Ford na franquia Indiana Jones. O enterro está previsto para sexta-feira, no cemitério São João Batista, em Botafogo.



Toma que te Dou



Alexandre Chauque
bitongachauque@gmail.com

Passou por mim e não disse nada

As temperaturas são muito baixas para quem está habituado a viver debaixo de um estado de tempo que, em média, ronda os trinta graus Celcius. Faz um frio de enregelar e queimar os ossos até à medula. O sol está nas costas das nuvens, escondido, e impossibilitado de irradiar o seu esplendor. Não me parece que vá chover, embora a neblina se recuse a ser amistosa. Sopra uma brisa leve vindas do sul sobre o mar glauco. É maré cheia e toda esta baía que se estende suave torna-se uma almofada para o espírito.

Estou sentado num dos bancos da marginal, olhando para o mar que me convida sem cessar. Dou as costas à cidade inteira porque os barcos à vela que se vêem ao longe me fascinam. Entrego-me à exuberância do palmar que se ergue do outro lado onde a cidade da Maxixe se vai tornar no principal estrelo de toda a vitalidade económica da zona. Há um iate que me é familiar, ancorado ao largo, em silêncio. E no espaço não vejo os flamingos que voaram para os seus habitats, onde vão esperar que a maré vaze e de novo voltem para esgravatar o alimento nos bancos de areia que se vão desnudar depois de as águas baixarem, num ciclo de não acabar que começou no princípio do princípio da existência da própria vida.

Agrada-me estar ali sozinho. Subvertendo as palavras. Inventando destinos inalcançáveis mas que se encontram aqui muito próximo de mim. Não quero saber nada do frio aspergido pela atmosfera, até porque estou bem agasalhado. Trago vestida uma camisola grossa, de algodão, um cachecol de lã, calças de ganga que me dão conforto, sapatilhas compradas no mercado "dzuduz" e peúgas que me protegem os pés. O resto está por conta do mar que não me deixa sair dali.

Não estou preocupado com os ponteiros do relógio, nem com as pessoas que, passando por mim, me devem achar um louco sentado ali sozinho olhando para aquilo que eles devem considerar um vazio. Se calhar eles pensam que não tenho nada a fazer senão estar ali a apanhar frio. Mas eu estou em órbita, na minha órbita. Estou a reinventar a história da Laurentina, mulher afogada nos anos oitenta, ou seja, levada para o fundo do mar, onde vive com o corpo coberto de algas. Estou ali pensando nela também. Talvez seja ela que me está a dar toda a paz das minhas lucubrações, quem sabe! E as pessoas devem estar a julgar-me um louco por estar ali apanhando este frio todo que nem sinto.

Volto a olhar para o céu, onde Deus está instalado a controlar as emoções dos humanos. Continuo a não ver o sol, escondido na bruma do espírito. Procuro a Deus e vejo-O na Sua plenitude através da beleza do mar. Reconforte-me, aliás é o próprio Jeová que me reconfirma por intermédio dos anjos que me capturaram na rede de emalhar quando já estava no último passo para o precipício. Rio-me de todas as minhas derrotas, nesta interminável guerra que entretanto vou vencer, porque fui feito para avançar.

Continuo sozinho, sentado num dos bancos da marginal da cidade de Inhambane, absorto em mim, ou melhor, entregue à levitação. Estou nos derradeiros momentos, segundo indica o relógio dos meus espíritos, e eis que a vejo a vir, de longe. Não a conheço, não me recordo de a ter visto antes, mas, cada vez que ela se aproxima, dá-me a sensação de que vem ter comigo. E ela também, como eu, está bem agasalhada, move-se como uma chita, pronta para tudo e, sendo assim, posso estar a correr o risco de ser devorado, ou levado ao colo. Está muito próxima e vejo nela um rosto flácido, triste. Mantém a passada e, quando chega perto de mim, passa e não diz nada.

Lazer

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...



São Jorge de Capadócia é venerado em todo o mundo como protector das donzelas e dos oprimidos. Também é patrono de dois países: Inglaterra e Portugal. Apesar disso, ele não faz parte do martirologio (lista de todos os santos) da Igreja Católica porque faltam provas concretas de que tenha realmente existido.

O galo canta muito alto quando nasce o dia para avisar o galinheiro de que continua vivo e no comando. O canto tem a função de assustar eventuais desafiantes e foi a forma que ele encontrou para controlar o seu território. O galinheiro tem somente um galo porque se tivesse dois, apenas um sobreviveria à luta pela liderança.

As fêmeas dos mosquitos são as que nos picam e sugam o sangue. Elas fazem-no depois de copular, a fim de utilizarem o sangue para gerarem os ovos. Já os machos alimentam-se de seiva e néctar.

PENSAMENTOS...



- Amar é viver, odiar é morrer.
- Ao médico, ao advogado e ao abade fala-se sempre a verdade.
- No sofrer e no abster-se está o vencer.
- Hoje é o amanhã que nos preocupava.
- A ambição cega a razão.
- Amigo diligente é melhor que parente.
- Os aplausos do povo mudam com o vento.
- É bom ser-se o que se pretende parecer.
- Nem todo o irmão é amigo, mas todo o amigo é irmão.
- O direito do anzol é ser torto.

SAIBA QUE...

RIR É SAÚDE



Uma mulher casada com um operário que trabalhava numa actividade muito perigosa encontrava-se, certa manhã, de regresso das compras e num dia de canícula, sozinha em casa, e com muito que fazer. Por isso despiu-se completamente mas, por umas cautelas de pudor, atou ao peito um avental que lhe descia até aos joelhos.

Distraída com o seu trabalho, ouviu bater à porta e, sem se lembrar da leveza com que se cobrira, foi abrir. Um homem, com aspecto muito grave, vinha comunicar-lhe que o marido sofrera um acidente e que se encontrava gravemente ferido no hospital.

A pobre mulher não pôde conter as lágrimas e, enquanto se lamentava, levantou a ponta do avental para as enxugar, dizendo: - Oh, senhor, que desgraça! Já viu uma coisa assim?

E o sujeito, querendo manter a calma, achou que devia dizer alguma coisa:

- Eu já, minha senhora. A minha Josefina tem uma igual...

O bêbado, com um trapo velho, anda a tourear tudo o que vê: pessoas, candeeiros, automóveis, manequins e vai soltando olés! de satisfação.

O polícia leva-o para a esquadra e, aí, o bêbado toureia o chefe da esquadra que, sem meias medidas, lhe assenta uma bofetada que o atira ao chão.

O homem levanta-se, tenta endireitar-se, e diz com a altivez que a bebedeira permitiu:

- Saiba V. Exa. Que, em 15 anos de toureiro, é a primeira vez que sou colhido.

O médico:

- O que o senhor prefere em bebidas alcoólicas?
O viciado em álcool:
- Pouco importa, senhor doutor. O que tiver à mão serve.

Entre amigos:

- Vês aquela senhora?
- Vejo. Quem é?
- Não imaginas o muito que lhe devo.
- É tua mãe?
- Não. É minha senhoria.

O director da cadeia, ao ver o preso, exclama:

- Outra vez aqui?
- Sim, senhor director. Por acaso vieram algumas cartas para mim enquanto estive ausente?

NESTA SOPA DE PALAVRAS, DESCUBRA O SEGUINTE:

- Quem foi o melhor marcador, até ao momento, dos "Mundiais" em que tomou parte.
- O primeiro grande guarda-redes da história do futebol mundial.
- O número (reduzido) de presidentes da FIFA apesar de ter sido fundada em 1904.
- O segundo dirigente da instituição que mais tempo ficou no cargo.
- Nome do representante da CAF no Comité Executivo da FIFA.
- Cidade que acolhe o maior estádio de futebol do mundo.
- O país que será o anfitrião do próximo Campeonato do Mundo de Futebol.

ZSCBEFRONALDOFXUEJKLBAPDVNYGTI
OZDTLAKWJAPFVPTXZMCZAFQZAMORA
OITOGEFHPRSIMANGOKOV DSTVGHIW
VARUGQSETKHAVELANGETVDBKCWHJUX
DMOBVFVRQUIASTRHAYATOUWTJERDINP
EPYONGYANGFSQRCONQUISTMDMPQARF
DPCENVSEAMENFPTYKLÇOUTUWRUSSIA

HORÓSCOPO - Previsão de 11.07 a 17.07



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças - Período desfavorável para tudo o que passe por dinheiro, investimentos ou despesas de uma maneira geral. Assim, modere a sua vontade de gastos excessivos, por muita falta que lhe façam.

Sentimental - Poderá encontrar no seu relacionamento sentimental a compreensão e ajuda que lhe permitirá ultrapassar com alguma calma e serenidade questões que de outra forma seriam motivo de desequilíbrio e ansiedade.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças - Este é um bom período em tudo o que envolve finanças. Investimentos e aplicações de capital atravessam um bom momento com retornos bastante agradáveis. Poderá verificar-se uma entrada de dinheiro que embora inesperada será recebida com agrado e ajudará a resolver algumas questões.

Sentimental - Para os nativos do Caranguejo este aspeto será o que construirão. Boas perspectivas no campo sentimental. Os relacionamentos do casal serão intensos e muito agradáveis. Entregue-se e receberá.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças - Embora com algumas dificuldades no presente este aspeto não poderia apresentar melhores perspectivas. Entradas de dinheiro poderão brevemente ser uma realidade que não devem constituir motivo para abrandar o seu ritmo de trabalho, antes pelo contrário.

Sentimental - O diálogo e o compartilhar do dia-a-dia será uma grande ajuda para ambos. A influência de terceiros poderá constituir um fator desestabilizador que deverá ser encarado e resolvido de imediato com toda a frontalidade.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças - Boas oportunidades para investimentos que devem ser bem analisados antes de tomar decisões. Este aspeto encontra-se em alta, e se souber tirar partido durante este período ele será muito rentável.

Sentimental - Período muito favorecido em que a aproximação do casal será manifestamente favorecida por umas boas condições astrais. O entendimento terá como suporte principal o diálogo e a sinceridade. Os nativos da Balança deverão aproveitar esta fase para dividirem entre si o que a vida tem de bom.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças - As suas finanças estão a atravessar um período complicado e será recomendável que descubra dentro de si as forças que muita falta lhe irão fazer.

Sentimental - O seu envolvimento sentimental é caracterizado por uma grande necessidade de partilha. Os anseios mais íntimos devem ser divididos pelo casal e o resultado será uma relação mais fortalecida. Aproveite este momento para consolidar os pontos que considera mais fragilizados.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças - Algumas dificuldades serão uma realidade nesta semana. Despesas inesperadas poderão acontecer durante este período. Tente selecionar as prioridades.

Sentimental - Os nativos do Sagitário deverão fazer uma boa gestão da sua relação sentimental. O seu par é a sua companhia dos bons e maus momentos. Abra o seu coração, exponha as suas dificuldades e tudo se tornará mais fácil para si. Uma relação vivida a dois torna tudo mais simples e leve de suportar.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças - As suas finanças irão entrar num período muito favorecido e que se bem aproveitado poderá ter retornos muito satisfatórios. É uma boa oportunidade para investimentos de baixo e médio risco.

Sentimental - Nada como a abertura e o diálogo para um bom entendimento de ordem sentimental. Abra o seu coração com o seu par e esclareça algumas dúvidas que têm sido a origem de alguns mal entendidos.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças - As despesas superflas deverão ser evitadas, aguarde com serenidade por dias melhores. Um compromisso antigo poderá durante este período destabilizar um pouco as suas convicções.

Sentimental - Uma semana um pouco turbulenta em que manifestações de falta de confiança poderão ser uma constante. Tente ser contemporizador e evite discussões que poderão ter más consequências.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças - Evite as despesas desnecessárias. Poderá ser confrontado com um compromisso antigo que lhe poderá criar alguns problemas.

Sentimental - Dê um pouco mais de atenção ao seu par. Não se esqueça que um entendimento saudável passa pelo casal compartilhar os problemas do dia-a-dia e não optar pelo fechar-se deixando o seu parceiro ansioso pelo desconhecimento.



Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

O porta-voz do Gabinete do presidente da Renamo, António Muchanga, foi detido no princípio da tarde desta segunda-feira (07) à saída da Presidência da República de Moçambique, instantes depois do Conselho de Estado, órgão do qual o visado é membro. Muchanga, cuja imunidade terá sido retirada pelo Chefe de Estado Armando Guebuza durante o Conselho do Estado, foi conduzido para as celas do Comando da Polícia da República de Moçambique na cidade de Maputo.

<http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35/47341>



DellaCerda Langa

Conselho De Estado Ou
Armadilha De Estado? ·
7/7 às 16:23

Aderito Augusto Cumbe
Exa detenção dmorou ja
devia ter acontecido a mto
exe muchanga fala mto mal aki
parece nao ser dxta patria · 7/7 às
17:01

Victor Muianga Por detrás
de uma capa existe um
rosto escondido, de quem
sera o rosto que se esconde? O
rosto escondido por detrás de uma
mascara, e capaz de Manipular,
subjugar, etc... Sera que o nosso
inimigo e a Mascara? sera que nao
estejamos a ser Driblados?
Enganados? Iludidos? ou quem
sabe... A verdade Grita em silencio,
por ela procuramos, ora, onde ela
esta? Supostamente nas maos de
alguem esteja ela a ser sufocada?
Sera que anda por ai perdida talvez
com problemas de Memoria? Ou
sera que ela (a verdade) nao quer se
revelar, aos Homens que se julgam
sabios, e detentores da ultima
palavra? Apenas num dia,
ELA....*Some texto missing* · 7/7 às
16:14

Paulo Samo Gudo Uns
apoiam a decisão outros
criticam... A pergunta que
não quer calar: "Resolveram o
quê??" Prender esse senhor é que
vai acabar com a guerra? E depois
que impressão se passou para
Dhlakama??? Que se ele aparecer
será preso! ou pior morto!!! E
depois fica a impressão que
orquestraram isso tudo, tipo
programaram o CE exactamente
para lhe tirarem a imunidade e
colocaram a polícia de prontidão na
porta para o prender a saída... Ou
seja a agenda do CE era discutir a
"tensão político-militar" que se vive
no país, e como resultado dessa
reunião concluiu-se que a solução
para o conflito passa por prender o
porta-voz da Renamo... O povo quer
paz, e compete ao PR e ao governo
garantir que haja paz, espero
sinceramente que um dia possamos
ter um governo que sirva o povo e
não um que se serve do povo...
Moçambique não é uma
MONARQUIA meus senhores... E nós
jovens vamos lá aprender a elogiar o
que deve ser elogiado e a criticar o
que deve ser criticado,
independentemente das nossas
cores partidárias, porque no fim
somos todos moçambicanos e temos
o dever de contribuir para o
desenvolvimento do nosso país...
Ultimamente há uns (sem querer
ofender a ninguém) que só sabem
dizer vivas a um determinado

partido em decisões e atitudes que
em nada ajudam a prosperar esta
nação... · 7/7 às 22:12

Weiss Mocalacha esse
pais irrita cada dia k
passa... "Maquiavel tinha
razao". · 7/7 às 16:15

Nilza Monjane desculpa
mas em que poro de pais
vivemos afinal, guebuza
acha k prendendo muxanga vai
resolver algo, pelo contrário e
decretar a morte de inocentes por
no rio save n tem algo k lhe
interessa, a n ser pobreza absoluta
conforme ele mesmo diz. · 7/7 às
17:34

Jose Chacate Por isso k
Dlhakhama nao cnfia no
estupido Guebuza · 7/7 às
17:13

Rabia Ussy Sera que
guebuza quer continuar no
poder? Como ele manda
prender a pessoa mas importante do
afonso, ele demonstra que nao quer
dialogar, sendo assim o povo e que
sofre, pk com essa dtencao eh
provavel que o lider da renamo
mande os seu homens protagonizar
ataques no rio save onde se
intensifica ataques cada vez mais ·
7/7 às 16:51

Eduardo Ribas Buanar O
motivo pa pesosas
morerem d verdade! Bem
vindo a 2 parte da guera dos 16
anos!! · 7/7 às 16:06

Virgilio Fernando Virgilio
Xta dificil, acho k é desta
vez k o nosso governo
assumiu resolver a força, pena d nos
k somos instrumentos d experiência
deles.. pessoal vamos preparar
nosso cachoes. · 7/7 às 17:59

Afonso Bento Tata 'Os
homens da renamo sao
analfabetos' segundo os
frelismistas, tudo bem, mas
esperteza inteligencia eu acredito k
eles possuem agora se pensam k
essa forma resolvaram a situacao
Ah!!! O povo nao quer guerra mas o
governo da frelimo quer · 7/7 às
17:53

Victorio Martins Que tal
deter a seguir Edson
Macuacua ... !!! · 7/7 às
16:39

Luis Guilamba Guebuza
prova mais uma vez que so
sabe governar patos pah. ·
7/7 às 16:37

Claudio Redol Muai
finalmente guebuza fez
unica coisa que sabe
INSTIGAR AINDA MAIS AS TENSOES
ENTRE ELES ASSIM JÁ TEMOS

GUERRA · 7/7 às 16:27

Carlos Pinto Nao eh com
isso que vamos ter medo
em dizer aquilo que
sentimos. Aldraboies, corruptos,
ladroes, egoistas, mentirosos,
destruidores de nacao, assassinos,
traficantes de seres humanos ou
seus orgaos, banditos e etc..... Ja
viste que nao tem nenhum
adjectivos positivo que possa
classifica-los? Estao estao mal, e nos
povos estamos bem, tranquilos e
olhando a eles lutando por algo que
lhes eh oferecido pelo proprios
povo. Bando de patos marrecos! ·
7/7 às 16:23

**Arlindo Ascensao Vieira
Lopes** Esta a se a chegar
um estagio que ja nao ha
nada a perder, babar ate quando?
20 bilhoes de moçambicanos sofrer
por causa de um grupo de bandidos
armados. Nao vejo a hora de se
passar a ofensiva · Ontem às 8:23

David Junior Tivane
Guerra por detencao do
Muchanga??? ele so k
merexa paz e liberdade??? tantos
outros moçambicanos k usam troco
Muxungue-rio save vs tao sofrer
nosso irmaos a mando da RENAMO.
· 7/7 às 21:55

Estefaneo Bengazzy estive
a ler atenciosamente os
comentarios, conclui que
muitos nao sabem o que estao a
dizer ou porque nunca passaram
esse troco rio-save muxungue no
actual cenario eh melhor fecharem
vossos bicos, porque as coisas vao
piorar, eles fizeram isso nunca
viajaram de carro de mpt ao centro
ou norte do pais por isso cuidado
amigos isso eh inico duma gerra de
verdade · 7/7 às 20:36

Cristina Cristiano
merecia a muito tempo,
ele acha graça dizer que
vão incendiar o pais e matam
inocentes. fogo · 7/7 às 19:32

Rito Benevolente mas tbm
o tipo fala demais. valeu ·
7/7 às 18:57

Masquil Guente Ece pais
tem leis, é pra cumplir e
fazer cumplir... nao
insitem a violencia! · 7/7 às 17:46

Pereira Antonio Politica!
Max era reuniao ou
ratoeira! Ta bem kual foi a
conclusao do encontro? Amanha
pdms viajar d carro! Poxo ter meu
irmao d volta? · 7/7 às 17:37

Afonso Bento Tata O
guebuza esta a brinkar
com fogo, desse jeito
quem fikara mal serao os k fikarao
na frelimo na minha opniao ele
devia resolver o caso da tensao
politica do pais e sair da presidencia
sem prejudicar o povo · 7/7 às 17:36

**Lourenço Herminio
Monteiro** Guebas 100%
ker guerra · 7/7 às 17:26

Ricardo Xavier Acabou a
guerra pessoal Muxanga ta
detido quem quiser
amanha atravessa a vontade o troço
Muxungue - Save. Conclusao obvia
do Conselho de Estado. Viva os
patriotas · Ontem às 2:35

Ngany Hungulane Khossa
Incitamento a violencia
pior que o Malagueta!
Falou demais foi muito bom · 7/7 às
17:12



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Uma cidadã identificada pelo nome de Cláudia José, residente do bairro Militar, na vila municipal de Catandica, no distrito de Báruè, na província de Manica, foi espancada por um grupo de elementos das Forças Armadas de Defesa de Moçambique, na última quinta-feira (3), supostamente por ter passado por uma zona restrita fora do período indicado para o efeito.

<http://www.verdade.co.mz/newsflash/47351>

Lifoco Lago A frelimo e que
fez a frelimo e que faz ·
Ontem às 8:50

Herminia Manhica O
engraxado nunca fazem cm
malfeiteiros. · Ontem às 9:41

**Jose Antonio Mabota
Mabota** Entra aond a
frelimo no espancamento
da cidadã · Ontem às 9:06

Catrin Jacinto isso é
desunião.nós iriamos
inverter esse Cenário nas
Urnas.já chega de escravidão. ·
Ontem às 9:02

Aiasse Amimo Pais do panza
meu deus onde vamos cm
tanta violencia. · 23 h

Absa Paulo Chaque Vocês
não estam bem, qual é a lei
que diz que si um/a
cidão/á comete uma ifração seja
qual for tem que pagar com purrada???

Seus ignorantes · Ontem às 11:12

Alberto Abudo Ainda ela
morra no mesmo bairro e
conhece bem a zona razão

de desobediência · Ontem às 11:10

Carlos Rodrigues Ela foi
culpada por si e conhece
bem as regras dai! E k
horas! Até podia ser confundido
como uma espiã e quem sabe? ·
Ontem às 10:45

Luis Mate Espancamento
foi das FADM! Onde entra a
Renano ai? E a Frelimo?
Procuram também perceber o que é
zona restrita? Neste tempo de
agitação e turbulência é bem normal
que as FADM tenham confundido a
rapariga com uma olheira do inimigo,
ela estava na área restrita meu deus,
e numa hora anormal. Naõ pretendo
defender os espancamentos em que
a rapariga foi sujeita. Experimentam
fazer uma análise ou crítica imparcial,
isso faz bem a saúde, ao invés de
armarem-se em Songokus do Face! ·
Ontem às 10:19

Victor Magalhaes hum
luis,deviam é exigir
xplicação o k ela fazia ai e a
akela hora.kem sabe se vinha duma
viagem ou tava fugir bandidos? · 9 h



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Individuos ainda a monte assaltaram a casa do presidente do Conselho Municipal da Cidade de Nampula, Mahamudo Amurane, e saquearam
alguns bens, na noite de quinta-feira (03), na capital da região norte de Moçambique.

<http://www.verdade.co.mz/newsflash/47307>

Santos Talhada Talhada
Como roubar na ponta
vermelha?se kem xta la é
chefe d ladros. · 5/7 às 17:38

Miguel Silvestre Quando
cidadao comum é
assaltado, esposa violada
nao há tristeza nê? So quando
assaltam a elite moz é k xta mal?
Akeles k sao assaltados diariamente
ninguem lamenta pkê? · 5/7 às 17:38

Arsénio Duarte Sindique
bem dada a resposta Gosto
· 5/7 às 18:52

Ray Bob Manhiça Rever as
notícias. Nao ha exceção
aqui. Publica-se para tdas
faixas. Gosto · 6/7 às 6:34

Varlido Jorge Mahoche
boa reflexao, mas ele
tambem e cidadao Gosto ·
6/7 às 14:02

**Arlindo António Chiuiane
Nhantumbo** Estranho.O
vandalismo ...Estamos
caminhando para a
desagregacao.Isto reaviva-me o
mfecane.De tombo a tombo para o
precipicio. · 5/7 às 18:19

**Orlando Lourenco
Nhantungo** A policia pode
conhecer o paradeiro dos
bens roubados. · 5/7 às 18:06

Pedro Cristovao Mawai Jr.
so falta ouvirmos k foram
roubar na ponta
vermelha. · 5/7 às 17:32

Luis Carmindo Faquira
Esse amurane, joga muito
sujo, como é k casa do edil
é assaltada se la tem
seguranca 24/dia? Desd k entro so
cria vhuku-vhuko, é bem possivel k
ele tenha orquestrado isso. Pra se
achar que ha uma mao estranha
nisso. Cuidado cm essa turma d
mdm. Esses jogam sujo e usa o povo.
· 6/7 às 6:52

Lucia Jeremias Sito Sito
Triste cenario k se vive no
pais,alguns aproveitam
ofender aos outros · 5/7 às 19:46

Zimir Jovo tal mal ixo. os
ladroes tao roubar pah. cade
a policia. · 5/7 às 17:27

Pedro Firmino Invejosos,
Só podem ser Mandados
pela Frelimo. · 5/7 às 18:11

Daniilo de Nascimento
Esses gatunos são muito
abusados, até assaltam
residências dos #excelentíssimos
senhores... · 6/7 às 20:56

Rinde Machava Caso d
policia!jorge khalau dve ir
guarnecer em csa do exia
amurane em vez d violentar renamo
cm palavras sujas. · 6/7 às 17:36

VERDADE

todos os dias

A verdade em cada palavra.

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz